



UnB

Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Letras - IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

Marina Correia Lima Felix

EVIDENCIALIDADE E MODALIDADE NO TUKANO: DA DESCRIÇÃO, ANÁLISE E
RELAÇÃO ENTRE AS CATEGORIAS NOS SUFIXOS DE TAME

Brasília

2025

Marina Correia Lima Felix

Evidencialidade e Modalidade no Tukano: da descrição, análise e relação entre as categorias nos
sufixos de TAME

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Costa Chacon.

Brasília

2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CF316e Correia Lima Felix, Marina
 Evidencialidade e Modalidade no Tukano: da descrição,
 análise e relação entre as categorias nos sufixos de TAME /
 Marina Correia Lima Felix; orientador Thiago Costa Chacon.
 Brasília, 2025.
 173 p.

 Tese(Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília,
 2025.

 1. evidencialidade. 2. modalidade. 3. Tukano. 4. Tempo,
 Aspecto, Modo e Evidencialidade. 5. morfologia verbal. I.
 Costa Chacon, Thiago, orient. II. Título.

Marina Correia Lima Felix

Evidencialidade e Modalidade no Tukano: da descrição, análise e relação entre as categorias nos sufixos de TAME.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Costa Chacon.

Brasília, 29 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Costa Chacon (orientador e presidente da banca)
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes (membro interno)
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Patience Epps (membra externa)
Universidade do Texas em Austin

Profa. Dra. Marina Maria Silva Magalhães (membra suplente)
Universidade de Brasília

A todos os meus professores, ensinadores,
dedico esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Ainda que apenas meu nome esteja na capa desta dissertação, a pesquisa e a produção acadêmica são um esforço de natureza conjunta e colaborativa. Portanto, eu estaria mentindo se eu não dissesse que este também é um trabalho de muitas mãos. Aqui vão alguns agradecimentos.

Aos meus professores de Tukano na Comunidade do Balaio e em São Gabriel da Cachoeira, Dona Jacinta Sampaio, Tiago Sampaio e Juscelino de Azevedo por sentarem comigo e tomarem o tempo para me ensinar a língua e os conhecimentos Tukano. A Álvaro e Luvan Sampaio pelo apoio, pelos ensinamentos sobre a língua desde a graduação aqui em Brasília e pela luta pelas tradições e conhecimentos Tukano. Ao professor Hemildo Falcão por me guiar, ajudar e me apresentar a Comunidade do Balaio e seus moradores.

À minha família, em especial, minha mãe, Conceição, pela companhia e pelo apoio que me permitiu terminar esta dissertação. Também ao meu pai Wilson, às minhas irmãs, principalmente, Clara, minha irmã gêmea, mestre em história, que hoje cursa letras e com quem espero poder discutir este trabalho.

À minha companheira, Ana Luiza, pelo amor, pelo carinho, pela coragem dada a mim para continuar meu trabalho sem desistir e ceder aos questionamentos sobre minha competência e sobre meu lugar no mundo.

Aos meus colegas e amigos pesquisadores de línguas indígenas do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, em especial, Mateus e Gabriel, companheiros de orientação. Aos meus amigos que fiz na graduação e que me lembram que existe vida além da pesquisa, Giu e João.

Ao meu orientador, Thiago Chacon, por, desde a iniciação científica, discutir ideias e trabalhar comigo não apenas como professor, mas como colega de pesquisa. Aos demais professores da Universidade de Brasília e do Núcleo de Tipologia Linguística.

À minha casa, Universidade de Brasília, instituição cuja excelência em pesquisa sobre línguas indígenas me enche de orgulho, mas também me encoraja o mais genuíno sentimento de bairrismo. Ao Programa de Documentação de Línguas Ameaçadas (ELDP) e ao Instituto Max Planck por viabilizarem a realização e o aprendizado de documentação linguística, inclusive para esta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar como os conceitos de evidencialidade (fonte de informação) e modalidade (atitude quanto à informação) são codificados no Tukano, em especial, nos sufixos de TAME. Nesse sentido, a língua Tukano, como outras línguas da família Tukano Oriental, dispõe de um paradigma complexo de evidencialidade o qual permite quatro escolhas: visual/não-marcado, não-visual, inferencial e reportativo. Para além de codificar evidencialidade, os sufixos expressam tempo, aspecto, modalidade *realis/irrealis* e marcação de pessoa, número e gênero (PNG). Ao longo da literatura gramatical Tukano, os conceitos de modalidade e, em especial, evidencialidade, nem sempre foram sistematicamente descritos e organizados em um paradigma, no entanto estas descrições sugerem uma relação entre evidencialidade e modalidade, sobretudo, entre o não-visual do presente *-sa* e modalidade epistêmica, o que conversa com as discussões sobre evidencialidade e modalidade na literatura teórica sobre estes conceitos. Tendo isso em vista, a partir de dados coletados em campo, para o uso cotidiano da língua, e disponíveis em acervos de artes verbais e narrativas da língua Tukano, para o uso especializado, encontramos evidências de que há uma relação fluída entre modalidade evidencialidade a partir de uma análise de aspectos formais e funcionais desde um ponto de vista sincrônico e diacrônico.

Palavras-chave: evidencialidade; modalidade; Tukano; família Tukano; tempo, aspecto, modalidade e evidencialidade; morfologia verbal.

ABSTRACT

This dissertation aims to describe and analyze how the concepts of evidentiality (source of information) and modality (attitude towards information) are codified in Tukanoan, especially in TAME suffixes. In this regard, the Tukanoan language, like other languages of the Eastern Tukanoan branch, has a complex paradigm of evidentiality which allows for four choices: visual/non-marked, non-visual, inferential and reportative. As well as expressing evidentiality, the suffixes express tense, aspect, *realis/irrealis* modality and PNG marking. Throughout Tukanoan descriptive literature, the concepts of modality and, in particular, evidentiality have not always been systematically described and organized into a succinct paradigm. However, these descriptions suggest a relationship between evidentiality and modality, mainly, between the non-visual present *-sa* and epistemic modality, which relates to the discussions on evidentiality and modality in the theoretical literature on these concepts. With this in mind, based on data collected during fieldwork, for everyday language use, as well as on data available in text archives of Tukanoan verbal arts and narratives, for specialized use, we found evidence that there is a fluid relationship between evidentiality, and modality based on an analysis of formal and functional aspects from synchronic and diachronic points of view.

Key words: evidentiality; modality; Tukanoan; Tukanoan language family; tense, aspect, modality and evidentiality, verbal morphology.

LISTA DE ABREVIATURAS

1/2/INAN	1ª e 2ª pessoas animadas e 3ª pessoa inanimada
2/3	2ª e 3ª pessoas
3	3ª pessoa
ANA	anáfora
AUX	auxiliar
ASS	assertivo
CON	contável
COP	cópula
CR	câmbio de referência
CTF	centrífugo (movimento orientado para longe do falante)
CTP	centrípeto (movimento orientado em direção ao falante)
DEM	demonstrativo
ESP	especificador
EXC	exclusivo
FAB	forma de abóboda
FLAGO	forma de lago
FPAN	forma de panela
FRET	forma retilínea
FROL	forma roliça
FSG	feminino singular animado
FTUB	forma tubular
FUT	futuro
HORT	exortativo
GLOC	gênero locativo
IMP	imperativo
INAN	inanimado
INC	inclusivo
INF	inferencial
INT	interrogativo
IPFV	imperfectivo
LOC	locativo
MS	mesmo sujeito (marca de correferência)
NCON	não-contável
NEG	negativo
NFSG	não feminino singular
NMLZ	nominalizador
NVIS	não-visual
OBL	oblíquo
ORI	oriundo
PL	plural animado
PNG	pessoa, número e gênero
PREC	passado recente
PREM	passado remoto
PRES	presente
PROG	aspecto progressivo

REP	reportativo
SG	singular
SGV	singulativo
SN	sintagma nominal
TAME	tempo, aspecto, modalidade e evidencialidade
VIS	visual

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. Definição do problema de pesquisa	14
1.2. Objetivos	18
1.2.1. Objetivo geral.....	18
1.2.2. Objetivos específicos.....	18
1.3. Justificativa.....	19
1.4. Metodologia.....	20
1.4.1. <i>Corpus</i>	20
1.4.2. Trabalho de campo	21
1.4.3. Coleta de dados	22
1.4.4. Análise de dados.....	22
1.5. Síntese de capítulos.....	25
2. POVO, CULTURA E LÍNGUA TUKANO.....	27
2.1. Visão Geral	27
2.2. Comunidade do Balaio e vitalidade da língua Tukano na região	28
2.3. Ecologia linguística.....	30
2.4. Variação dialetal.....	31
2.5. Família Tukano	33
2.6. Características descritivas e tipológicas gerais.....	34
2.6.1. Fonologia segmental	34
2.6.2. Fonologia suprasegmental.....	36
2.6.3. Ortografia prática	37
2.6.4. Morfologia e classificação nominal	38
2.6.5. Morfologia Verbal	41
2.6.6. Morfossintaxe	42
2.6.7. Construções verbais analíticas	47

3. REVISÃO DA LITERATURA SOBRE EVIDENCIALIDADE E DESCRIÇÃO GRAMATICAL TUKANO	50
3.1. Definindo evidencialidade.....	50
3.2. Sufixos TAME, evidencialidade e modalidade no Tukano	52
3.2.1. Ramirez (2019 [1997]a)	53
3.2.2. West (1980) e West e Welch (2004)	59
3.2.3. Sorensen (1969)	65
3.2.4. Silva (1966)	68
3.2.5. Síntese.....	70
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS SUFIXOS DE TAME	72
4.1. Funcionamento geral dos sufixos de TAME no Tukano	72
4.2. Os evidenciais.....	85
4.2.1. Visual/Não Marcado.....	85
4.2.2. Não-visual.....	87
4.2.3. O inferencial	94
4.2.4. O reportativo	98
4.3. Síntese	101
5. SUFIXOS DE TAME E MODALIDADE.....	103
5.1. Definição, delimitação e enquadramento teórico-metodológico	103
5.1.1. <i>Realis</i> vs <i>Irrealis</i>	103
5.1.2. Evidenciais, <i>realis</i> e <i>irrealis</i> , e tipos de sentença: o que consideramos marca de modalidade <i>irrealis</i>	104
5.1.3. <i>Irrealis</i> : modalidades dinâmica e epistêmica.....	108
5.2. Modais Tukano	112
5.2.1. Morfologia flexional como codificadora de modalidade	113
5.2.2. Auxiliares e verbos seriais	115
5.3. Modalidade e evidenciais no Tukano.....	120
5.3.1. Evidência não-visual e modalidade.....	120

5.4. Entendendo a relação entre modalidade e codificadores de evidencialidade.....	126
5.4.1. Plano sincrônico	126
5.4.2. Gramaticalização do <i>-sa</i>	129
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	143
APÊNDICE A – FOTOGRAFIAS DE CAMPO	148
APÊNDICE B – ESTÍMULOS DE CAMPO.....	156
APÊNDICE C- ALGUNS CONCEITOS DA LISTA DO <i>LEXIBANK</i> E EXEMPLOS ELICITADOS	161
ANEXO A – HANDE HANDE 1	165
Transcrição	165
Tradução livre.....	165
Glosas.....	166
ANEXO B – HANDE HANDE 2.....	170
Transcrição	170
Tradução livre.....	170
Glosas.....	171

1. INTRODUÇÃO

Nesta dissertação vamos descrever, analisar e relacionar as categorias semânticas gerais de evidencialidade e modalidade na língua Tukano e outras categorias afins. A língua Tukano pertence à família Tukano, uma família de 20 línguas aparentadas faladas atualmente na região do Noroeste Amazônico, na América do Sul. A família é dividida em dois ramos, o ramo Ocidental e o ramo Oriental, do qual o Tukano próprio faz parte.

Para fazer isso, centramos nossa análise nos sufixos finitos de Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade e Evidencialidade, doravante TAME, mas também exploramos manifestações menos gramaticalizadas de evidencialidade e modalidade na língua. Neste capítulo introdutório, definiremos o problema de pesquisa (seção 1.1), nossos objetivos com este trabalho (seção 1.2), a justificativa (seção 1.3) e nossa metodologia (seção 1.4). Por fim, concluímos com um breve resumo dos capítulos desta dissertação (seção 1.5).

Esta dissertação está dividida em seis capítulos, Introdução (capítulo 1); Sobre o povo e a língua Tukano (capítulo 2); Revisão da literatura sobre evidencialidade e da literatura gramatical Tukano (capítulo 3); Descrição e Análise dos sufixos de TAME no Tukano (capítulo 4); Modalidade e Evidencialidade no Tukano (capítulo 5) e Considerações Finais (capítulo 6).

1.1. Definição do problema de pesquisa

A evidencialidade é uma categoria semântica que codifica a fonte de informação do falante sobre um determinado enunciado. Sua manifestação formal varia nas diferentes línguas ao redor do mundo. Enquanto, por um lado, na maior parte dos casos, a evidencialidade é codificada a partir de mecanismos lexicais ou sintáticos, o que Aikhenvald (2004) vai denominar estratégias de evidencialidade, em cerca de um quarto das línguas, a evidencialidade será gramatical e obrigatoriamente marcada por afixos ou clíticos. Estas formas são o que Aikhenvald denomina evidenciais, morfemas gramaticalizados de codificação da evidencialidade. Os morfemas evidenciais podem ou não expressar outras categorias adicionais, como tempo, aspecto e modalidade.

O estudo da evidencialidade é relativamente recente e esteve ausente de estudos da morfologia verbal anteriores ao século XX porque suas formas gramaticalizadas figuram com mais frequência em línguas minorizadas. Assim, como veremos mais a diante, a primeira descrição documentada sobre evidenciais encontra-se nos estudos de Franz Boas para o Kwakiutl (Boas,

1911, p. 436, 496 *apud* Aikhenvald, 2014, p.4). Nesse sentido, os estudos tipológicos sobre evidencialidade e evidenciais, em um primeiro momento, delimitaram a evidencialidade como uma subcategoria da modalidade, categoria mais amplamente descrita e estabelecida em estudos sobre morfologia e semântica verbal e proposicional. Trabalhos mais recentes sobre o tema, em especial de Aikhenvald (2004), contudo, transitam para uma conceptualização distinta da categoria, ao estabelecer que modalidade, em especial, modalidade epistêmica, e evidencialidade são nocionalmente distintas, sendo primeira forma de codificar a atitude do falante quanto à veracidade do enunciado e a segunda, uma forma de marcar a fonte de informação. Vista dessa maneira, evidencialidade não necessariamente seria modalidade epistêmica, pois não impõe sobre a proposição uma atitude acerca da veracidade do enunciado.

Desde um ponto de vista teórico, este trabalho segue a visão de Aikhenvald (2004) e adota a postura de que evidencialidade não é uma subcategoria da modalidade, mas uma categoria independente. Contudo não é incomum que evidenciais possuam extensões de sentido modais e que se depreendam sentidos evidenciais a partir de modais (Aikhenvald 2004). Formalmente, modalidade e evidencialidade costumam integrar o mesmo conjunto de formas flexionais e clíticos na morfologia verbal das línguas do mundo (Forker, 2018). Nos planos semântico e pragmático, a atitude do falante quanto à veracidade da informação informa em parte a forma que o falante teve acesso à informação do enunciado, em que formas de evidência mais direta implicam maior confiabilidade acerca do que se diz. Talvez o ponto mais ambíguo seja formas evidenciais com base no raciocínio (presumido, inferido, deduzido), que são entendidas, em parte da literatura, como integrantes, tanto de categorias de evidencialidade, quanto de modalidade epistêmica (Palmer, 1986; Frawley, 1991, Van der Auwera e Plungian, 1998). Na língua Tukano e outras de sua mesma família, a categoria de fonte de informação que ocupa esta posição é o evidencial “assumido” (Stenzel e Gomez-Imbert, 2018).

Com isso em mente, neste trabalho, voltamos nossa atenção aos sufixos finitos de TAME no Tukano. Juntamente como Barnes (1984), Aikhenvald (2004) e Stenzel e Gomez-Imbert (2018), entendemos que o Tukano, assim como outras línguas Tukano Orientais, possui um sistema complexo de evidencialidade, admitindo quatro tipos de evidência: visual, não-visual, inferencial e reportativa, como vemos nos exemplos 1.1 – 1.4:

(1.1.) VISUAL

a'tí kasêro ã'ĩri bihi níi'.

a'tí kasê-ro ã'ĩ-ri bihi níi-Ø-'
DEM pano-NMLZ.GLOC sujeira-PL.INAN cheio COP-PRES.VIS-1/2/INAN
'Este pano está cheio de sujeira (veja).'

(1.2.) NÃO-VISUAL

mipî koo di'tepi saâ piôsamo.

mipî koo di'te-pi saâ piô-Ø-sa-mo
açai líquido pote.de.barro-LOC encher derramar-PRES-NVIS-3FSG
'Ela enche de açai o pote de barro (eu escuto o barulho da água).'

(1.3) INFERENCIAL

su'tiro ti'rêapã, sãatikãya.

su'ti-ro ti'rê-a-pã sãa-ti-ka-ya
roupar-NMLZ.GLOC rasgar-PREC-INF.1/2/INAN vestir-NEG-ASS-IMP
'a roupa rasgou, não use (não vi a roupa sendo rasgada, mas sei que foi pelos rasgos).'

(1.4) REPORTATIVO

bikî yê'me-turí boâpo'ro kãre.

bikî.yê'me-turí boâ-a-po'ro kã-re
pulmão apodrecer-PREC-REP-1/2/INAN ele-OBL
'Ele está com o pulmão cheio de infecção (ele disse).'

No exemplo 1.1. o emprego do visual indica que o falante teve acesso direto por meio da visão à situação do enunciado (o pano está sujo). No exemplo 1.2, o falante não viu o recipiente sendo cheio por açai, mas sabe o que está acontecendo por causa do barulho. No exemplo 1.3, a pessoa não viu a roupa sendo rasgada, mas pelos resultados perceptíveis desse evento, os rasgos, infere que a roupa foi rasgada. Por fim, no exemplo 1.4, o falante não viu, tampouco sente os efeitos das infecções no pulmão de outra pessoa, mas sabe dos efeitos porque ouviu falar a respeito destes.

A ideia de que os morfemas TAME do Tukano expressam evidencialidade é relativamente recente, sendo encontrada em Ramirez (2019 [1997]a) e West (1980), enquanto estudos anteriores

notavam mais a relação desses morfemas com a modalidade (Felix e Chacon (no prelo)). Foi a partir de West (1980) que os sufixos começam a ser analisados como parte de um paradigma evidencial mais consistente¹, embora não sejam necessariamente reconhecidos como tal. Ramirez (2019 [1997]a) avança nosso conhecimento sobre o funcionamento dos morfemas TAME, mas também não classifica esses morfemas como propriamente evidenciais, como veremos no capítulo 3. Ainda que defendamos que eles devem ser assim chamados, não se pode deixar de notar, contudo, que há evidenciais que mostram funções modais, em especial, o chamado evidencial não-visual, que demonstra um funcionamento muito produtivo como modal epistêmico (exemplo 1.5), além de figurar em outros tipos de construções modais, como veremos no capítulo 5:

(1.5) masîtisa' niîra niîs**ama**.

masî-ti-Ø-sa-'

niî-rã

niî-Ø-sa-ma

saber-NEG-PRES-NVIS-1/2/INAN

COP-NMLZ.PL

COP-PRES-NVIS-3PL

‘Não sei, talvez estejam lá.’

Nesse sentido, o exame do conjunto de obras descritivas do Tukano levanta alguns questionamentos, entre eles: por que, apenas no trabalho de Ramirez (2019 [1997]a), há um paradigma para os evidenciais, em especial para o não-visual? Por que o não-visual em quase todos os trabalhos sobre a língua Tukano é separado em categorias verbais com funções distintas? Enquanto, em parte, essas questões podem ser respondidas ao examinarmos o estado de desenvolvimento de métodos de documentação e descrição linguística bem como da tipologia sobre os fenômenos de modalidade e evidencialidade, que, como veremos no capítulo 3, a partir de obras como Chafe (1982), Willet (1988) e Palmer (1986), em geral associam os fenômenos de evidencialidade à modalidade, outras ensejam a investigação proposta neste trabalho.

Em nossa pesquisa acerca dos sufixos de TAME no Tukano, encontramos que as funções das formas codificadoras de modalidade em geral estão sujeitas a certos fatores condicionantes, como marcação de tempo, pessoa e também são sensíveis ao contexto discursivo do enunciado (capítulo 4). Ademais há evidências de que a marcação de TAME em determinados verbos modais segue os mesmos padrões de marcação que verbos de percepção e cognição, assim aproximando noções de

¹ Sorensen (1969) é a primeira e a única descrição dedicada ao Tukano, até agora, a empregar o termo evidencial, no entanto, a maioria das formas analisadas por ele não possui sentido evidencial, como veremos no capítulo 3.

evidencialidade e modalidade (capítulo 5). Por fim, ao investigarmos o desenvolvimento diacrônico do sufixo não-visual *-sa*, constatamos que este pode ser traçado primeiramente para o seu sentido epistêmico e, em seguida, para uma marca de evidencialidade não-visual (capítulo 5). Dessa forma, há fatores que motivam uma categorização mais fluida entre evidencialidade e modalidade em uma perspectiva específica ao Tukano.

Tendo em vista, portanto, a relação entre modalidade e evidencialidade desde uma perspectiva teórica, bem como a maneira como essas categorias têm sido descritas e analisadas na literatura gramatical do Tukano, propomos, com este trabalho, retomar os sufixos de TAME do Tukano e explorar os fatores semânticos e pragmáticos que motivam seu uso como evidenciais ou como modais. Ao mesmo tempo, como parte de nosso esforço para entender essa relação imbricada entre as duas categorias, traçaremos hipóteses de processos diacrônicos de mudança semântica e estrutural que motivaram o desenvolvimento dos sufixos TAME enquanto marcas de evidenciais.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo geral

- Descrever e analisar o comportamento dos morfemas que codificam tempo, aspecto, modo/modalidade e evidencialidade (TAME) nos verbos de orações finitas na língua Tukano.

1.2.2. Objetivos específicos

- descrever e analisar evidencialidade em conjunto com outras categorias codificadas pelos sufixos, a saber: tempo, aspecto, modalidade e pessoa, número e gênero (PNG);
- esclarecer parte dos pontos conflitantes na literatura gramatical Tukano sobre evidencialidade, evidenciais e modalidade epistêmica por meio de uma análise semântica e pragmática dos sufixos TAME;
- descrever e estabelecer um enquadre teórico sob o qual se pode entender a categoria semântica de modalidade no Tukano;
- traçar hipóteses de caminhos diacrônicos de gramaticalização que lancem luz sobre a relação entre modalidade e evidencialidade;
- explorar brevemente a ocorrência de evidenciais em gêneros discursivos de arte verbal e narrativa oral.

1.3. Justificativa

Esta pesquisa de mestrado primeiramente se justifica pela crescente necessidade de se descrever, analisar e documentar línguas não indo-europeias e, sobretudo, as línguas indígenas no Brasil que, desde a invasão europeia, vêm desaparecendo em ritmo constante em face das consequências contínuas do colonialismo. Das línguas indígenas faladas no país, poucas chegam a alcançar a marca dos 20 mil falantes, ou mesmo 10 mil falantes, 40 línguas correm risco iminente de desaparecimento e a maioria enfrenta ameaças quanto a sua vitalidade (Franchetto, 2021). Ao conversar com membros da comunidade Tukano em São Gabriel da Cachoeira, por exemplo, percebe-se uma crescente preocupação com a perda da língua e dos costumes tradicionais, como cantos, danças, práticas medicinais entre as gerações mais novas residentes da cidade. Nesse sentido, o trabalho de documentação, descrição e análise de línguas são esforços urgentes de enfrentamento de uma realidade em que um número crescente de línguas periga desaparecer.

No entanto, para além de simplesmente documentar uma língua indígena, entendendo seus falantes como objetos passivos e individualizados de pesquisa, é necessário subverter essa lógica, uma vez que não podemos dissociar a língua de seus falantes e de sua comunidade. A salvaguarda linguística não deve se preocupar apenas com um futuro em que não mais se fale uma língua ameaçada, mas com o presente, em que ainda é possível preservar e reverter o adormecimento linguístico. Por isso, a pesquisa em línguas indígenas, principalmente aquela feita por pessoas não-indígenas, não pode, de forma alguma, passar a largo de envolver a comunidade que estuda, construindo, junto a ela, seu objeto de estudo. Assim, espera-se que a pesquisa proposta contribua com iniciativas educacionais, culturais, políticas etc., futuras cuja relevância reside na emancipação e na valorização da língua (Seki, 2000).

Neste contexto, embora o tema desta pesquisa não impacte diretamente na revitalização da língua, ações de criação de acervos de dados linguísticos, assim como a interação e a troca fundamentais ao ofício da pesquisa linguística são passos não apenas para conservar os conhecimentos da língua junto à comunidade, mas um esforço de colaboração na passagem destes. Embora não seja este o caso com esta pesquisa, é de suma importância que a pesquisa sobre língua Tukano seja protagonizada por pessoas Tukano. Dessa forma, os dados linguísticos documentados nesta dissertação estarão sempre a serviço de iniciativas que busquem valorizar e fortalecer a vitalidade da língua, iniciativas estas que se estendem desde a elaboração de materiais educacionais que motivem o estudo do Tukano por seus falantes até formas de localizar as línguas indígenas

como organismos essenciais de manutenção de uma forma de viver, pensar e se relacionar com o mundo.

A descrição e a análise individuais de uma língua assim como o trabalho tipológico são um esforço contínuo que envolve a perspectiva de muitas pessoas. A descrição gramatical Tukano, sobretudo, acerca dos sufixos analisados nesta dissertação, demonstram este esforço e como diferentes visões acerca do fenômeno resultaram no estado da arte atual da descrição. De fato, é partir desses esforços sucessivos que se culminou a descrição mais abrangente e, ao mesmo tempo, sintética dos evidenciais em Ramirez (2019 [1997]a). Contudo, ao olharmos para trabalhos anteriores da língua, não apenas percebemos seu valor, mas também notamos questões descritivas que lançam luz sobre problemas de relevância teórica e que estimulam uma pesquisa mais minuciosa sobre os fenômenos de evidencialidade e modalidade.

Esperamos, portanto, que esta dissertação seja uma forma de promover a documentação da língua e de colaborar para a investigação teórica de modalidade e evidencialidade. Ainda que este seja um trabalho com foco descritivo específico ao Tukano, esperamos com ele explorar como os dados analisados aqui refletem, tanto no viés sincrônico, quanto no diacrônico, aspectos mais amplos da interação e da cognição humanas.

1.4. Metodologia

1.4.1. *Corpus*

Nesta dissertação, trabalhamos com três conjuntos de dados: dados controlados gravados em trabalho de campo por meio de elicitación; dados espontâneos gravados em contexto de performance de arte verbal; e dados já transcritos e/ou publicados.

a) Dados controlados:

- 21h13m19s de seções de gravação com falantes nativos da Língua Tukano;

b) Dados espontâneos

- CD de *Handes Handes* gravados pelo professor e pesquisador Thiago Costa Chacon na Comunidade do Balaio em 2007;

c) Dados transcritos e/ou publicados

- transcrição da narrativa *Pa'miri Wi'i* 'Casa de Transformação' feita por Álvaro Tukano a partir dos conhecimentos de seu pai, Casimiro Sampaio; gravação em 05 de jul. de 2005 em Brasília, DF;

- exemplos de uso dos sufixos presentes nas obras de Ramirez (2019 [1997]a), West (1980), West e Welch (2004), Sorensen (1969) e Silva (1966);
- narrativas *Kiti* em *Bahsamori: o tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Yepamahsã*, de Gabriel Sodré Maia (2018);
- *O'akihi Yeere U   ri Turi: O Novo Testamento na Língua Tukano*, da Liga Bíblica (2004).

1.4.2. Trabalho de campo

Os dados espontâneos utilizados nesta pesquisa foram gravados ao longo de várias seções entre janeiro e fevereiro de 2025 na Comunidade do Balaio², Amazonas, com dois falantes nativos da língua e da  tnia Tukano. O objetivo do trabalho de campo, para além de gravar os dados analisados nesta dissertação, foi intensificar o aprendizado da língua Ye'pa Mas  por meio da convivência e da participação nas atividades diárias dos moradores da comunidade. A partir desta convivência, foi possível conhecer parte da culinária, da medicina e das práticas tradicionais dos povos Tukano e Desano.

A viagem, a estadia e os equipamentos foram custeados com recursos provenientes do Programa de Documentação de Línguas Ameaçadas (ELDP, na sigla em ingl s³) para a coleta de dados para o *Glottobank*⁴ do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva. As gravações se destinaram a fomentar as bases de dados *Lexibank* e *Numeralbank*:

- *Lexibank*: nessa base de dados, busca-se documentar a variação l ngu stica no léxico das línguas do mundo a partir de uma lista de conceitos de vocabulário básico a ser expandida. Para o trabalho de campo, usamos uma lista de conceitos do *Lexibank*, dividida em 920 conceitos básicos e 114 termos de parentesco.
- *Numeralbank*: a documentação para esta base de dados tem, como objetivo, classificar os sistemas de numerais de acordo com suas propriedades, documentar a variação geográfica dos

² Realizei dois trabalhos de campo para o *Glottobank*; o primeiro, entre os meses de julho e agosto de 2024 em São Gabriel da Cachoeira no Amazonas com um professor e falante nativo da  tnia Tukano residente da cidade. O segundo é o descrito no corpo do texto na Comunidade do Balaio. Destes dois, apenas no segundo, foi possível gravar os dados utilizados para esta pesquisa.

³ *Endangered Languages Documentation Programme*.

⁴ “[...] um consórcio l ngu stico internacional criado para documentar e entender a diversidade l ngu stica do mundo. [...] Fazendo isso, nós [Glottobank] esperamos desenvolver métodos para documentação l ngu stica, compilar dados sobre as línguas do mundo e torná-los acessíveis. Ademais, estamos desenvolvendo metodologias para que, por meio destes dados, seja possível fazer inferências sobre a pr -história humana, os relacionamentos entre l nguagens e os processos de mudança l ngu stica. [...]” (Glottobank, 2024, tradução nossa)

tipos de sistema, verificar aspectos comuns ou destoantes nos conjuntos de numerais em línguas do mundo, reconstruir estados anteriores dos numerais de diferentes línguas, etc. (Glottobank, 2024). Para o Tukano, utilizamos uma lista de números cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

1.4.3. Coleta de dados

Para a gravação dos dados linguísticos aqui analisados, procedemos com três métodos de elicitación. No primeiro, (exemplos 1.6a – 1.6e), pedimos aos nossos colaboradores que traduzissem sentenças do Português ilustrativas de evidencialidade e modalidade, como:

- (1.6) a. dá para pescar com matapi;
 b. ele sabe pescar com matapi;
 c. ele consegue pescar com matapi;
 d. eu sei pescar com matapi;
 e. eu consigo pescar com matapi.

No segundo método, (exemplos 1.7a e 1.7b), elicitamos sentenças a partir da elaboração de situações hipotéticas que deviam ser respondidas na forma que o falante asalaria em Tukano:

- (1.7) a. Você escuta sua filha em casa. Para falar que ela está lá, você diz:
 Minha filha está em casa.
 b. Você percebe que a farinha queimou e fala:
 A farinha queimou.

O terceiro método consistiu na elicitación de sentenças em conjunto com a elicitación de conceitos para o Lexibank. Pedimos aos colaboradores sentenças já elaboradas por nós e também solicitamos a estes que pensassem em sentenças livremente. A vantagem desse tipo de elicitación é que ele nos permitiu verificar características do Tukano que não teríamos conseguido perceber com base em uma elicitación mais rígida de sentenças.

1.4.4. Análise de dados

a) Dados controlados e espontâneos

Os arquivos de áudio consistem nas sentenças elicitadas durante o trabalho de campo e o CD de *Handes Handes*. Ambos foram analisados por meio do *software* de transcrição *Elan* (versão 6.9). Segmentamos as sentenças em morfemas, fizemos a análise de glosas e por fim elaboramos uma tradução livre no Português, como na Figura 1:

Figura 1 – fluxo de trabalho no Elan

	00:21:32.000	00:21:34.000	00:21:36.000
default [121]		Ki' wio'gi a'ti'akihi ni'api'	
seg morf [24]		Ki' wió-gi a'ti-akihi dii-a-pi'	
glosa [23]		3msg chefe-msg vir-fut.pfv cop-prec-rep	
trad livre [24]		Ele, o chefe (presidente) disse que vem	
obs [6]			

Fonte: elaborada pela autora.

b) Dados transcritos e/ou publicados

Para os arquivos de texto, a saber:

- exemplos de uso dos sufixos presentes nas obras de Ramirez (2019 [1997]a), West (1980), West e Welch (2004), Sorensen (1969) e Silva (1966);
- narrativas *Kiti* em *Bahsamori: o tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Yepamahsã* de Gabriel Sodré Maia (2018);
- *O'akihi Yeere Uúkũri Turi: O Novo Testamento na Língua Tukano*, da Liga Bíblica (2004);

empregamos os mesmos procedimentos utilizados para os dados gravados, com exceção da transcrição: segmentação morfológica, análise de glosas e tradução livre

c) Criação de base dados

Os dados controlados foram arranjados em uma planilha de *Excel* a partir da análise quanto ao tipo de evidencialidade e quanto ao tipo de modalidade. Os tipos de modalidade foram pensados mais livremente de acordo com diferentes tipologias sobre a categoria (Van der Auwera e Plungian, 1998; Bybee *et al*, 1994; Palmer, 1986; Frawley, 1991), para que depois se elaborasse um enquadre teórico-metodológico que melhor contemplasse a língua Tukano (ver capítulo 5). Na Figura 2, vemos a organização da base de dados com base na escolha evidencial.

Figura 2 – planilha de análise de dados quanto à evidencialidade

	VISUAL	NÃO VISUAL	INFERENCIAL	REPORTATIVO	EGOFORICIDADE/SONHO
		mī'i uūkūsehere tī'o yā'atisa'	ditī- biki oōri a'tōpi niīapā		yī'i waa-daa surū wa'aasi
		mī'i uūkū-sehe-re tī'o yā'a-ti-Ø-sa-'	ditī- biki oō-ri a'tō-pi niī-a-pā		yī'i waa-daa surū wa'a-a-si
		2sg falar-inan-obl compreender-neg-pre s-nvis-n3	cogumelo-pl.inan dem-loc cop-prec-inf.n3		1sg veias arrebentar ing-prec-nvis.n3
		Eu não consigo escutar sua voz	Apareceram cogumelos aqui		Minhas veias arrebentaram
			di'ā wetiāpā/ di'ā wetīro weeapi		ni'kare yī'i tutuāsehe marīasi
			di'ā weti-a-pā/ di'ā wetī-ro wee-a-Ø-pi		ni'ka-re yī'i tutuā-sehe marī-a-si
			seco-prec-inf.n3/ rio ficar seco-part fazer.aux-prec-vis-n 3		hoje-obl 1sg ter força-inan não ter-prec-nvis.n3
			O rio ficou seco/o rio está secando		me faltou força hoje
	o'ōri koō otē'karo tī'sā butiamo	durēsehe nikīro okōro'			wisi wa'aasi
	o'ō-ri koō otē-'ka-ro tī'sā butia-Ø-mo	durē-sehe niki-ro okōro-Ø-'			wisi wa'a-a-si

Fonte: elaborado pela autora.

Na figura 3, vemos como as sentenças foram organizadas de acordo com noções modais e sua marcação por sufixos de TAME:

Figura 3 – planilha de análise de dados quanto à modalidade

POSS RAIZ	POSS INTERNA	POSS DEONTICA	INCERTEZA	ASSUMIDO	OBRIGAÇÃO	NECESSIDADE
pesakahá pūri me'rā weē taha basiósari?	mī'f uúkūsehere tī'o yā'atisa'		kasā yī'ri pē'ari kasā peó taha sam nīfasi yaa (?)		marīre diporókāharāpi masīsehere masīro iasa'	marīre diporókāharāpi masīsehere masīro iasa'
pesakahá pūri me'rā weē taha (?) basió-Ø-sa-ri?	mī'f uúkū-sehe-re tī'o yā'a-ti-Ø-sa-'		kasā yī'ri pē'a-ri kasā peó taha-Ø-sa-ma nīf-a-si yaa (?)		marī-re diporó-kāha-rā-pi masī-sehe-re masī-ro ia-Ø-sa-'	marī-re diporó-kāha-rā-pi masī-sehe-re masī-ro ia-Ø-sa-'
chapéu folha inst fazer taha (?) ser possível-pres-nvis-int?	2sg falar-inan-obl compreender-neg-pres -nvis-n3		estrutura de madeira passar por atravessar-pl.inan estrutura de madeira terminar já-pres-nvis-3pl cop-prec-nvis.n3 yaa (?)		antigamente-orion do-pl-loc conhecer-inan-obl saber-part querer-pres-nvis-n 3	antigamente-orion do-pl-loc conhecer-inan-obl saber-part querer-pres-nvis-n 3
É possível fazer chapéu com folha?	Eu não consigo escutar sua voz		Pensei que já tinha terminado a ponte		A nós é necessário saber o conhecimento dos antigos	A nós é necessário saber o conhecimento dos antigos
			ape teero weero ba'āsehe āyú tohasa'		du'tíro iasá'	wesé da'rāsehe nīikā' tutuāsehere iá'
			ape teero wee-ro ba'ā-sehe āyú toha-Ø-sa-'		Wa'i-Masá-re marī-re du'ti-ro ia-Ø-sá-'	nīi-kā' tutuā-sehe-re iá-Ø-'

evidencialidade modalidade +

Fonte: elaborada pela autora.

1.5. Síntese de capítulos

Esta dissertação está dividida em seis capítulos. No capítulo 2, falamos sobre a organização social e a cultura do povo Tukano em um contexto multilíngue. Depois apresentamos a comunidade do Balaio, local onde se realizou a pesquisa de campo, com algumas notas acerca da vitalidade linguística. A seguir, tratamos da família Tukano, e, por fim, fornecemos um breve apanhado dos aspectos descritivos e tipológicos gerais. No capítulo 3, fizemos uma síntese da literatura teórica sobre evidencialidade e modalidade, desde Boas até Aikhenvald (2004) e sobre a literatura descritiva da língua. No capítulo 4, fizemos a descrição e análise dos sufixos de TAME quanto ao funcionamento geral dos sufixos, isto é, as noções codificadas por estes, como evidencialidade, tempo, aspecto e modalidade, PNG e sua ocorrência em tipos de sentença. Em seguida, abordamos o funcionamento de cada escolha evidencial (visual, não-visual, inferencial e reportativo) individualmente, a sua segmentação e o seu emprego em contextos discursivos especializados. No capítulo 5, explicamos o enquadro teórico de modalidade elaborado para esta pesquisa, tratamos da codificação de modalidade em Tukano por morfologia flexional e por verbos modais. Posteriormente, vemos como as categorias teóricas de modalidade interagem com sufixos TAME e os fatores funcionais sincrônicos e diacrônicos que motivam a relação entre modalidade e

evidencialidade na língua. No capítulo 6, expomos nossas considerações finais, com uma retomada da nossa análise, conclusões a partir do exposto e questões futuras de pesquisa.

2. POVO, CULTURA E LÍNGUA TUKANO

Neste capítulo trataremos brevemente de aspectos sociais, culturais e linguísticos da língua Tukano ou *Ye'pa Masa*. Apresentaremos, primeiro, uma visão geral do povo (seção 2.1), depois da Comunidade do Balaio (seção 2.2), lugar onde se realizou o trabalho de campo; em seguida, falaremos um pouco da ecologia linguística da região do Alto Rio Negro (seção 2.2); da variação dialetal documentada (seção 2.3); da família Tukano (2.4) e, finalmente, trataremos de aspectos descritivos e tipológicos gerais do Tukano (seção 2.5).

2.1. Visão Geral

O povo Tukano habita a região do Rio Uaupés e seus afluentes – rios Tiquié e Papuri – no centro do Noroeste Amazônico, entre os estados do Amazonas, no Brasil, e o departamento do Vaupés, na Colômbia. Fora o rio Uaupés, hoje os Tukano também habitam povoados no médio Rio Negro (Sarmiento, 2018), além do centro urbano de São Gabriel da Cachoeira e comunidades próximas. A população da etnia, de acordo com dados mais recentes, é de mais ou menos 13 mil⁵ pessoas (ISA, 2024). Além do povo Tukano, a região abriga outros grupos étnicos falantes de línguas Tukano orientais, bem como falantes das línguas Naduhup e da família Arawak (Epps, 2007). Nesta região, a interação entre os grupos Tukano formou o que se pode chamar de área cultural do Uaupés (Sorensen, 1967), onde se compartilham padrões culturais comuns, multilinguismo entre falantes de línguas Tukano, Arawak e Naduhup e participação em um sistema de exogamia com base na troca de mulheres entre grupos de descendência patrilinear (Hugh-Jones, 1979, p. 11).

Antigamente, cada comunidade nessa região era mais ou menos delimitada por uma maloca, a qual era definida pelo grupo de descendência patrilinear com casamento virilocal e agricultura baseada no cultivo de mandioca (Hugh-Jones, 1979). Jackson (1983, p. 77, tradução nossa) aponta as características importantes de cada povoado no Uaupés:

(...) (1) uma maloca comunal por povoado com várias famílias; (2) sibs nomeadas, exogâmicas e localizadas; (3) regra patrilocal de residência; (4) exogamia de povoado; (5) a tendência de classificar afins como “diferente de nós” ou “forasteiros”; (6) uma lista de nomes pessoais possuídos por cada sib e dados no momento do nascimento em uma ordem específica; (7) nomes de sib que, às vezes, possuem um caráter “totêmico”, isto é, uma associação com uma planta ou um animal. Em alguns casos, esta associação é tornada mais explícita ao se atribuir similaridades em qualidades entre membros de um sib e seu

⁵ Importante notar que esse número se refere ao total de pessoas que se identificam com a etnia Tukano, não ao número total de falantes.

epônimo.⁶

Contudo, há muitos anos que a moradia em malocas foi abandonada em favor de um modelo de moradia mais similar aos tipos de habitação da sociedade brasileira não indígena. Isso se deve à influência de missionários Salesianos cuja presença na região a partir da década de 1915 afetou drasticamente os hábitos tradicionais originais do povo *Ye'pa Masã*, como xamanismo e rituais de iniciação masculino (Ramirez, 2019 [1997]a). Esta presença, embora em declínio, ainda é forte, sobretudo na educação. A presença de missionários em povoados Tukano afetou também a vitalidade da língua, já que a prática da cultura, incluindo a fala e a passagem da língua *Ye'pâ Masã* foi proibida pelos padres nas missões e nos internatos durante muito tempo.

Como é frequentemente destacado na etnologia de grupos Tukano, estes se organizam a partir da regra de exogamia, isto é, a obrigação de casamento do homem com uma mulher pertencente a uma unidade exogâmica distinta da sua de nascença. Como apontam alguns autores (Hugh-Jones, 1967; Chacon e Cayón, 2013), nem sempre grupos de mesma língua deixam de se casar entre si. O casamento entre pessoas que falam a mesma língua é observado quando há a adoção de uma língua de um grupo por outro, bem como a fusão de dois grupos distintos, como entre os Kubeo e povos de origem Arawak (Chacon, 2013). Além disso, o relaxamento de normas e práticas sociais decorrente das perdas culturais dos povos do Alto Rio Negro tornou o casamento entre pessoas da mesma etnia mais socialmente aceito. Contudo, a prática se mantém forte, mesmo em pessoas de gerações mais novas. Assim, embora a ecologia linguística dos grupos do Uaupés seja motivada pela regra de exogamia, a linguagem não parece ser o fator que a condiciona, sendo, assim como o regime de casamentos, decorrente da divisão entre etnias (Chacon e Cayón, 2013).

2.2. Comunidade do Balaio e vitalidade da língua Tukano na região

A Comunidade do Balaio integra a Terra Indígena do Balaio, a qual pode ser acessada pela BR 307, rodovia que liga São Gabriel da Cachoeira a Cucuí (Chacon, 2006). A oeste e a noroeste, a T.I faz fronteira com a Terra Indígena do Alto Rio Negro e, a leste, com a Terra Indígena Yanomami. A T.I., que começa a partir do Km 50 da rodovia, é habitada por diferentes povos da

⁶ “The important features of traditional local group organization in the Vaupes include (1) communal multifamily longhouses, one per settlement; (2) named patrilineal, exogamous, localized sibs; (3) patrilocal rule of residence; (4) settlement exogamy; (5) a tendency to classify affines as “not like us,” or “outsiders”; (6) a list of personal names possessed by each sib given at birth in a specified order; (7) sib names that sometimes have a “totemic” flavor, that is, an association with a plant or animal.⁶ Sometimes this association is made more explicit by attributing similarities in qualities between the members of a sib and its eponym.”

região do Alto Rio Negro, sendo estes majoritariamente de origem Tukano (Tukano, Desano, Tuyuka, Pira-Tapuya) (ISA, 2025). Situada no km 100 da BR, a Comunidade do Balaio é cortada pelo Igarapé Iá, o qual divide a comunidade em dois lados. Vindo da cidade, nos deparamos primeiro com o lado habitado por famílias Desano e, ao cruzarmos a ponte Balaio, temos acesso ao lado Tukano. Assim, estes dois povos formam a maioria dos moradores da comunidade, contudo, há uma minoria de pessoas Pira-Tapuya, Tuyuka e Baré.

Historicamente, é uma comunidade de ocupação recente, cujos primeiros registros de moradia remetem à migração de um casal Baré vindos do Cucuí na década de 1970, seguidos por indígenas da etnia Desano encabeçados por Ricardo Marinho Veloso. Após a migração de Desanos, chegaram as primeiras famílias Tukano (Chacon, 2007). Há já gerações de indígenas Tukano e Desano inteiramente nascidas e criadas no Balaio, mas há também muitos que migraram das regiões do Tiquié e do Papuri, em levadas mais antigas (final do século XX) até mais recentes (desde 2010). Apesar das migrações, é uma comunidade cuja população encontra-se em declínio devido ao êxodo ao centro urbano de São Gabriel da Cachoeira, do qual é relativamente próxima, em busca de oportunidades de emprego e educação formal.

Como outras línguas indígenas no Brasil, o Tukano é uma língua ameaçada ou vulnerável. Nesse sentido, podemos assumir que o grau de vitalidade do Tukano é variado. O Alto Rio Negro é reconhecidamente multilíngue, contudo, este cenário já não é mais realidade em várias subregiões: no caso da Comunidade do Balaio, tal multilinguismo deu lugar a um bilinguismo entre Português e Tukano. No Balaio, a situação é agravada pelo domínio crescente do Português sobre o Tukano, uma vez que a transmissão intergeracional já não existe: ainda que quase todos na comunidade compreendam a língua, muitos, na faixa dos 30 anos, já não o falam. Assim, o perfil dos falantes da comunidade tende a ser de indivíduos progressivamente mais velhos, caso não sejam tomadas atitudes para reverter este cenário. O declínio em falantes acompanha também o declínio na adesão a práticas culturais no Balaio: não são mais realizados os Dabucuris e são poucas as pessoas que ainda dominam a caça, o artesanato e as artes Tukano e Desano.

Nesse contexto, são muitos os desafios que se colocam diante da revitalização da língua no Balaio. O primeiro concerne a própria atitude dos falantes quanto à língua, que está no cerne da cessação da transmissão intergeracional: a repressão à fala Tukano motivou pais receosos em passar a língua adiante. A dificuldade de o Tukano e outras línguas minoritárias em adentrar espaços que promovam a oportunidade de ascensão social o coloca em desvantagem diante do Português, o que

talvez promova a ideia entre indígenas de que já não é vantajoso aprender Tukano.

Ao nosso ver, contudo, a maior barreira que se coloca entre pessoas Tukano e Desano e a valorização da língua é a educação. Não havendo transmissão intergeracional, não há, tampouco professores mais jovens fluentes na língua, assim as aulas são em Português. Existem poucos materiais didáticos em Tukano ou sequer bilíngues, problema que se estende para além da Comunidade do Balaio. Os que existem são elaborados por missionários ou pesquisadores, sem o *savoir-faire* da elaboração de livros didáticos, o que significa que não há iniciativas institucionais para a produção e distribuição destes em povoados necessitados. Contudo, embora o cenário aqui seja, sem dúvidas, negativo, há nas comunidades professores e outros indivíduos com interesse e agência na valorização e revitalização da língua, resta saber se estes terão o apoio necessário para o cumprimento de seus objetivos.

2.3. Ecologia linguística

Apesar de o uso da língua não ser definidor da exogamia, a presença de esposos e esposas cujas línguas são diferentes proporcionaram a criação de um ambiente fértil para o multilinguismo. Como descreve Sorensen (1967), a criança Tukano está em contato, desde o nascimento, com a língua paterna, a qual é considerada sua língua nativa, e a língua da mãe, aprendida também como maneira de viabilizar o casamento com mulheres do mesmo grupo de descendência materno. As comunidades, neste contexto, são um local em que diferentes línguas podem ser escutadas, situação que, para pessoas criadas em ambientes onde a ideologia do monolinguismo é a norma, parece extraordinária. No entanto, para os Tukano Orientais, o multilinguismo é uma condição trivial.⁷

Nesse sentido, a equivalência entre unidades exogâmica e língua relaciona-se ao que Chernela (2013) chama de uma Ideologia Linguística Tukano Oriental, na qual as identidades social e individual são intimamente atreladas à língua do grupo ou do indivíduo: “enraizada profundamente na ontologia Tukano Oriental, a produção de linguagem é tida como uma propriedade fundamental do ser humano [...] o indivíduo cria a si mesmo no ato de falar. [...]” (Chernela, 2013, p. 220- 221, tradução nossa)⁸. Dessa forma, se consideramos a linguagem como forte indicadora da identidade na ideologia Tukano Oriental, segundo Chernela, tanto a mistura por

⁷ “The Indians are quite unself-conscious about their multilingualism. They take it for granted. [...]” (Sorensen, 1967, p. 678)

⁸ “Deeply rooted in East Tukano ontology, speech production is regarded as a fundamental property of being human. [...] One creates one’s self in the act of speaking.”

meio de empréstimos entre formas, quanto o *code-switching* significam a perda desta identidade. Assim, há uma forte reprovação à mistura entre línguas na região.

Naturalmente, considerando a aversão à mistura linguística, ainda que cada comunidade Tukano tenha um repertório de línguas faladas, a ideologia linguística cria um regime de contato e troca linguística típico da região. Como Epps e Michael (2017) apontam, na Área Linguística do Uaupés, composta por línguas da família Tukano, Naduhup e Arawak, a ideologia subjacente às relações sociais entre os grupos da região desencadeou uma menor difusão de formas (itens lexicais, morfemas gramaticais), e uma maior difusão de processos, como a serialização verbal, e de paradigmas, como a evidencialidade. No caso da evidencialidade, por exemplo, no Tariana (Arawak) e no Hup (Nadahup), o contato com línguas Tukano provocou uma alteração nos paradigmas de evidenciais, aumentando o número de categorias nos sistemas de ambas as línguas (ver Aikhenvald, 2003 e Epps, 2005, 2007). Como o empréstimo direto de formas implica na mescla entre línguas, estes se dão principalmente por meio de decalques semânticos ou gramaticais.

Nesse sentido, é necessário descobrir como as transformações sociais Tukano de uso da língua têm afetado este regime, sobretudo em comunidades em que o multilinguismo foi reduzido ao bilinguismo Tukano-Português. Em nosso trabalho de campo, os falantes de Tukano da comunidade não eram aversos a empréstimos do Português e ao *code-switching*: na realidade, ambas as práticas parecem ser bem frequentes, sobretudo em contextos discursivos que envolvam o emprego de termos em geral ausentes na cultura Tukano tradicional, como termos referentes a novas tecnologias e ao domínio institucional. Contudo, existe consciência e talvez reprovação quanto ao uso do Tukano como língua nativa por Desanos e outros povos rio-negrinos. Há, entre os Tukano na comunidade, uma noção de que indivíduos de outras etnias não empregam a língua como falantes nativos, mas como sujeitos que a tomaram emprestadas de seus falantes originais. Assim, ainda que o multilinguismo, outrora tão marcante no Alto Rio Negro, tenha se erodido consideravelmente, permanece a ideologia de que a língua é um importante significador de identidade entre os povos da região.

2.4. Variação dialetal

Não existe uma dialetologia dedicada ao Tukano. Ramirez (2019 [1997]a) nota que há algumas diferenças fonéticas e lexicais a depender do clã e da localização. Há indícios, contudo, de que existem dois grandes dialetos Tukano: um de Tukanos vindos do Tiquié e outro da região

do Uaupés (Ramirez, 2019 [1997]a; Silva, 1966)⁹. Ramirez (2019 [1997]a) nota que o território do Uaupés é ocupado por outros povos além do Tukano, como os Tariana, Arapaso, Pira-Tapuya, onde, de língua franca, o Tukano veio a se tornar a língua materna de indígenas de outras etnias à medida que suas línguas originais desapareciam. As línguas destes povos se tornaram, portanto, um substrato para o Tukano falado na região, o que resultou em um dialeto característico. O Tiquié, por outro lado, não teria sido ocupado por outras etnias quando houve a migração dos Ye'pa Masã. Assim o Tukano falado nesta região se desenvolveu sem a influência de outras línguas substrato.

Na Comunidade do Balaio, há moradores que migraram de ambas as regiões e se fala bastante nas diferenças dialetais. Nesse contexto, um traço específico de pronúncia serve de xiboleto entre os dois dialetos:

- Tiquié: /d/ → [ɾ]/ ~V_V
- Uaupés: /d/ → [n]/ ~V_V

Contudo, é preciso verificar, no futuro, se esta variação se trata de fato de uma variação dialetal ou apenas de uma variação fonética própria do contexto de pronúncia, além de outros traços fonéticos, lexicais e gramaticais que caracterizariam os dois dialetos.

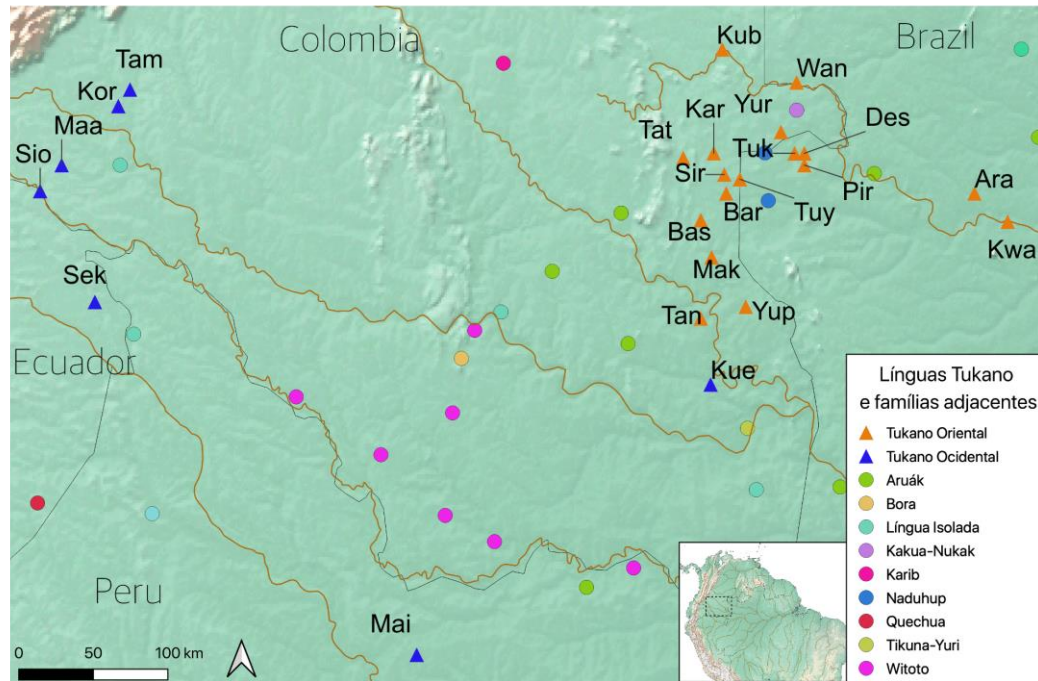
⁹ “Presentemente, nos rios Uaupés e Papuri, a limpidez do idioma ficou turvada por outras tribos que servem do Tukano, como os Miriti-tapuya, os Arapasu e os Kumãdene, por exemplo, que já perderam seu idioma natal. Dos Taryana, tôda a geração môça fala exclusivamente o Tukáno.

(...)

No Tiquié, a língua Tukano mantém quase perfeita sua pureza primitiva. Por isso, na opinião dos próprios indígenas, é onde se ouve a melhor pronúncia e as mais puras expressões, máxime em Pari-Cachoeira e povoados vizinhos. Eis a razão pela qual adotamos, nos presentes estudos, a pronúncia da região pariense, e figurará entre parênteses a do Uaupés.” (Silva, 1966, p. II)

2.5. Família Tukano

Figura 4 – distribuição das línguas da família Tukano e famílias adjacentes

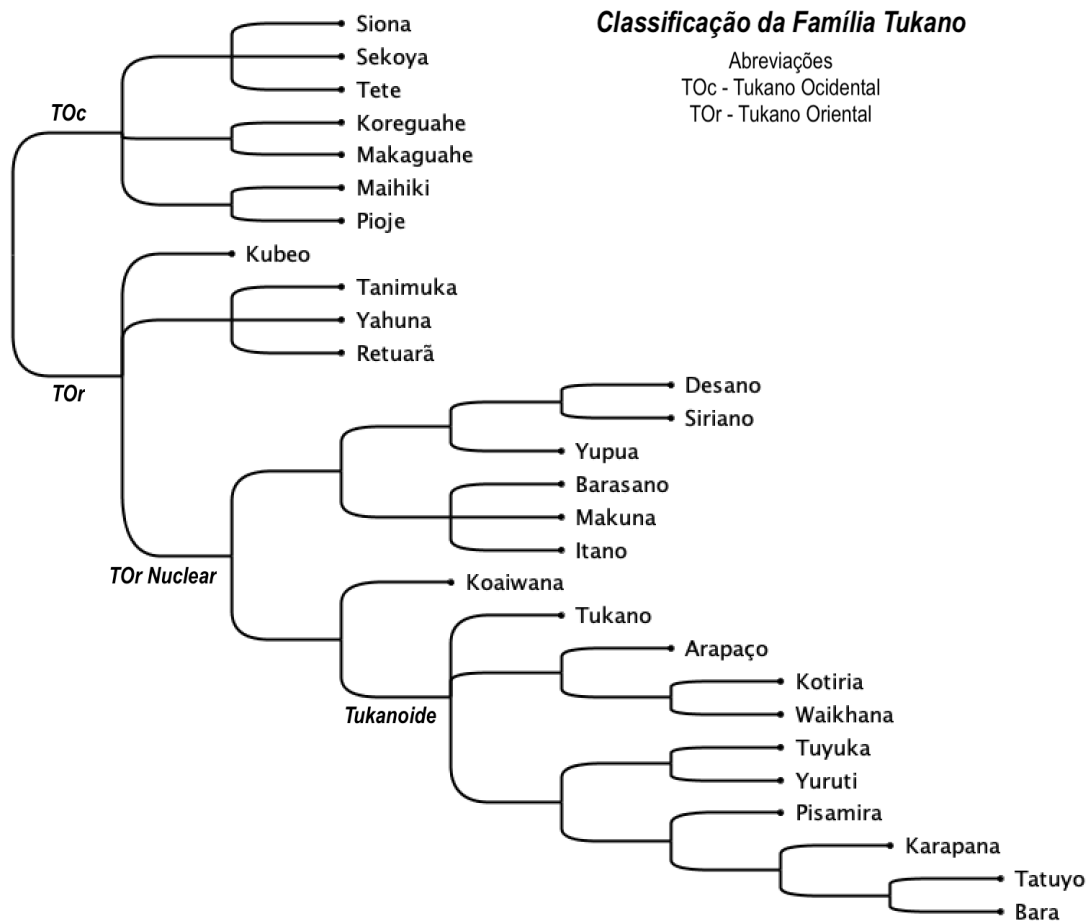


Fonte: Chacon (2022)

Arapáço – Ara; Bará – Bar; Barasana – Bas; Desano – Des; Karapana – Kar; Kubeo – Kub; Koreguahe – Kor; Kueretu – Kue; Kuewana – Kwa; Kotiria – Wan; Makaguahe – Maa; Makuna – Mak; Maĩhĩkĩ - Mai; Secoya – Sek; Siona – Sio; Siriano – Sir; Tama – Tam; Tanimuka-Retuarã – Tan; Tatuyo – Tat; Tukano – Tuk; Tuyuka – Tuy; Yuruti – Yur; Wa'ikhana – Pir; Yupua – Yup; Pisamira – Pis; Yahuna - Yah.

A família Tukano é uma família linguística falada na região do Noroeste Amazônico dividida em dois grandes ramos, o Tukano Oriental, da qual o Tukano próprio é parte, e o ramo Tukano Ocidental (Figura 5). O ramo Oriental é falado na região do Alto Rio Negro ao longo da fronteira entre Brasil e Colômbia. As línguas Tukano Ocidentais estão distribuídas entre Colômbia, Equador e Peru (Figura 4).

Figura 5 – classificação das línguas da família Tukano



Fonte: Chacon (2022)

2.6. Características descritivas e tipológicas gerais

Baseamos as características descritivas e tipológicas gerais em Ramirez (2019 [1997]a) e em nossa própria análise, quando se tratando da morfologia verbal de TAME.

2.6.1. Fonologia segmental

Ramirez (2019 [1997]a) aponta 16 fonemas para língua: p, t, k, s, h, b, d, g, w, y [j], i, i, u, e, o, a

a) Vogais

i i u
e o
a

O Tukano possui seis segmentos vocálicos, que apresentam uma contraparte surda [V̥] e laringalizada [V̚]. Podem ser nasaladas [Ṽ] (em morfemas nasais) e alongadas [Vː].

b) Consoantes

p	t	k
b	d	g
s	h	
w	y [j]	

Algumas consoantes possuem alofones condicionados pelo contexto. Trataremos dos alofones do /b/ e do /d/ como exemplos mais relevantes para a ortografia prática da língua (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 21):

- /b/ → [m]/ em contexto nasal (morfema nasal)
 → [ᵐb]/em contexto oral (morfema oral): no começo da locução fonológica ou, dentro da locução, precedido intermorfemicamente por uma vogal nasal (leve pré-nasalização facultativa)
 → [b] / em contexto nasal (morfema oral): outros contextos
- /d/ → [d] / em contexto oral (morfema oral): começo de palavra fonológica
 → [ᵐd] /em contexto oral (morfema oral): começo da locução fonológica ou, dentro da locução, precedido intermorfemicamente por uma vogal nasal
 → [ɾ] /em contexto oral (morfema oral): posição intervocálica, depois de vogal não posterior (i, e)
 → [ɽ] / em contexto oral (morfema oral): posição intervocálica, depois de vogal posterior (a, o, i, u)
 → [n] / em contexto nasal (morfema nasal): começo de palavra fonológica
 → [ɽ̃, ñ̃, ñ] / em contexto nasal: posição intervocálica

2.6.2. Fonologia suprasegmental

a) Nasalidade

A nasalidade, com aponta Ramirez (2019 [1997]a) é um traço do morfema. Intermorfemicamente pode ocorrer contaminação nasal de forma progressiva (da raiz nasal a sufixos intrinsecamente orais) ou regressiva (de sufixos intrinsecamente nasais a raízes intrinsecamente orais). As duas contaminações são barradas por consoantes surdas nos limites da palavra fonológica.

- contaminação progressiva (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 42):

mãri-re [máĩĩĩĩĩ] ‘para nós’

nós.INC-OBL

- contaminação regressiva (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 43)

uti-â-wĩ [ùtĩĩĩĩĩĩ] ‘uma caba’

caba-PL-SGV

b) Tons

Ramirez analisa três padrões tonais para o Tukano: um de melodia alta (notado pelo sinal gráfico ^), um de melodia ascendente (notado pelo sinal gráfico ’), e um de melodia baixa, o qual não é marcado por sinal gráfico. Também analisa a laringalização como tom.

- Realização do tom de melodia alta (p.49)

$(C_1)V_1(C_2)\hat{V}_2 \rightarrow [(C_1)\hat{V}_1(C_2)\hat{V}_2]$ (V1, V2: tom de registro alto) se C2 for $\emptyset$ ou sonora
 $\rightarrow [(C_1)\hat{V}_1(C_2)\check{V}_2]$ (V1: tom de registro baixo, V2: tom de registro alto) se V1 parcialmente for surda ou laringalizada

- Realização do tom de melodia ascendente (p.49)

$C_1)V_1(C_2)\check{V}_2 \rightarrow [(C_1)\check{V}_1(C_2)\check{V}_2]$ (V1: tom baixo, V2: tom de contorno baixo-alto) se C2 for $\emptyset$ ou sonora
 $\rightarrow [(C_1)\check{V}_1(C_2)\bar{V}_2]$ (V1: tom baixo, V2: tom de contorno médio baixo) se V1 for em parte surda ou laringalizada

- Melodia baixa (p.50)

$(C_1)V_1(C_2)V_2 \rightarrow [(C_1)\bar{V}_1(C_2)\bar{V}_2]$ (V1, V2: tom de contorno médio-baixo, ou baixo-super-baixo)
 $\rightarrow [(C_1)\check{V}_1(C_2)\check{V}_2]$ (V1, V2 : tom baixo)

Das raízes de melodia ascendente para sufixos não laringalizados, ocorre um sândi tonal em que os sufixos capturam o tom de contorno das raízes.

2.6.3. Ortografia prática

No quadro 1, estão os fonemas e sua correspondência na ortografia elaborada por Ramirez (2019 [1997]a):

Quadro 1 – fonema/fone e sua correspondência na ortografia proposta por Ramirez (2019 [1997]a)

FONEMA/FONE	GRAFIA	CONTEXTO
/i/	i	
/ĩ/	ĩ	
/u/	u	
/o/	o	
/a/	a	
/p/	p	
/b/	b	morfema oral
	m	morfema nasal
/t/	t	
/d/	d	morfema oral em começo de palavra morfológica
	r	intervocálico
	n	morfema nasal em começo de palavra fonológica ou em contexto intervocálico
/k/	k	
/g/	g	apenas em contexto intervocálico
/s/	s	
/h/	h	apenas em contexto intervocálico
/w/	w	
/y/ [j]	y	
/V’/ [Y]	V’	
morfema nasal	$(C_1)\tilde{V}_1(C_2)V_2$	
morfema de melodia alta	$(C_1)V_1(C_2)\hat{V}_2$	
morfema de melodia ascendente	$(C_1)V_1(C_2)\acute{V}_2$	

Fonte: elaborado pela autora.

Abaixo, a grafia de algumas palavras e sua representação fonológica:

numiô ‘mulher’ /dũbi-ô/

nirô ‘cuidar’ /dĩdô/

naâ ‘eles/elas’ /dãâ/

marî ‘nós (inclusivo)’ /bãdî/

2.6.4. Morfologia e classificação nominal

O Tukano apresenta duas grandes classes nominais: a classe dos nomes animados e a classe dos nomes inanimados. Os nomes inanimados, por sua vez, são divididos em nomes inanimados contáveis e não-contáveis. Os nomes animados podem ser especificados quanto ao gênero e número (feminino e masculino singular, e plural). Os inanimados contáveis são classificados quanto ao número (singular e plural). Os nomes inanimados não-contáveis possuem um sistema de classificação nominal quanto a sua forma e marcação de gênero locativo, que funciona como partitivo. O locativo e o oblíquo serão discutidos na seção 2.5.4. Para uma descrição mais aprofundada, ver Ramirez (2019 [1997]a). No Quadro 2, dispomos uma lista dos sufixos nominais no Tukano.

Quadro 2 – sufixos e suas posições quanto à raiz nominal

RADICAL NOMINAL	1		
	ANIMADOS (GÊNERO E NÚMERO)	INANIMADOS CONTÁVEIS (NÚMERO)	INANIMADOS NÃO-CONTÁVEIS (SUFIXOS DE FORMA)*
	-a PL -rã PLURAL -(g)i NFSG -(g)o PL	-ri PL	-ro GLOC -ga FROL -gĩ FRET -tĩ FPAN -wi FTUB -wa FAB -ra FLAGO
	2	3	4
	SINGULATIVO	AUMENTATIVO	DIMINUTIVO
	-wĩ, -gĩ	-roho (-f) -koho (+f)	-akã
	5	6	7
	CASO LOCATIVO	CASO OBLÍQUO	ESPECIFICADOR
	-pi	-re	-ta
	DESTAQUE		
	-a’		

Fonte: Ramirez (2019 [1997]a)

Nota: O plural de nomes não contáveis sufixados de CNs de forma é o sufixo -pa, cuja posição é anterior ao sufixo de forma. Assim FRET.PL = -pa-gĩ, por exemplo.

Alguns exemplos abaixo:

numi-ô ‘mulher’

numi-a ‘mulheres’

<i>wio-gi</i> ‘chefe’	<i>wio-go</i> ‘chefa’
<i>poá</i> ‘cabelo’	<i>poá-ri</i> ‘cabelos’
<i>paa-</i> ‘abdômen’ (inan. n.cont)	<i>paa-ga</i> ‘barriga’
<i>bia-</i> ‘pimenta’ (inan. n.cont)	<i>bia-ti</i> ‘quinhãpira’ (lit. pimenta em forma de panela)

2.6.4.1. Nomes dêíticos

Ramirez (2019 [1997]a) divide os pronomes em demonstrativos, anáforas e pessoais. Aqui dividimos os pronomes em *deixis espacial* (*demonstrativos*), *deixis pessoal* (*pronomes pessoais*) e *deixis textual* (*anáforas*) (ver quadros 3-5).

Quadro 3 – demonstrativos

<i>Deixis</i> ESPACIAL			
PROXIMAL	ANIMADO	<i>ã'rí</i>	NFSG
		<i>a'tígo</i>	FSG
		<i>ã'rá</i>	PL
	INANIMADO	<i>a'tí+*</i>	INAN.SG
		<i>a'tirí+</i>	INAN.PL
		<i>a'té</i>	INAN.PL/NCON
		<i>a'to</i>	GLOC
		<i>a'tíga</i>	FROL
		<i>a'tepagá</i>	FROL.PL
		<i>a'terí</i>	FPAN
		<i>a'teparí</i>	FPAN.PL
		<i>a'tígi</i>	FRET
		<i>a'tepagi</i>	FRET.PL
DISTAL	ANIMADO	<i>sĩ'í</i>	NFSG
		<i>sikó</i>	FSG
		<i>sôhá</i>	PL
	INANIMADO	<i>siĩ+</i>	INAN.SG
		<i>sisé</i>	INAN.PL/NCON
		<i>sô'ó</i>	GLOC
		<i>siká</i>	FROL
		<i>sisepagá</i>	FROL.PL
		<i>siti</i>	FPAN
		<i>siseparí</i>	FPAN.PL
		<i>sikí</i>	FRET
		<i>sisepagi</i>	FRET.PL
		<i>sipí</i>	FTUB
DISTAL	INANIMADO	<i>sisepawí</i>	FTUB.PL
		<i>sipá</i>	FAB
		<i>sisepawá</i>	FAB.PL
		<i>sita</i>	FLAGO
		<i>sisepará</i>	FLAGO.PL
		<i>sipí</i>	FTUB
		<i>sisepawí</i>	FTUB.PL
		<i>sipá</i>	FAB
		<i>sisepawá</i>	FAB.PL
		<i>sita</i>	FLAGO
		<i>sisepará</i>	FLAGO.PL

Fonte: Ramirez (2019 [1997]a)

Nota: o símbolo + indica que o nome não pode estar sozinho em um SN e deve ser seguido de um núcleo nominal.

Quadro 4 – pronomes pessoais

<i>DEIXIS</i> PESSOAL	
1ª PESSOA	<i>yĩ'î</i> SG
	<i>isa</i> PL.EXC
	<i>marî</i> PL.INC
2ª PESSOA	<i>mi'î</i> SG
	<i>misá</i> PL

3ª PESSOA ANIMADA	<i>kñ</i>	NFSG
	<i>koô</i>	FSG
	<i>naâ</i>	PL

Fonte: Ramirez (2019 [1997]a)

Quadro 5 – anafóricos

DEIXIS TEXTUAL			
ANIMADO	<i>kñ</i>	NFSG	
	<i>koô</i>	FSG	
	<i>naâ</i>	PL	
INANIMADO	<i>tií</i>	INAN.SG	<i>teepagí</i> FRET.PL
	<i>teé</i>	INAN.PL/NCON	<i>tiwí</i> FTUB
	<i>toó</i>	GLOC	<i>teepawí</i> FTUB.PL
	<i>tigá</i>	FROL	<i>tiwá</i> FAB
	<i>teepagá</i>	FROL.PL	<i>teepawá</i> FAB.PL
	<i>tirí</i>	FPAN	<i>tiirá</i> FLAGO
	<i>teeparí</i>	FPAN.PL	<i>teepará</i> FLAGO.PL
	<i>tigí</i>	FRET	

Fonte: Ramirez (2019 [1997]a)

2.6.4.2. Posse

O Tukano possui três tipos de posse: alienável, inalienável e facultativa. A posse inalienável abrange termos de parentesco, a facultativa, partes do corpo e a alienável, todos os demais termos. A posse alienável é marcada pelo possessivo *yaá*.

Quadro 6 – tipos do posse no Tukano

POSSE	
INALIENÁVEL	termos de parentesco
FACULTATIVA	partes do corpo
ALIENÁVEL	demais termos

Fonte: Ramirez (2019 [1997]a)

Em geral a posse é expressa pela seguinte fórmula:

POSSUIDOR + (POSS) + POSSUÍDO

O termo possuído pode ser omitido se sua referência for preservada na flexão do termo possessivo (exemplos 2.1-2.2):

- (2.1) Peduru yeé
 Peduru ye-e
 Pedro POSS-INAN.CONT

‘coisas de Pedro’

- (2.2) Peduru yagó
 Peduru yá-go
 Pedro POSS-FSG
 ‘Animal fêmea de Pedro’

- (2.3) Peduru yarí
 Peduru yá-ri
 Peduru POSS-FPAN
 ‘Panela de Pedro’

2.6.5. Morfologia Verbal

Este trabalho tem como objeto de análise parte da morfologia verbal Tukano, por isso, não vamos nos aprofundar nesta seção. Dispostemos, então, um quadro de posições dos sufixos verbais em relação à raiz. Para uma explicação mais detalhada dos sufixos, ver Ramirez (2019 [1997]a). No quadro 7, dispomos os sufixos verbais do Tukano:

Quadro 7 – sufixos da morfologia verbal

	1 MOVIMENTO ORIENTADO DE DIREÇÃO	2 PROPAGATIVO	3 NEGATIVO	4 ASSERTIVO	5 IMPERFECTIVO (ITERATIVO, HABITUAL)
	(-’kã)-a’ longe do falante (-’kã)-’ti ao falante	-o’	-ti	-kã’	-’kũ
RADICAL VERBAL	6 FRUSTRATIVO	7 INCERTEZA ¹⁰	8 TAME	9 PNG/INTERROGATIVO	
	-mi	-sa	-Ø -a -sa -kãti -ti -pa -pa’	-mi -i -mo -o/õ -ma -(r)ã -Ø -ro -’ -ti/ri -pi -ĩ	
			DIRETIVOS		
			-ya; -rã; -a-to; a-pa; -ma; -ri		

¹⁰ O sufixo de incerteza (modalidade epistêmica), segundo Ramirez (2019 [1997]a), é diferente do NVIS do presente por aspectos prosódicos. Embora tenhamos tentado elicitá-lo em nosso trabalho de campo, não conseguimos. Talvez esta seja uma questão de variação dialetal ou geracional.

Fonte: Ramirez (2019 [1997]a) e autora

2.6.6. Morfossintaxe

Nesta seção, trataremos do tipo de alinhamento, da ordem não marcada dos constituintes, da marcação de caso e, por fim, da subordinação.

2.6.6.1. Alinhamento, ordem dos constituintes e marcação de caso

O Tukano é uma língua de alinhamento nominativo-acusativo com ordem não-marcada de constituintes SOV (exemplos 2.4 e 2.5):

- (2.4)
- | S | O | V |
|--------------|-------------|-----------------------------|
| ĩmikoho Yěki | marîre | ĩ'yâ niro weemi |
| ĩmikoho Yěki | marî-re | ĩ'yâ.niro wee-Ø-mi |
| céu avô | nós.INC-OBL | cuidar fazer-PRES.VIS-3NFSG |
- ‘O Avô do Mundo está cuidando da gente.’¹¹

- (2.5)
- | S | V |
|-----|--------------------------------------|
| koô | kârígó ã'rîamo |
| koô | kârî-go ã'rî-a-Ø-mo |
| ela | dormir-NMLZ.FSG roncar-PREC-VIS-3FSG |
- ‘Ela está dormindo roncando.’

O Tukano também aceita a ordem SVO, como vemos no exemplo 2.6:

- (2.6)
- | S | V | O |
|------|----------------------|---------|
| yî'î | ditêkasi | waâ-daa |
| yî'î | ditê-ka-a-si | waâ.daa |
| eu | cortar-ASS-PREC-NVIS | veia |
- Eu cortei minha veia (sem querer)

O Tukano possui três tipos de marcação de caso: nominativo, oblíquo e locativo:

¹¹ Avô do Mundo é um demiurgo Tukano.

Quadro 8 – marcação de caso no Tukano

CASO	MARCA
NOMINATIVO	-Ø
OBLÍQUO ¹²	-re
LOCATIVO	-pi

Fonte: elaborado pela autora com base em Ramirez (2019 [1997])

A marca de caso oblíquo *-re* nunca é sufixada a sujeitos. Nos exemplos 2.7-2.9, vemos o oblíquo sufixado a SNs objeto, tópico e adjunto adverbial:

a) SN como objeto:

(2.7) *yĩĩ ehâgo'ti yukí me'rã diâyire*

Yĩĩ ehâ-go-'ti yukí me'rã diây-i-re
 eu atingir-NMLZ.FSG-CTP pau com cachorro-OBL
 'Eu vou atingir o cachorro com um pedaço de pau.'

b) SN como tópico (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 169):

(2.8) *toopíre, peêru sî'riwí*

toó-pi-re, peêru sî'rí-Ø-wĩ
 ANA-LOC-OBL, caxiri beber-VIS-PREM.1/2/INAN
 'Naquele lugar, bebi caxiri.'

c) SN como adjunto adverbial (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 169)

(2.9) *ni'káre, bu'êrã!*

ni'ká-re, bu'ê-rã!
 hoje-OBL estudar-HORT
 Hoje, vamos estudar!

¹² Ramirez (2019 [1997]a) utiliza o termo 'referencial' para descrever um sufixo que ele entende como complemento referencial. Alteramos o nome por acreditarmos que obscurece sua função. De fato, o sufixo marca somente complementos altos na escala de individuação, mas isto não significa que deixe de funcionar como marca de caso. Se analisarmos o sufixo sob um enfoque funcional-tipológico, percebemos que um sujeito prototípico está em uma posição mais alta na escala de individuação e um objeto prototípico, em uma posição baixa. Em contextos em que sujeito e objeto são prototípicos, a marca *-re* não é necessária por um princípio de processamento cognitivo e economia. Por outro lado, quando o objeto não é prototípico, a marca *-re* é necessária para que os papéis semânticos dos SNs se façam claros. Talvez o nome 'oblíquo' não seja o mais adequado neste caso, mas, ao nosso ver, melhor descreve sua função.

O oblíquo tende a marcar SNs altos na escala de individuação (Ramirez, 2019 [1997]a), que depende de fatores como animicidade, agentividade e referencialidade:

NOMES PRÓPRIOS > PRONOMES > HUMANOS > ANIMADO NÃO HUMANO > INAN. CONT. > INAN. NÃO CONT.

O locativo *-pi* é sufixado para indicar localização espacial e localização temporal. Além de locativo, também expressa papéis alativos e ablativos. Escolhemos o termo *locativo* pela semântica geral de localização. Em 2.10, o locativo *-pi* é sufixado para indicar localização espacial e, em 2.11, para indicar localização temporal:

(2.10) *yĩĩ ma'miό nih̃-pako niĩsamo* **makapi**

<i>Yĩĩ</i>	<i>ma'miό</i>	<i>nihĩ-pako</i>	<i>niĩ-∅-sa-mo</i>	maka-pi
eu	irmã.mais.velha	grávida	COP-PRES-NVIS-3FSG	cidade-LOC

‘Minha irmã está grávida na cidade.’

(2.11) **diporόpi** *naā kití were'kũwā*

diporό-pi	<i>naā</i>	<i>kití</i>	<i>werê-'kũ-∅-wā</i>
antigamente-LOC	eles	história	contar-IPFV-VIS-PREM.3PL

‘Antigamente contavam muita história.’

2.6.6.2. Subordinação

A subordinação no Tukano é feita por meio de dois conjuntos de sufixos nominalizadores. Começamos pelo primeiro, que, em geral expressa as mesmas relações lógicas que as adverbiais em Português. A subordinada pode ser marcada por um sufixo que indica correferencialidade com o sujeito da oração principal, ou por um que marca câmbio de referência. No quadro 9, exibimos as marcas de correferência e de câmbio de referência:

Quadro 9 – sufixos nominalizadores para subordinação

MARCAS DE CORREFERÊNCIA	-gi' NFSG	-go' FSG
	-rã' PL	-ro' INAN
MARCA DE CÂMBIO DE REFERÊNCIA	-ká	

Fonte: Ramirez (2019 [1997]a)

Em 2.12, a subordinação é feita para indicar finalidade. O sufixo *-go* indica correferência entre o sujeito da oração principal *maâpi ehapi* ‘cheguei no igarapé’ e o sujeito da subordinada *koego* ‘para me lavar’.

(2.12) Finalidade:

Yi'î maâpi **koego** ehapi

Yi'î maâ-pi **koé-go** eha-a-Ø-pi

eu igarapé-LOC **lavar-MS** chegar-PREC-VIS-1/2/INAN

‘Eu cheguei no igarapé para me lavar.’

Em 2.13, o sufixo de câmbio de referência *-kã* é sufixado ao verbo da subordinada para indicar que o sujeito da principal, *yi'î aka-bihirã* ‘meus irmãos’ é diferente da subordinada com sentido temporal, *yi'î aka-wererã* ‘meus parentes’:

(2.13) Temporal:

yi'î aka-wererã **ehâkã**,

yi'î aka.weré-rã **ehâ-kã**,

eu parente-NMLZ.PL **chegar-CR**

yi'î aka-bihirã ni'kâro me'rã niîwã

yi'î aka.bihi-rã ni'kâ-ro me'rã niî-Ø-wã

eu irmão-NMLZ.PL um-NMLZ.GLOC com COP-VIS-PREM.3PL

‘Quando meus parentes chegam, meus irmãos ficam todos juntos.’

O segundo conjunto de nominalizadores é empregado em sentenças relativas e completivas. Ramirez (2019 [1997]a) os divide como no quadro 10:

Quadro 10 – sufixos nominalizadores

	SIMULTÂNEO (PRESENTE HABITUAL)	ANTERIOR (PERFECTIVO)	POSTERIOR (FUTURO RELATIVO)
NFSG	-gí	-'ki	-akihi
FSG	-gó	-'ko	-akoho
PL	-rã	-'karã	-arahã

INAN.PL E NCON GLOC	-sehé -ró	-'ke -'karo	-atehe -atoho
FROL FROL.PL	-kahá -sehépaga	-'kaga -'kepaga	-akaha -atehepaga
FPAN FPAN.PL	-tihí -sehépari	-'kari -'kepari	-atihi -atehepari
FRET FRET.PL	-kihi -sehépagi	-'kagi -'kepagi	-akihi -atehepagi
FTUB FTUB.PL	-pihi -sehépawi	-'kawi -'kepawi	-apíhi -atehepawi
FAB FAB.PL	-pahá -sehépawa	-'kawa -'kepawa	-apaha -atehepawa
FLAGO FLAGO.PL	-tahá -sehépara	-'kara -'kepawa	-ataha -atehepara

Fonte: Ramirez (2019 [1997]a)

Em 2.14 e 2.15, há exemplos do uso dos sufixos para formar relativas:

(2.14) koô apogó weeamo ãhûga

koô apo-go wee-a-Ø-mo ãhû-ga
ela arrumar-NMLZ.FSG fazer-PREC-VIS-3FSG beiju-FROL

mi'îre o'ôatehe

mi'î-re o'ô-atehe

você-OBL dar-NMLZ.FUT.INAN

‘Ela está arrumando os beijos que serão dados.’

(2.15) **oho yaá'ke** buti wa'a'karo niîapi

oho yaá-'ke buti wa'a-'karo niî-a-Ø-pi
banana enterrar-NMLZ.PFV.INAN maduro ir-PFV.PART COP-PREC-VIS-1/2/INAN

‘A banana (que foi) enterrada amadureceu.’

Em 2.16, vemos o uso de um dos sufixos para formar uma completiva:

(2.16) kîĩ, wiogí, a'tiákihi niîapi'

kîĩ wió-gi **a'ti-ákihi** niî-a-pi'
ele chefe-NMLZ.NFSG v **ir-NMLZ.FUT.NFSG** COP-PREC-REP.3NFSG

‘Ele, o chefe, disse que vai vir.’

2.6.7. Construções verbais analíticas

O Tukano possui dois tipos de construções verbais analíticas: construções verbais serializadas e uma construção verbal formada por um verbo principal nominalizado combinado com um verbo auxiliar:

RADICAL VERBAL-NMLZ + VERBO AUXILIAR

A construção verbal serializada consiste em um verbo flexionado em TAME precedido por um ou mais radicais verbais. Como Ramirez (2019 [1997]a) aponta, o verbo à direita tende a ter seu sentido completado pelo(s) verbo(s) à esquerda:

RADICAL VERBAL₁ + (RADICAL VERBAL_n) + VERBO FLEXIONADO

Tanto construções com verbo auxiliar quanto com verbos serializados parecem ser fontes muito produtivas para a gramaticalização sufixos verbais na língua. A construção com verbo auxiliar é empregada para expressar noções aspectuais. Com o auxiliar *weé* ‘fazer’ e com o verbo principal nominalizado por sufixos de número e gênero, expressa-se o aspecto progressivo/contínuo (exemplos 2.17 e 2.18):

(2.17) *diâyî di'pôkã ne'rê-gi weemí*

<i>diâyî</i>	<i>di'pôkã</i>	<i>ne'rê-gi</i>	<i>weé-Ø-mi</i>
cachorro	pé	lamber-NMLZ.NFSG	fazer-PRES.VIS-3NFSG

‘O cachorro está lambendo meu pé.’

(2.18) *yî'î ako-wiôgo weesa' akore iása'*¹³

<i>yî'î</i>	<i>ako-wiô-go</i>	<i>wee-Ø-sa-'</i>
eu	ter.sede-NMLZ.FSG	fazer-PRES-NVIS-1/2/INAN
<i>akô-re</i>	<i>iá-Ø-sa-'</i>	

¹³ O verbo *iá* é utilizado para expressar desejo, necessidade ou obrigação (ver capítulo 5). A tradução depende do contexto.

água-OBL querer-PRES-NVIS-1/2/INAN

‘Estou com sede, preciso de água (lit. estou tendo sede, preciso de água)’

Com a construção verbo principal + os sufixos nominalizadores anteriores (ver quadro 10) + cópula auxiliar, expressa-se o aspecto perfeito (exemplos 2.19 e 2.20):

(2.19) wesé **ihî'karo niîapi**

wesé **ihî'-ka-ro**

niî-a-Ø-pi

roça **queimar-NMLZ.PFV-GLOC**

COP-PREC-VIS-1/2/INAN

‘A roça queimou.’

(2.20) nitî diakîhi tohakaro niîapi

nitî diakîhi **toha-ka-ro**

niî-a-Ø-pi

carvão apenas **sobrar-NMLZ.PFV-GLOC**

COP-PREC-VIS-1/2/INAN

‘Carvão é o que sobrou.’

Já as construções verbais serializadas expressam noções aspectuais e adverbiais. Com *wa'a* ‘ir’ +INF para perfeito (exemplo 2.21):

(2.21) a'tó niî' sa'baró **akôro pehâ wa'aapã**

a'tó niî-Ø-'

sa'bá-ro

akôro pehâ

wa'a-a-pã

DEM COP-PRES.VIS-1/2/INAN estar.com.lama-NMLZ.GLOC

chuva cair

ir-PREC-

INF.1/2/INAN

‘Tem lama aqui, choveu.’

No exemplo 2.22, vemos uma construção verbal serializada com *toha* como forma de expressar aspecto perfectivo:

(2.22) wi'márã kãrí **tohaama**

wi'má-rã

kãrí

toha-a-Ø-ma

criança-PL

dormir

já-PREC-VIS-3PL

As crianças já dormiram

Construção verbal serializada pode também expressar noções adverbiais. No exemplo 2.23, vemos a construção com função análoga a um advérbio de modo:

(2.23) dīporópīre mĩ'rô otê **kũuwã**

dīporó-pī-re mĩ'rô otê **kũu-Ø-wã**

antigamente-LOC-OBL tabaco plantar **deixar-VIS-PREM.3PL**

‘Antigamente plantavam tabaco (antigamente plantavam tabaco deixando [suas sementes] no chão).’

3. REVISÃO DA LITERATURA SOBRE EVIDENCIALIDADE E DESCRIÇÃO GRAMATICAL TUKANO

Neste capítulo, abordaremos o trajeto teórico e descritivo sobre evidencialidade, começando por uma revisão de obras teóricas sobre evidencialidade (3.1) e depois pela revisão da literatura gramatical sobre o Tukano (3.2). No trajeto teórico, trataremos da história da teoria e da descrição da evidencialidade como conceito desde Boas (1911) até Aikhenvald (2004). No descritivo, olharemos a descrição dos sufixos na descrição Tukano a partir de Silva (1966), Sorensen (1969), West (1980), West e Welch (2004) e Ramirez (2019 [1997]a), e como noções como evidencialidade e modalidade epistêmica foram descritas nas obras aqui presentes. Nas descrições gramaticais, começaremos com Ramirez (2019 [1997]a) por ser nosso principal referencial descritivo para o Tukano. Ademais, por ter atingido uma visão mais ampla e sintética do paradigma de TAME, o autor fornece uma base de compreensão para as demais descrições aqui discutidas. De Ramirez (2019 [1997]a), procederemos para West (1980) e West e Welch (2004), depois para Sorensen (1969) e, por fim, Silva (1966).

3.1. Definindo evidencialidade

Como falamos na introdução, a primeira descrição de formas evidenciais parece ter vindo de Boas para o Kwakiutl (Boas, 1911, p. 436 *apud* Aikhenvald, 2014, p. 4). Contudo o primeiro emprego da palavra *evidencial* se dá no ensaio *Shifters, verbal categories and the russian verb*, de Jakobson (1971)¹⁴. Neste ensaio o autor elabora uma tipologia de categorias verbais com base em aspectos comunicativos. Quando trata de evidencialidade, Jakobson (1971) propõe três parâmetros: o evento narrado, isto é a referência do enunciado; o ato de fala, o enunciado; e um ato de fala narrado, este último caracterizado como a fonte de informação sobre o evento narrado. Ele propõe, nesse sentido, quatro categorias de ato de fala narrado: um baseado no relato alheio ('ouvir fala', e citativo); sonho (evidência revelativa), adivinhação (evidência presuntiva), ou experiência prévia (evidência de memória).

A partir da década de 1970, começam a emergir trabalhos tipológicos sobre categorias verbais como aspecto e tempo (Comrie, 1976, 1986) e modalidade (Palmer, 1986). Chafe e Nichols (1986) fazem um compilado de trabalhos sobre a categoria em diferentes línguas e Willet (1988) traz um compilado sobre a origem dos evidenciais, ambos sendo dois trabalhos importantes para a

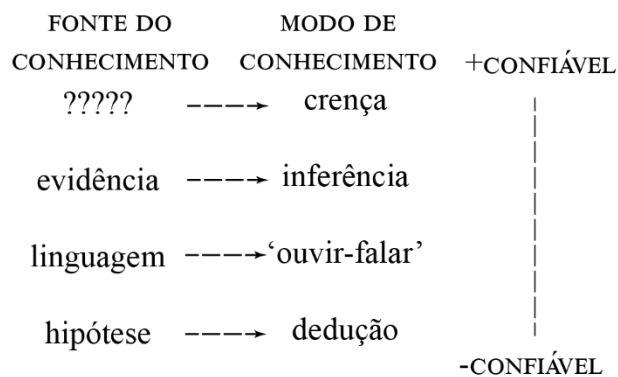
¹⁴ A primeira publicação é de 1957.

história das teorias sobre evidencialidade. Outros trabalhos como Jacobsen (1986) e Anderson (1986) são também influentes, mas não foram consultados para esta dissertação. Para um panorama mais amplo sobre a história do termo evidencial, ver Aikhenvald (2004, p. 11-17).

Palmer (1986), referencial teórico sobre modalidade nesta dissertação, conceptualiza evidencialidade como subcategoria da modalidade. O autor propõe dois grandes tipos de modalidade: modalidade de evento e modalidade proposicional, em que a primeira possui como escopo apenas o predicado e a segunda, a proposição. Modalidade epistêmica e evidencialidade, nesse contexto, são as duas subcategorias da modalidade proposicional, codificando atitude quanto à veracidade do enunciado e a evidência para apoiar o grau de veracidade do enunciado, respectivamente. Willet (1988), como Palmer, circunscreve a evidencialidade ao domínio modal, já que codifica atitude quanto à informação, tendo, portanto, função expressiva, diferente de tempo e aspecto, que possuem funções ideacionais.

Chafe (1986), ao analisar a expressão de atitudes sobre conhecimento no Inglês, trabalha com uma concepção ampla de evidencialidade, que abrange variados tipos de considerações epistemológicas no discurso e se baseia em diferentes formas disponíveis de se ter conhecimento sobre um (possível) fato. Assim, dentro da categoria, Chafe (1986) inclui todas as variáveis que condicionam a conceptualização do conhecimento na linguagem:

Figura 6: fonte de conhecimento, modo de conhecimento e gradação de confiabilidade



Fonte: Chafe (1986, p. 263) (com adaptações)

A fonte do conhecimento condiciona o modo de conhecimento que, por sua vez, condiciona o julgamento que o falante cria e enuncia acerca da confiabilidade da informação, ou seja, modalidade epistêmica. Todos esses processos são englobados pela categoria geral de evidencialidade, dessa forma, Chafe entende esta como categoria mais ampla e a modalidade epistêmica como subcategoria.

Aikhenvald (2004)¹⁵, por outro lado, é um trabalho com uma proposta categórica de separação entre modalidade e evidencialidade. Para a autora, evidencialidade codifica fonte de informação, o que não necessariamente implica qualquer atitude quanto à sua confiabilidade. Assim, a categoria de evidencialidade existe por si só, sem que seja subordinada a uma categoria mais ampla como modalidade e, ao inverso, que esta seja subordinada à evidencialidade. Aikhenvald (2004) analisa a evidencialidade como um conceito teórico sem que se deixe de considerar que sua manifestação em diferentes línguas sobrepõe evidencialidade e modalidade epistêmica. No entanto, embora a atitude quanto ao conhecimento possa decorrer da fonte de informação, estas são conceptualmente distintas. No Quadro 11, dispomos um resumo dos trabalhos teóricos sobre evidencialidade e modalidade:

Quadro 11 – quadro resumo sobre a conceptualização da evidencialidade em diferentes trabalhos

RELAÇÃO MODALIDADE E EVIDENCIALIDADE	
Palmer (1986)	Evidencialidade como subcategoria da modalidade
Chafe (1986)	Evidencialidade em sentido amplo (evidência + modalidade epistêmica)
Willet (1988)	Evidencialidade como subcategoria da modalidade
Aikhenvald (2004)	Evidencialidade e modalidade epistêmica como categorias distintas

Fonte: elaborado pela autora.

3.2. Sufixos TAME, evidencialidade e modalidade no Tukano¹⁶

Agora faremos uma historiografia das descrições sobre os sufixos de TAME, evidencialidade e modalidade no Tukano. Nosso critério principal para a inclusão de obras aqui foi a descrição de funções que remetam às noções de modalidade ou evidencialidade de forma explícita. Assim, descrições mais antigas do Tukano, como Kok (1921-1922) e Giaconne (1955, 1965) não foram incluídas.

O entendimento de que os sufixos TAME codificam a evidencialidade em Tukano nem sempre esteve presente nos estudos gramaticais sobre a língua. A forma que o Tukano codifica

¹⁵ Aikhenvald não é a primeira a estabelecer essa fronteira, contudo.

¹⁶ Os exemplos retirados das descrições tiveram a ortografia e as glosas padronizadas conforme as utilizadas nesta dissertação. A ortografia é a proposta por Ramirez (2019 [1997]a) e as glosas, em geral se baseiam na gramática desse autor, com diferenças que refletem nossa postura teórica e analítica.

noções como evidencialidade e modalidade é distinta do Português e de muitas línguas majoritárias, o que, na ausência de trabalhos tipológicos abrangentes como Aikhenvald (2004) ou mesmo de descrições de línguas individuais que lancem luz sobre o fenômeno como Barnes (1984), dificultam a compreensão e a descrição desses conceitos e das formas que o expressam. De certo que uma postura metodológica e descritiva que tenha como base o cânone da descrição gramatical greco-latina, Portuguesa ou Espanhola também contribuiu para que essas categorias não fossem descritas de modo compreensivo. No entanto, acreditamos que as maneiras utilizadas para conceptualizar os sufixos no histórico de descrições aqui expostas elucidaram certas noções sobre modalidade e evidencialidade no Tukano e viabilizaram parte do nosso trabalho nesta dissertação.

3.2.1. Ramirez (2019 [1997]a)

Nossa análise se baseia na descrição de Ramirez (2019 [1997]a) e apresenta o mesmo paradigma de sufixos, com algumas diferenças. A principal delas é a forma que se entendem os sufixos de TAME. Em Ramirez (2019 [1997]a, p. 85), são sufixos de **modalidade epistêmica** porque indicam “(...) o grau de conhecimento ou de implicação do locutor em relação ao enunciado (...)”. O paradigma de modalidade epistêmica na obra é dividido em quatro escolhas:

1. modalidade vista: a informação no enunciado foi adquirida por meio da visão;
2. modalidade sentida: a informação no enunciado foi adquirida por meio de sentidos que não a visão, como audição, olfato etc.;
3. modalidade dedutiva: a informação foi deduzida a partir de rastros perceptíveis de seu acontecimento;
4. modalidade reportativa: a informação foi adquirida por ‘ouvir-falar’ ou segunda-mão.

À primeira vista, a análise de Ramirez (2019 [2019]a) engloba apenas evidencialidade em seu sentido estrito de fonte de informação. Entretanto, como afirma o autor, há uma hierarquia quanto ao uso de evidenciais, a qual nos orienta para uma preferência do falante em relação à escolha de determinado sufixo de modalidade epistêmica quando ele tiver mais de uma fonte possível de informação. Para ilustrar a hierarquia, descrevemos a seguinte situação: João está em casa, e Maria, que mora com ele, possui duas evidências deste fato. A primeira é que o carro de João está na garagem; a segunda é que ela viu João na cozinha. O falante de Tukano, nesse contexto, escolheria o evidencial visual no lugar do inferencial, já que, hierarquicamente a visão se sobressai à inferência como um tipo de evidência mais confiável. Com base nisso, Ramirez (2019 [1997]a) propõe o seguinte:

Figura 7 – hierarquia de sufixos de modalidade epistêmica

MAIOR GRAU DE CONHECIMENTO/IMPLICAÇÃO ↔ MENOR GRAU DE CONHECIMENTO/ IMPLICAÇÃO				
MOD. VISTA	>	MOD. SENTIDA	>	MOD. REPORTATIVA > MOD. DEDUTIVA

Fonte: Ramirez (2019 [1997]a)

Desta hierarquia da Figura 7 depreende-se que Ramirez (2019 [1997]a), como Chafe (1986), entende que a qualidade da evidência implica uma atitude do falante quanto à informação, daí o termo modalidade epistêmica. O grau de implicação, por sua vez, diz respeito ao grau de controle e de envolvimento do falante no evento, como veremos no capítulo 4.

Segue o paradigma proposto por Ramirez¹⁷ no quadro 12:

Quadro 12 – sufixos de modalidade epistêmica em Ramirez (2019 [1997]a)

	PRESENTE	PASSADO RECENTE	PASSADO REMOTO	PNG
MODALIDADE VISTA	-mi -mo -ma -' -ti	-a-mi -a-mo -a-ma -a-pi -a-ti	-wĩ -wõ -wã -wĩ -ri	3NFSG 3FSG 3PL 1/2/INAN INTERROGATIVO
MODALIDADE SENTIDA	-sa-mi -sa-mo -sa-ma -sa-' -sa-ri	-a-sĩ -a-sõ -a-sã -a-si -a-sa-ri / -a-sa-di/	-kã-tĩ -kã-tĩo -kã-tĩa -kã-ti -kã-ti-ri	3NFSG 3FSG 3PL 1/2/INAN INTERROGATIVO
MODALIDADE DEDUTIVA		-a-pĩ -a-põ -a-pã -a-pã -a-pa-ri	-pĩ -põ -pã -pã -pa-ri	3NFSG 3FSG 3PL 1/2/INAN INTERROGATIVO
MODALIDADE REPORTATIVA		-a-pi' -a-po' -a-pa'ra	-pi' -po' -pa'ra	3NFSG 3FSG 3PL

¹⁷ Como veremos no capítulo 4, o paradigma proposto por Ramirez (2019 [1997]a) é o mesmo deste trabalho quanto à forma e expressão de tempo, aspecto e PNG. Ao nosso ver, contudo, estes sufixos são mais bem descritos em termos de evidencialidade do que modalidade epistêmica. Embora tenhamos alterado o rótulo de passado caducado para passado remoto por uma questão de clareza, nós o analisamos como apresentando o mesmo referencial temporal, por isso o mantemos conforme a nomenclatura empregada aqui por uma questão de coesão. Portanto, só mudaremos o rótulo para os empregados originalmente pelo autor quando este de fato refletir uma mudança na categorização dos sufixos. Assim, como Ramirez (2019 [1997]a) caracteriza os sufixos em termos de modalidade, preservaremos a nomenclatura empregada pelo autor.

		-a-pa'ro ---	-pa'ro/-po'ro	1/2/INAN INTERROGATIVO
--	--	-----------------	---------------	---------------------------

Fonte: Ramirez (2019 [1997])

Agora passemos para os sufixos individuais:

a) Modalidade vista:

[a] modalidade vista tem o sentido geral de situação vista pelo locutor. Caso o falante seja o próprio sujeito/objeto da situação (ou seja, enunciados cujo sujeito ou objeto está na 1ª pessoa), o falante expressa assim, não somente que ele vê o que ele faz ou o que é feito nele, o que é evidente, mas, sobretudo, que ele está diretamente implicado na situação e que se responsabiliza.” (Ramirez (2019 [1997]a), p. 89).

Assim, com sujeitos de primeira pessoa, Ramirez (2019 [1997]a) analisa o emprego do sufixo como forma de indicar que o falante possui controle, responsabilidade e acesso egofórico ao acontecimento do enunciado.

A construção analítica com a cópula e o passado recente da modalidade vista expressa aspecto habitual (exemplo 3.1):

(3.1.) (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 91)

a'tó kãrigi niñapi

a'tó kãri-gi

niñ-a-Ø-pi

DEM dormir-NMLZ.NFSG

COP-PREC-VIS-1/2/INAN

‘Eu costume dormir aqui.’

O tempo é condicionado pela evidência. Assim, mesmo se o acontecimento ainda esteja ocorrendo, caso o momento que o falante teve acesso visual ao evento esteja no passado em relação ao momento de fala, ele vai empregar o passado recente.

Quadro 13 – resumo do visual em Ramirez (2019 [1997]a)

FUNÇÃO PRIMÁRIA	EXTENSÃO DE SENTIDO
modalidade vista	- controle, responsabilidade e acesso privilegiado à informação; - habitual visual.

Fonte: elaborado pela autora com base em Ramirez (2019 [1997])

b) Modalidade sentida: “(a) modalidade sentida tem o sentido geral de situação não vista, mas sentida ou percebida pelo locutor”. No exemplo 3.2, o falante apenas ouve o cantar do galo sem ver o animal, por isso, emprega a modalidade sentida.

(3.2) (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 92)

kârêkê uusamí

kârêkê uú-Ø-sa-mi

galo cantar-PRES-NVIS-3NFSG

‘O galo canta (eu o ouço, mas não o vejo)’

De situação não-vista, depreende-se que o emprego da modalidade sentida também ocorre com verbos de emoção, mas somente na primeira pessoa. Como extensão de sentido da modalidade sentida, há o que Ramirez (2019 [1997]a) denomina de **modalidade de cálculo dedutivo**, em que o falante não possui total certeza do acontecimento no enunciado, mas não obstante, o grau de certeza ainda é alto (exemplo 3.3). Também expressa outros sentidos de incerteza e, segundo Ramirez (2019 [1997]a), o presente da modalidade dedutiva:

(3.3) (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 97)

marisamí

marí-Ø-sa-mi

não estar-PRES-NVIS-3NFSG

‘Ele não está aqui (tenho quase certeza)’.

Como no visual, a construção analítica com cópula e com o nominalizador no presente, expressa aspecto habitual não-visual (exemplo 3.4):

(3.4) (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 94)

maatá waro, ã’yâ ehatigî niiási

maatá waro, ã’yâ eha-ti-gi niî-a-si

cedo verdadeiro ver atingir-NEG-NMLZ.NFSG COP-PREC-NVIS.1/2/INAN

‘Muito cedo, eu não enxergo direito.’

No exemplo 3.4, o sufixo não-visual pode ter um sentido modal de habilidade já que implica que o falante não possui a habilidade de enxergar quando está muito cedo. Contudo, o fato de o

falante ter sua visão impedida também suscita o emprego de um não-visual. De qualquer forma, o exemplo 3.4 possui a semântica geral de habitual: “quando é muito cedo, não **costumo** enxergar direito”.

A modalidade sentida é usada quando o falante não se considera diretamente implicado no enunciado, isto é, quando o evento descrito no enunciado foi realizado involuntariamente. No exemplo 3.5, o falante erra o tiro, o que é uma ação involuntária: :

(3.5) (Ramirez, 2019 [1997]a. p.121)

semê pekâ yee muikāti

semê pekâ.yee mui-kāti

Paca atirar errar-PREM.NVIS.1/2/INAN

‘Errei o tiro da paca.’

Segundo Ramirez (2019 [1997]a), o presente interrogativo da modalidade sentida é empregado em pedidos de permissão, o que ele chama de permissivo (exemplo 3.6):

(3.6) (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 98)

sāháa’sari?

sāhá-a’-Ø-sa-ri

entrar-CTF-PRES-NVIS-INT

‘posso entrar?’

A modalidade sentida é empregada como imperativo de distância em uma construção serial com o verbo *ni’i* ‘continuar a fazer algo’. No exemplo 3.7, o falante manda alguém brincar em lugar afastado do local de fala, de onde decorre o emprego da construção de imperativo de distância:

(3.7) (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 98)

apê ni’isa’

apê ni’i-Ø-sa-’

brincar continuar.a.fazer.algo-PRES.NVIS-1/2/INAN

‘vá brincar!’

Quadro 14 – modalidade sentida em Ramirez (2019 [1997]a)

FUNÇÃO PRIMÁRIA	EXTENSÃO DE SENTIDO
modalidade vista	• falta de implicação no enunciado; • habitual não-visual; • modalidade epistêmica; • imperativo de distância; • permissivo; • presente da modalidade dedutiva;

Fonte: elaborado pela autora com base em Ramirez (2019 [1997])

c) Modalidade dedutiva: a modalidade dedutiva é usada quando o falante não possui evidências visuais nem sensoriais, apenas os resultados de um evento ocorrido no passado. Aos verbos chamados de verbos de processo por Ramirez (2019 [1997]a), como *apodrecer*, *amadurecer* e *envelhecer* geralmente são sufixados o inferencial (exemplo 3.8). Este funcionamento obedece à lógica de que o desenrolar da situação não pôde ser acompanhado por completo pela visão ou por outras percepções, tendo como evidência apenas os rastros no presente. Assim, usam-se os sufixos de modalidade dedutiva:

(3.8) (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 100)

ba’asehé piá wa’a**pã**

ba’a-sehé piá wa’a-a-**pã**

comida-NMLZ.INAN azedar ir-PREC-INF.1/2/INAN

‘a comida azedou, estragou (prova: a aparência e o cheiro dela)’

Ramirez (2019 [1997]a) por fim aponta que se utiliza o inferencial em narrativas de criação para indicar que os efeitos dos atos narrados ainda podem ser percebidos no presente: não se viu o narrado, porém pode-se inferir o desenrolar da narrativa a partir de seus resultados.

d) Modalidade reportativa: a modalidade reportativa é empregada quando a evidência da situação descrita pelo enunciado é de segunda-mão, isto é, quando ela foi adquirida a partir de outra pessoa: “(...) indica que a situação não foi vista ou sentida pelo locutor, mas por outra pessoa que informou o locutor (frequentemente, a pessoa que informa o locutor é aquela mesmo que efetuou a situação). É uma informação de segunda mão, traduzível por: ‘ouvi dizer que...’, ‘diz(em) que...’.” (Ramirez,

2019 [1997]a, p. 101-102). Hierarquicamente, a modalidade reportativa é superior à dedutiva, já que é possível que a pessoa de quem o locutor ouviu a situação do enunciado tenha evidência visual desta. Como vimos, a modalidade vista, segundo Ramirez, é hierarquicamente mais alta na escala de confiabilidade de evidência. Assim como a modalidade dedutiva, a modalidade reportativa só possui formas no passado. As construções com a modalidade reportativa são muito usadas em narrativas de criação, assim como em fofocas.

(3.9) (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 102)

utiá**po**'

utiã-a-**po**'

chorar-**PREC-REP.3FSG**

‘(ouvi dizer que ela) chorou (diz ela mesmo ou outra pessoa).’

3.2.2. West (1980) e West e Welch (2004)

West e Welch escreveram duas gramáticas com base nos dialetos do Tukano falados na Colômbia. Abordamos ambas as gramáticas na mesma seção por ter havido, entre elas, pouca mudança quando se trata da descrição dos sufixos de TAME em si. O que muda entre as duas descrições é o objetivo e a profundidade com que se aborda a gramática do Tukano. Na obra de 1980, *Gramática Popular del Tucano*, o objetivo é ser um livro de consulta. Já a de 2004, *Gramática Pedagógica del Tucano*, tem como objetivo o ensino de Tukano como segunda língua, assim, é estruturada em lições e não se aprofunda na descrição gramatical.

Para West Welch (2004, p. 10, tradução nossa), “[o] último sufixo do verbo, salvo em subordinadas e em imperativas, é um interrogativo ou demonstra o tempo, a pessoa e o gênero. [...]”¹⁸. Como para Ramirez (2019 [1997]a), apenas a terceira pessoa animada é marcada e apresenta distinção de número e gênero, havendo uma forma para terceira pessoa feminina, não-feminina e terceira pessoa plural. A primeira e a segunda pessoas animadas e a terceira pessoa inanimada possuem o mesmo índice. O tempo dos verbos denota o tempo em que se realizou a ação. Assim, diferentemente de Ramirez (2019 [1997]a), o tempo que se obteve a evidência não influencia na escolha de tempo do sufixo, sendo o tempo da situação do enunciado a variável que mais pesa sobre o tempo da proposição.

¹⁸ “El último sufijo de cada verbo, salvo en los dependientes e imperativos, es un interrogativo o demuestra el tiempo, la persona y el género. [...]”

West (1980) e West e Welch (2004) apenas atribuem algum sentido de evidencialidade a sufixos com referência temporal no passado, o qual é reduzido em relação a Ramirez (2019 [1997]a). Há três escolhas quanto à evidência do enunciado: “passado presenciado pelo falante” (West, 1980; West e Welch 2004), “passado não presenciado pelo falante”, sendo este último dividido em passado reportativo e passado supositivo. O passado presenciado pelo falante vai se dividir, assim como em Ramirez (2019 [1997]a), em passado recente e passado remoto. No entanto, West (1980) acrescenta mais uma subcategoria: o passado enfático. Esta forma corresponde aos passados do evidencial não-visual de Ramirez (2019 [1997]a), contudo, a rigor, não possui um sentido evidencial para a autora. Não há, portanto, na descrição, uma categoria exclusiva e gramaticalizada para o não-visual, sendo tanto a visão quanto a audição, englobadas pelo “passado presenciado pelo falante”, de forma semelhante à de outras línguas, como o Kubeo (Chacon, 2013) e o Wanano (Stenzel e Gomez-Imbert, 2018)¹⁹. Vamos explorar essas diferentes categorias mais adiante neste capítulo. Por ora, comecemos por explorar a descrição pela maneira que as autoras entendem a organização do paradigma TAME em Tukano, isto é, a partir do tempo gramatical.

a) Presente

Como dito anteriormente, o presente não possui sentido evidencial, sendo apenas o tempo que “(...) denota um evento que o falante presencia na atualidade; pode se referir também a uma ação habitual.” (West e Welch, 2004, p. 11, tradução nossa)²⁰. Há, contudo, em West (1980, p. 27) uma alusão breve a um possível sentido evidencial ao chamar o presente de “presente imediato visível”.

Quadro 15 – Presente em West (1980)

PNG		SUFIXO
1/2/INAN		-’
3ª PESSOA ANIMADA	NFSG	-mi
	FSG	-mo
	PL	-ma

Fonte: West (1980)

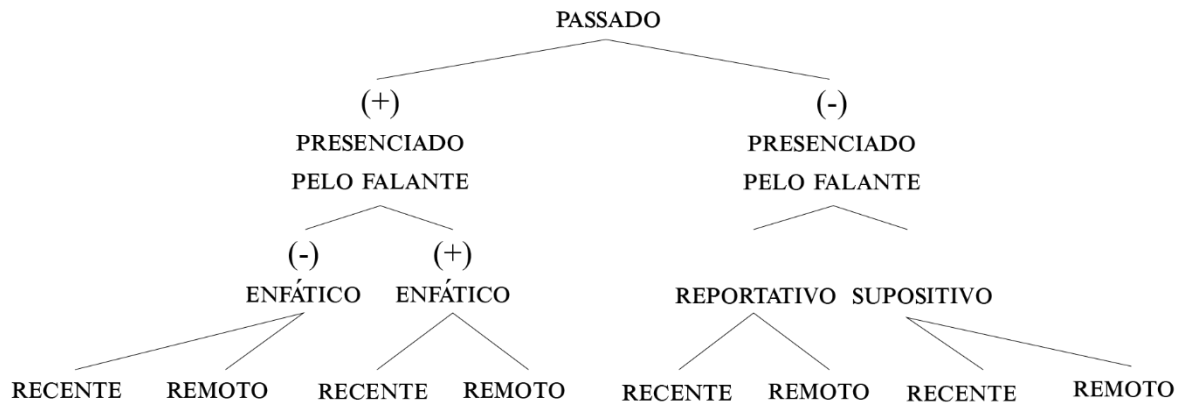
b) Passado

¹⁹ No Wanano, existe uma estratégia de evidencialidade para marcar informações não-visuais: “[...] non-visual evidence can only be expressed by a construction in which the main predicate event—in (8), ‘the kidnappers coming’—is a nominalized complement to a serialization: koa-ta ‘make noise+come’, indicating the ‘sound-of-X-happening’ with associated cislocative motion (towards the speaker). [...]” (Stenzel e Gomez-Imbert, p. 366)

²⁰ (...) denota un suceso que el hablante presencia en la actualidad; puede referirse también a una acción habitual.

O tempo passado se divide naquele presenciado pelo falante e naquele não presenciado pelo falante, assim, há aqui um claro sentido evidencial. O presenciado pelo falante se divide em passado não enfático e passado enfático, sendo estes divididos passados remoto e recente. Já o passado não presenciado pelo falante se divide em reportativo e supositivo, que também possuem referencial temporal recente e remoto.

Figura 8 – divisão de passado em West (1980)



Fonte: West (1980)

O passado presenciado pelo falante é o passado em que o falante presenciou a situação do enunciado ou então esteve diretamente envolvido. Temporalmente, ele é dividido em recente e remoto. O passado recente é o passado mais imediato em relação ao presente ou, então, descreve uma situação atual, mas distante espacialmente. Já o passado remoto refere-se a uma situação em

(...) um período que não é recente; se estende desde o ponto mais remoto que o falante pode recordar até mais ou menos três dias antes do momento de fala. Ademais, se uma pessoa se mudou de aldeia, pode-se usar o passado remoto para relatar acontecimentos que sucederam o dia anterior em sua antiga aldeia, pois, no momento de fala, o falante se encontra em um espaço remoto em relação a estes acontecimentos (West e Welch, 2004, p. 50, tradução nossa)²¹.

No quadro 16, apresentamos as formas dos passados em West (1980):

Quadro 16 – passado presenciado pelo falante em West (1980)

PNG	PASSADO RECENTE	PASSADO REMOTO
1/2/INAN	-a-pi	-wi

²¹ “(...) un período no reciente; se extiende desde el punto más remoto que el hablante puede recordar hasta más o menos tres días antes del momento en que se habla. Además, si una persona se ha mudado de aldea, puede usar el pasado remoto para relatar acontecimientos que sucedieron el día antes en su antigua aldea, pues en el momento de hablar se halla remoto en espacio de dichos acontecimientos.”

3ª PESSOA ANIMADA	NFSG	-a-mi	-wĩ
	FSG	-a-mo	-wõ
	PL	-ma	-wã

Fonte: West (1980)

No passado presenciado pelo falante, há ainda a subcategoria do passado enfático, o qual corresponde aos passados do não-visual, mas, a princípio, não possui nenhum sentido evidencial. Segundo as autoras, o passado enfático recente se refere a “uma ação bem mais recente e implica uma atitude mental de preocupação quanto à ação por parte do falante. (...)” (West, 1980, p. 29, tradução nossa)²². Apesar de as autoras não atribuírem à forma um sentido evidencial explícito, no trecho seguinte, elas dão indícios de que o enfático pode sim possuir um sentido evidencial, no entanto, de forma vaga o suficiente para não ser possível afirmar com certeza de que se trata de um não-visual: “(...) [se] usa com frequência quando o falante não pôde encontrar algo, ou não viu algo. (...)” (West, 1980, p. 29)²³. O enfático apenas se emprega com sujeitos de primeira pessoa, segundo a autora (quadro 17):

Quadro 17 – passado presenciado pelo falante enfático em West (1980)

PNG	PASSADO RECENTE	PASSADO REMOTO
1/2/INAN	-a-si	-kãti

Fonte: West (1980)

No exemplo 3.10, no enunciado, não há informações que apontem para a preocupação mental do falante, contudo, o uso do enfático, segundo West (1980), indica a expressividade emocional do enunciado:

(3.10) (West, 1980, p. 29)

niĩasi.

niĩ-a-si

COP-PREC-NVIS.1/2/INAN

‘Estive aqui (eu lembro da situação porque me afetou emocionalmente).’

²² “(...) una acción más bien reciente e implica una actitud mental de preocupación em cuanto a la acción por parte del hablante. (...)”

²³ “(...) Se usa com frecuencia cuando el hablante no pudo encontrar algo, o no vio algo.”

Os passados não presenciados pelo falante dividem-se em supositivo e reportativo²⁴. O passado reportativo é empregado quando uma situação é adquirida de segunda mão: “[se] usa o passado reportativo para transmitir uma informação contada por outra pessoa; para indicar que o falante não olhou a ação, ou não quer ter nada a ver com a ação realizada; e para focar sobre outras pessoas. De modo geral, implica que o falante não presenciou a ação.” (West e Welch, 2004, p. 51, tradução nossa)²⁵. É interessante notar aqui que, para além de expressar uma informação obtida de segunda mão, o reportativo implica a não responsabilização do falante sobre o que se fala, o que remete a uma noção modal.

Quanto ao passado supositivo, este é definido como o tempo que “(...) se usa quando o falante não está certo sobre a fonte de informação, mas supõe que é verdade. Nesse tempo, aquele que fala está desprendido da ação e da informação. (...)” (West, 1980, p. 31, tradução nossa)²⁶. O *supositivo*, para as autoras, não indica evidência em si, mas a incerteza acerca da fonte de informação.²⁷ A suposição de verdade, por sua vez, aproxima este sufixo da modalidade epistêmica, já que indica atitude em relação à veracidade do enunciado. A semântica inferencial de “informação adquirida a partir de rastros visíveis” não é clara na definição fornecida por West (1980), contudo, o sentido modal frequentemente depreendido de evidência inferencial na literatura está presente. As formas do supositivo em West (1980) são as mesmas da modalidade dedutiva em Ramirez (2019 [1997]a).

No quadro 18, dispomos as formas dos passados não-presenciados pelo falante em West (1980):

Quadro 18 – passado não presenciado pelo falante em West (1980)

	PASSADO RECENTE	PASSADO REMOTO	PNG
--	-----------------	----------------	-----

²⁴ Embora West (1980) não faça uma divisão entre passados recente e remoto para os passados não presenciados pelos falantes, afirma que esses sufixos admitem a adição do sufixo de ação remota -a (sufixo de passado recente aqui). Para efeitos práticos, portanto, apresentaremos os sufixos organizados em passado recente e remoto.

²⁵ Se usa el pasado reportativo para transmitir información que le ha contado otra persona; para indicar que el hablante no miró la acción o no quiere tener nada que ver con la acción que se realizó; y para chismear acerca de otras personas. Por lo general, implica que el hablante no presenció la acción.

²⁶ (...) se usa cuando el hablante no está seguro de la fuente de información pero supone que es la verdad. Em este tempo, el que habla está desprendido de la acción y de la información

²⁷ O nome *supositivo*, nesse caso, não origina de uma aceção de que se infere a situação do enunciado a partir de resultados visuais, assim não sendo possível o intercâmbio com a categoria de evidencial *inferencial*. No trabalho de 2004 das autoras, apesar de não ser tratado diretamente, no prólogo, há um trecho em que se lê: “Por medio de los accidentes verbales él muestra que miró la acción o recibió la información de otra persona. También puede indicar que no miró la acción, pero miró los resultados de la acción.” (West e Welch, 2004, p. v). Esta definição se assemelha à de Ramirez (1997) para o inferencial, contudo não há menção ao “acidente verbal” a que as autoras se referem.

REPORTATIVO	-a-pi' -a-po' -a-pa'rã' -a-pa'ro'/a-po'ro'	pi -a-po' -a-pa'rã' -a-pa'ro/a-po'ro'	3NFSG 3FSG 3PL 1/2/INAN
SUPOSITIVO	-a-pĩ -a-põ -a-pã -a-pã	-pĩ -põ -pã -pã	3NFSG 3FSG 3PL 1/2/INAN

Fonte: elaborado pela autora com base em West (1980).

Finalmente, em West (1980), há um sufixo denominado de *indefinido*, o qual exprime uma noção de modalidade epistêmica: “[o] o sufixo indefinido *-sa* se usa para ações das quais não se está muito seguro. Dá a ideia de possibilidade, probabilidade ou ‘talvez’. (...)” (West, 1980, p. 58, tradução nossa).²⁸ O indefinido é compatível com quase todo sufixo, com exceção dos passados presenciados pelo falante (recente e remoto) e o sufixo de passado enfático. Esses sufixos podem equivaler à modalidade sentida ou ao sufixo de incerteza *-sa* em Ramirez (2019 [1997]a). Esta incompatibilidade sugere a existência do paradigma que falaremos no capítulo 4.

Assim como em Ramirez (2019 [1997]a), o *-sa* em West (1980) e West e Welch (2004) é utilizado para formar o chamado *futuro indefinido* (West, 1980) ou *futuro de predição* (Ramirez, 2019 [1997]a). A formação é a mesma encontrada na *Fala Ye'pã Masã*.

Por fim, nota-se, nas gramáticas de 1980 e 2004, certos exemplos com o uso do indefinido *-sa* que não parecem ter a mesma semântica de incerteza, probabilidade ou possibilidade epistêmica (exemplo 3.11):

(3.11) (West e Welch, 2004, p 17)

ti'otisa'

ti'o-ti-Ø-sa'

entender-NEG-PRES-NVIS-1/2/INAN

‘Não entendo.’

No exemplo 3.11, depreende-se falta da habilidade, que como veremos, no capítulo 5 suscita o emprego do indefinido ou não-visual.

²⁸ El sufijo indefinido *-sa* se usa para acciones de las cuales no se está muy seguro. Añade la idea de posibilidad, probabilidad o ‘tal vez’.

Já em West (1980, p. 96), a modalidade desiderativa, expressa por meio da construção verbo + *sĩrĩ* ‘querer’, quando exemplificada, é sempre acompanhada pelo *-sa*. Como veremos mais à frente, o *-sa* só é sufixado a verbos desiderativos em sentenças declarativas quando estes são correferentes com sujeitos de primeira pessoa. Assim o exemplo 3.12 provavelmente possui sentido epistêmico:

(3.12) wa’a *sĩrĩsa*mi

wa’a *sĩrĩ-Ø-sa*-mi

ir querer-PRES-NVIS-3NFSG

‘Ele provavelmente quer ir.’

No exemplo 3.13, por outro lado, o sufixo acompanha um verbo correferente com sujeito de primeira pessoa. Assim, no exemplo 3.13, podemos assumir que o *-sa* não é empregado em seu sentido epistêmico.

(3.13) (West e Welch, 2004 p. 17)

mi’i yéere bu’é *sĩrĩsa*’

mi’i yée-re bu’é *sĩrĩ-Ø-sa*-’

você POSS-OBL aprender querer-PRES-NVIS-1/2/INAN

‘Quero aprender sua língua.’

3.2.3. Sorensen (1969)

The Morphology of Tukano é a tese de doutorado de Arthur Sorensen e uma das primeiras descrições gramaticais com viés estruturalista da língua. Sorensen é pioneiro e esboça um paradigma de evidenciais, mas que em nada tem a ver com os sufixos TAME e que jamais foram identificados por outras descrições. Os sufixos TAME também são descritos de forma reduzida, sem guardarem, contudo, nenhum sentido de evidencialidade, expressando certa noção de modalidade epistêmica. Os sufixos de TAME estão distribuídos na superclasse dos sufixos endocêntricos, nas categorias dos sufixos determinativos e simulativos. Os sufixos endocêntricos fazem parte da estrutura canônica da palavra em Tukano em Sorensen (1969), esquematizada no quadro 18:

CONSTITUINTE DA RAIZ DA PALAVRA		CONSTITUINTE DOS SUFIXOS DA PALAVRA		
TEMA		SUFIXOS EXTRA-TEMÁTICOS		
Radical	Unidade estrutural morfológica de sufixos temáticos	Unidade estrutural morfológica de sufixos endocêntricos	Unidade estrutural morfológica de sufixos exocêntricos	Unidade estrutural morfológica de sufixos modais

Fonte: elaborado pela autora com base em Sorensen (1969).

De modo geral, descrevem modificações, qualificações e estipulações de ações para os verbos. Nos nomes, correspondem mais ou menos aos sufixos de gênero, forma e número. Já os sufixos exocêntricos, nem sempre obrigatórios, são a superclasse de sufixos que ocorre após a sufixação dos endocêntricos. A descrição fornecida por Sorensen nos leva a crer que estes “morfemas” equivalem mais ou menos aos nomes e verbos dependentes em Ramirez (2019 [1997]a), e funcionam como posposições ou advérbios. Os sufixos verbais exocêntricos expressam, segundo Sorensen, noções de “novamente”, “de repente”, “inesperadamente”, etc.

As terminações pessoais expressam atitude, tempo, aspecto, pessoa, gênero e número. Segue o paradigma completo de terminações pessoais no Quadro 20:

Quadro 20 – terminações pessoais em Sorensen (1969)

TEMPO, ASPECTO E ATITUDE		PNG	
-m-	neutralidade ou hábito	-i	indiferente a gênero ou masculino
-w-	indicador de “já”	-i	masculino animado
-p-	ação anterior	-o	feminino animado
-s- ²⁹	ação anterior imediata com talvez, alguma, irritação	-a	plural animado

Fonte: elaborado pela autora com base em Sorensen (1969)

Quanto à indicação de pessoa, a análise de Sorensen (1969) não é muito diferente da de Ramirez (2019 [1997]a) ou West (1980). Ele descreve as terminações em termos de compatibilidade com os outros tipos de sufixos e então os agrupa em quatro conjuntos de terminações diferentes. Por ser um tema não muito relevante para o objetivo deste trabalho, passemos ao que o autor chama de determinativos.

²⁹ Ele parece se referir ao não-visual no passado recente.

Nas sexta e oitava posições dos sufixos endocêntricos, figuram os sufixos chamados determinativos. Estes são determinativos porque

(...) (1) suas ocorrências individuais (junto com a falta de ocorrência) ‘determinam’ quais conjuntos de terminações pessoais podem ocorrer já que alguns conjuntos podem ocorrer apenas com certos tipos de determinativos; (2) porque suas ocorrências são, por outro lado, ‘determinadas’ ou requeridas pela ocorrência anterior de qualquer outra derivação ou flexão verbal; e (3) porque, junto com a ausência de sufixo, ‘determinam’ ou indicam o grau de factualidade da atividade ou estado dos verbos.” (Sorensen, 1969, p. 156, tradução nossa)³⁰.

Sorensen descarta qualquer hipótese de esses sufixos indicarem tempo ou evidencialidade, já que, para o autor, são sentidos elicitados em situações de contato linguístico. Assim, indicam, de modo geral, modalidade epistêmica. São três sufixos determinativos que três possibilidades de sentido, a saber:

Os determinativos

- -Ø-: habitual;
- -a-: certeza;
- -sa-: probabilidade, possibilidade.

Em nossa análise, estes sufixos equivalem às marcas de presente ou visual, passado recente e não-visual no presente.

Os simulativos são os evidenciais de fato no trabalho de Sorensen. No entanto, de acordo com o autor, são pouco usados e são compatíveis com poucos verbos. Os simulativos indicam eventos presenciados por sentidos exceto o visual (Sorensen, 1969, p. 165):

Os simulativos

- mo-ro-: indica atividade não visual;
- -po-ro-: indica impressão ou percepção não visual;
- -kó-ro: indica atividade evidenciada pela audição;
- -so-ro: indica atividade que pode ser sentida fisicamente.

-po-ro parece equivaler à marca do reportativo 3PL e 1/2/INAN no passado remoto. Já ko-ro, -so-ro e mo-ro podem ser os verbos *akôro* ‘percerber-se’, *sôroô* ‘introduzir fazendo algo’ e *moroo* ‘para cima, para o alto’ (Ramirez, 2019 [1997]b). Ainda que, sob uma análise mais profunda,

³⁰(...) (1) their individual occurrences (together with lack of occurrence) ‘determine’ which sets of personal endings may occur in that certain sets of personal endings are restricted to occur only with certain sets of determinatives (2) because their occurrences are in turn ‘determined’ or required by the prior occurrence of any other verbal derivations or inflection; and (3) because they, together with the lack of suffix, ‘determine’ or indicate the degree of actuality of the activity or state of verbs.

metade das formas acima não tenham nenhum sentido de evidencialidade, é interessante notar que Sorensen (1969) é o único autor aqui que emprega o termo evidencial em sua descrição.

3.2.4. Silva (1966)

Em as Observações Gramaticais da Língua Daxseyé ou Tukano, do pe. Alcionílio Brüzzi Alves da Silva, de 1966, o verbo Tukano é composto por tema geral (radical), temas temporais (TAM), desinências pessoais (PNG), formas (atividade, extralocal, dubitativa, negativa, interrogativa e interrogativo-negativa) e vozes (passiva e média ou reflexiva). Silva (1966) importa parte da categorização de um modelo gramatical greco-latino, o qual não se traduz fielmente para o Tukano. No entanto, há partes de sua descrição que nos interessam aqui, especialmente as formas verbais dos perfeitos indefinido, histórico, de pesar e dúvida, de espontaneidade e do subjuntivo.

As formas de atividade extralocal e dubitativa, cuja nomenclatura é remanescente das formas verbo-nominais do Latim e do Português, correspondem, respectivamente, ao visual e ao não-visual no presente e ao sufixo de incerteza em Ramirez (2019 [1997]a). Estas estão esquematizadas no quadro 20:

Quadro 21 – formas verbais em Silva (1966)

FORMA DE ATIVIDADE		FORMA EXTRALOCAL		FORMA DUBITATIVA	
Forma considerada ordinária sem marcação para modalidade epistêmica ou evidencialidade.		É usada quando o evento comunicado é/foi realizado em uma localidade distante da qual o falante se encontra no momento de fala.		Indica incerteza do falante quanto ao enunciado.	
1/2/INAN	-Ø	1/2/INAN	-sa'	1/2/INAN	-sa-sa'
3NFSG		3NFSG	-sa	3NFSG	-sa
3FSG		3FSG	-sa-mo	3FSG	-sa-sa-mo
3PL		3PL	-sa-ma	3PL	-sa-sa-ma

Fonte: elaborada pela autora com base em Silva (1966)

Os perfeitos indefinido e remoto correspondem, respectivamente, aos passados recente e remoto do visual em Ramirez (2019 [1997]a). Contudo, Silva inclui formas que podem corresponder ao reportativo e ao inferencial, mantendo a semântica de um sufixo de evidencialidade não-marcada. O perfeito histórico corresponde, em sua maioria, ao inferencial, mas também apresenta algumas formas do reportativo. Recebe esse nome por ser muito empregado nas narrativas de criação Tukano. Segundo Silva (1966, p. 188), o perfeito histórico é empregado quando “o narrador entende enunciar uma opinião não sua, mas a da tradição, ou de alguma

personagem histórica, opinião sobre a qual, quiçá, o narrador teria suas dúvidas [...]”. Já o perfeito de pesar ou dúvida, que equivale ao passado recente do não-visual, é utilizado para expressar acontecimentos desagradáveis. No exemplo 3.14, a situação desagradável é o desgosto do falante pela pupunha:

(3.14) yi'î ti'sâapi irêre, mipîre yabî niîasi.

yi'î ti'sâ-a-Ø-pi irê-re,
 eu gostar-PREC-VIS-1/2INAN pupunha-OBL
 mipî-re yabî niî-a-si.
 açai-obl desagradar COP-PREC-NVIS.1/2/INAN
 'Eu gostei da pupunha, não gostei do açai.'

O perfeito de espontaneidade, em nosso trabalho, o passado remoto do não-visual, é empregado quando o falante deseja passar noção de espontaneidade: “A noção de espontaneidade deduz-se de algumas expressões usuais; por exemplo do verbo *buhí*: rir, *buhikati*, que se poderia traduzir, ri gostosamente. Também do verbo *ti'sa*, é muito empregado o perfeito 6º [de espontaneidade] *ti'sakati*, gostei de. (...)” (Silva, 1966, 189). [...]”. No quadro 22, dispomos os perfeitos em Silva (1966). elaborada pela autora.

Quadro 22 – perfeitos em Silva (1966)

	PERFEITOS				
	INDEFINIDO	REMOTO	HISTÓRICO	PESAR OU DÚVIDA	ESPONTANEIDADE ³¹
3NFSG	-ami/-apĩ/-api	-wĩ	-pĩ/-pi	-asĩ	-katĩ
3FSG	-amo/-apõ/-ãpo	-wõ	-põ	-asõ	-katiõ
3PL	-ama/-apã/-apã'ra	-wã	-pã	-asã	-katiã
1/2/INAN	-api	-wi	-pã/-pã'ra	-asi	-kati
INT	-ati	-ri	-pa'ri	-asari	-katiri

Fonte: elaborado pela autora com base em Silva (1966)

³¹ Nas formas extralocal e dubitativa os sufixos *-sa* são inseridas entre os segmentos *-ka-* e *-ti* como em, *niîkasasati* 'Talvez eu estive'. Não colocamos as formas extralocal e dubitativa por concisão e por não acreditarmos ser relevantes a nossa análise. Não encontramos essas formas nas descrições mais completas em Ramirez (2019 [1997]) e West (1980), além de implicarem que existem, no Tukano, circunfixos, o que não é coerente com sua morfologia exclusivamente sufixante. Ademais, aqui apontamos a forma básica do não-visual remoto como *-kâti*, que pode ser sufixada ou fusionada com as marcas de PNG.

Por fim, o subjuntivo, que aqui equivale ao reportativo, segundo Silva, se refere a uma opinião alheia, que contrasta com a proposição objetiva, opinião própria do falante. É o único tema temporal com um significado evidencial explícito. Nesse contexto, uso do termo subjuntivo talvez remeta ao emprego do modo em contextos epistêmicos de baixa certeza (Givón, 1994, p. 277). De fato, o reportativo parece ser evitado em contextos cotidianos por implicar baixa confiabilidade, e, portanto, baixa certeza, o que, em tese o alinha com um dos usos do subjuntivo. Contudo, como vimos em análises mais recentes neste capítulo, não existe este modo no Tukano.

Quadro 23 – subjuntivo em Silva (1966)

	SUBJUNTIVO	
	PRESENTE	PERFEITO
3NFSG	-api'	-pi
3FSG	-apo'	-po
3PL	-apa'ro	-pa'ra
1/2/INAN	-apa'ro	-pa'ro

Fonte: elaborado pela autora com base em Silva (1966)

3.2.5. Síntese

Ramirez (2019 [1997]a) e West (1980) apresentam os dois paradigmas mais estruturados de TAME. No entanto, todos, de modo geral, aludem a alguma noção de modalidade ou evidencialidade. Embora, em alguns aspectos, as descrições variem consideravelmente na forma que categorizam os sufixos – West (1980) e Ramirez (2019 [1997]a) em menor grau –, a análise do *-sa* como codificador de modalidade epistêmica é comum a todas as descrições. Por outro lado, apenas Ramirez (2019 [1997]a) identifica sua função como evidencial não-visual. As demais descrições não reconhecem as formas não-visuais do presente e do passado como partes do mesmo paradigma ou como codificadoras de evidencialidade, sendo os sentidos de modalidade epistêmica e expressividade emocional mais comuns. No Quadro 24, fornecemos uma síntese:

Quadro 24 – síntese das descrições

	Sentidos gerais dos sufixos	São analisados como parte do mesmo paradigma?	Existe alguma forma que expressa sentido não-visual explicitamente?
Ramirez (2019 [1997]a)	-TAM; -PNG. -visual; -não-visual;	Sim.	Sim.

	-inferencial; -reportativo; -modalidade epistêmica		
West (1980) e West e Welch (2004)	-TAM; -PNG; -distância espacial; -evento presenciado pelo falante; -reportativo; -supositivo; -modalidade epistêmica; -alusão ao estado emocional do falante.	Sim, com exceção do não-visual no presente -sa.	Não.
Sorensen (1969)	-TAM; -PNG -alusão ao estado emocional do falante; -evidencialidade de segunda-mão; -modalidade epistêmica.	Não.	Sim, mas é a estratégia de evidencialidade <i>akoro</i> ‘perceber-se’
Silva (1966)	-TAM; -PNG -distância espacial; -aspecto; -alusão ao estado emocional do falante; -evidencialidade de segunda mão; -modalidade epistêmica.	Não.	Não.

Fonte: elaborado pela autora.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS SUFIXOS DE TAME

No capítulo 3, vimos como a literatura prévia sobre a língua Tukano descreveu e analisou os sufixos de TAME. Percebemos que a riqueza e a complexidade do sistema de evidencialidade da língua evoluiu à medida que a literatura sobre evidencialidade desde uma perspectiva tipológica se desenvolveu. Neste capítulo, vamos descrever e analisar os sufixos de TAME em suas categorias de fonte de informação com base no acesso à informação (indireto vs indireto) e nos sentidos (visual e não-visual).

Em geral, baseamos o paradigma de TAME em Ramirez (2019 [1997]a) e, em menor grau, em West (1980) e West e Welch (2004), contudo, com algumas alterações na categorização por acreditarmos ser uma forma mais precisa de descrever os sufixos. Alteramos o rótulo de sufixos de modalidade epistêmica para sufixos de TAME/evidenciais por acreditarmos que os sufixos são mais bem descritos em termos de evidencialidade. De visual, passamos a entender o sufixo também como evidencialidade não marcada por motivações morfológicas e semânticas (seção 4.2.1). Simplificamos o sensorial não-visual para não-visual por este abranger fontes de informação que extrapolam o domínio sensorial (seção 4.2.2).

Este capítulo é dividido em três seções. Na seção 4.1, descreveremos o funcionamento geral dos sufixos de TAME no Tukano, destrinchando as categorias expressas por estes e seu comportamento no nível da sentença. Na seção 4.2, discutiremos o funcionamento de cada categoria de fonte de informação, suas extensões de sentido e a forma que interagem com outras categorias como tempo, aspecto e pessoa. Ademais, vamos explorar, de forma breve, alguns gêneros de arte verbal e narrativas orais e como o contexto em que se inserem bem como a interação com novas tecnologias podem afetar a escolha de evidenciais. Por fim, dispomos uma síntese da descrição na seção 4.3.

4.1. Funcionamento geral dos sufixos de TAME no Tukano

Quadro 25 – sufixos de TAME com base em Ramirez (2019 [1997]a)

	PRESENTE	PASSADO RECENTE	PASSADO REMOTO	
VISUAL	-mi -mo -ma -' -ti	-a-mi -a-mo -a-ma -a-pi -a-ti	-wĩ -wõ -wã -wĩ -ri	3NFSG 3FSG 3PL 1/2/INAN INTERROGATIVO
NÃO-VISUAL	-sa-mi -sa-mo	-a-sĩ -a-sõ	-kã-tĩ -kã-tõ	3NFSG 3FSG

	-sa-ma -sa-' -sa-ri	-a-sã -a-si -a-sa-ri	-kã-tĩa -kã-ti -kã-ti-ri	3PL 1/2/INAN INTERROGATIVO
INFERENCIAL		-a-pĩ -a-põ -a-pã -a-pã -a-pa-ri	-pĩ -põ -pã -pã -pa-ri	3NFSG 3FSG 3PL 1/2/INAN INTERROGATIVO
REPORTATIVO		-a-pi' -a-po' -a-pa'rã -a-pa'ro ---	-pi' -po' -pa'rã -pa'ro/-po'ro	3NFSG 3FSG 3PL 1/2/INAN INTERROGATIVO

Fonte: elaborado pela autora com base em Ramirez (2019 [1997])

As marcas de TAME no Tukano são sufixos *portmanteaux* que codificam informações de tempo, aspecto, modalidade, evidencialidade e concordância de pessoa, número e gênero com o sujeito num sistema nominativo-acusativo. Quanto à evidencialidade ela é classificada quanto ao acesso e quanto à forma de percepção. O acesso pode ser direto e indireto: no direto, o falante presencia o acontecimento por meio de visão e outros sentidos; no indireto o falante não presencia o acontecimento, mas toma conhecimento deste por intermédio de rastros perceptíveis (inferencial) ou ouvir-falar (reportativo). No acesso indireto, dividimos as escolhas evidenciais em primeira e segunda-mão. A primeira-mão engloba o acesso inferencial: embora a evidência seja com base em indícios indiretos do acontecimento, o falante ainda possui acesso de primeira-mão a estes. O acesso de segunda-mão, o reportativo, abarca a informação obtida por ouvir-falar ou por uma referência identificada (citativo). As escolhas evidenciais estão exemplificadas nos exemplos 4.1 – 4.4.

(4.1) VISUAL

Wekî numiô di'î bihigo **nîmo**

Wekî numiô di'î.bih-go **nî-Ø-mo**

vaca fêmea gordo-NMLZ.FSG **COP-VIS.PRES-3FSG**

‘A vaca está muito gorda (eu vi).’

(4.2) NÃO-VISUAL

Vanessa wi'îpi nîsamo

Vanessa wi'î-pi nî-Ø-sa-mo

Vanessa casa-LOC COP-PRES-NVIS-3FSG

‘A Vanessa está em casa (escuto ela).’

(4.3) INFERENCIAL

wa'î wehé **wa'aapĩ**

wa'î wehé **wa'a-a-pĩ**

peixe pescar **ir-PREC-INF**

‘Ele foi pescar (inferi porque vi que os materiais de pesca não estão mais no seu lugar).’

(4.4) REPORTATIVO

Balaiopire ki'mâ **nĩapo'ro**, wa'î yi'î sisô wa'ago'ti

Balaio-pi-re ki'mâ **nĩ-a-po'ro**,

Balaio-LOC-OBL verão **COP-PREC-REP.1/2/INAN**,

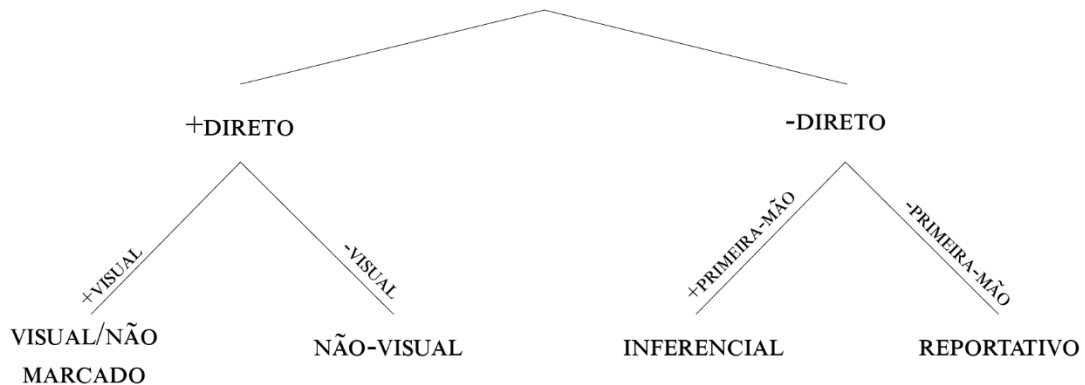
wa'î yi'î sisô wa'a-go-'ti

peixe eu moquear **ir-NMLZ.FSG-CTP**

‘Faz verão no Balaio, vou moquear peixe (eu ouvi falar).’

Figura 9 – divisão dos sufixos de TAME quanto ao tipo de evidencialidade

EVIDENCIAIS NO TUKANO



Fonte: elaborada pela autora.

Os sufixos TAME são finitos e ocorrem em orações principais. As subordinadas são marcadas por sufixos nominalizadores que marcam correferencialidade, câmbio de sujeito, ou funcionam como relativas ou completivas (ver capítulo 2):

(4.5) Akôro pehâ'kã sa'baró wa'aapã

Akô-ro pehâ-'kã sa'bá-ro wa'a-a-pã
 água-NMLZ.GLOC cair-CR fazer.lama-NMLZ.GLOC ir-PREC-INF.1/2/INAN
 ‘Porque choveu, fez lama aqui.’

No exemplo 4.5, a subordinada *akôro pehâ'kã* ‘porque choveu’ é sufixada pela marca de câmbio de referência -‘kã, enquanto a oração principal *sa'baró wa'aapã* ‘fez lama aqui’ é sufixada pelo sufixo TAME inferencial 1/2/INAN -pã.

Os tipos de sentença também condicionam a ocorrência de evidenciais. Em sentenças declarativas, é possível empregar os quatros tipos de evidência. Em sentenças interrogativas, apenas o visual, o não-visual e o inferencial são possíveis (Ramirez, 1997 [2019]a). Por fim, em sentenças diretivas, não se faz distinção evidencial (Ramirez, 2019 [1997]a) e West, 1980). Isto se deve ao traço de futuridade inerente às diretivas: é um evento projetado no futuro, ponto em que não é possível apontar um tipo de evidência. Na construção de futuro no Tukano, tampouco é possível. Vejamos exemplos com o imperativo -ya (exemplo 4.6) e com o exortativo -rã (exemplo 4.7). Em ambos os casos, os sufixos diretivos ocorrem na posição em que os sufixos de TAME estariam em sentenças declarativas:

(4.6) pekâwi ye'êtikã'ya, wiópi niĩ!

pekâwi ye'ê-ti-kã'-ya wió-pi niĩ-Ø-'
 lenha-FTUB pegar-NEG-ASS-IMP perigoso-LOC COP-PRES.VIS-1/2/INAN
 ‘Não pegue na arma, ela é perigosa!’

(4.7) kãrekẽ ãrí wa'aapĩ kô'âkã'rã

kãrekẽ ãrí wa'a-a-pĩ kô'â-kã'-rã
 frango estragar ir-PREC-INF.3NFSG jogar fora-ASS-HORT
 ‘O frango estragou, vamos jogar fora.’

Quadro 26 – tipos de sentença em Tukano e sufixos correspondentes.

SENTENÇAS DECLARATIVAS	SENTENÇAS INTERROGATIVAS	SENTENÇAS DIRETIVAS	SUBORDINADAS
---------------------------	-----------------------------	---------------------	--------------

(4.10) **a'tí kasêro ã'íri bihi niĩ'**

a'tí kasê-ro ã'í-ri bihi niĩ-Ø-'
 DEM pano-NMLZ.GLOC sujeira-PL.INAN cheio COP-PRES.VIS-1/2/INAN
 'Este pano está cheio de sujeira.'

(4.11) **Yi'ire o'ô' miĩ morooro**

Yi'í-re o'ô-Ø-' miĩ moroo-ro
 eu-OBL dar-PRES-1/2/INAN pegar subir-NMLZ.GLOC
 'Dá, para mim, levantar.'

(4.12) **o'ôri koô otê'karo ti'sâ butía'mo**

o'ô-ri koô otê-'ka-ro ti'sâ butía'-Ø-mo
 flor-PL ela plantar-PFV-NMLZ.GLOC gostar muito-PRES.VIS-3FSG
 'ela gosta das flores, dos plantados dela.'

(4.13) **kĩ buhamí mã'mĩ**

kĩ buhá-Ø-mi mã'mĩ
 ele parecer-PRES.VIS-3NFSG jovem
 'Ele parece jovem.'

(4.14) **butuâ wiĩma**

butu-â wiĩ-Ø-ma
 cupim-PL voar-PRES.VIS-3PL
 'Os cupins voam.'

Quanto às informações de tempo, os sufixos de TAME no Tukano podem codificar, conforme Ramirez (2019 [1997]a) e West (1980), presente, passado recente e passado remoto. Não existe uma fronteira bem estabelecida entre o passado recente e o passado remoto, mas parece que o intervalo que confina o acontecimento ao passado recente vai desde alguns minutos até alguns dias antes do Tempo de Fala (TF). No presente, são realizados apenas os evidenciais visual/não-marcado

e o não-visual. O reportativo e o inferencial ocorrem apenas nos passados. O futuro é expresso por uma construção distinta e não permite expressão de evidencialidade. Os diferentes tempos estão ancorados deitivamente na relação entre o Tempo de Fala (TF) (quando o falante expressa um fato), Tempo de Acontecimento (TA) (quando o fato sendo expresso aconteceu) e o Tempo da Evidência (TE), ou seja, o momento em que o falante obteve a informação. Os evidenciais diretos (visual e não-visual) implicam um alinhamento entre TA e TE, enquanto TF pode ser posterior a TA/TE (passado) ou simultâneo (tempo presente). Para o inferencial, TE sucede TA, enquanto TF pode suceder ou ser simultâneo a TE. Já no reportativo, em nosso *corpus*, TA pode ser simultâneo, anterior ou posterior a TF.

Nos exemplos 4.15-4.17 vemos o funcionamento das categorias de tempo e evidencialidade nos sufixos. 4.15 implica que TA/TE/TF são simultâneos. Já em 4.16, a sentença poderia ter sido traduzida para o português no presente, contudo, TF é posterior a TE, assim, como o TE condiciona a codificação de tempo no Tukano, se usa o passado recente. Por fim, em 4.17, TE/TA precede TF sem a possibilidade de o evento ainda estar acontecendo.

(4.15) VISUAL NO PRESENTE

kĩ sa'ti-roakã wa'âmi
 kĩ sa'ti-ro-akã wa'â-Ø-mi
 ele devagar-DIM ir-VIS.PRES-1/2/INAN
 'Ele vai devagarinho.'

(4.16) VISUAL NO PASSADO RECENTE

paharã niîama kutîpa
 pahá-rã niî-Ø-a-ma kutîpa
 muitos-NMLZ.PL COP-VIS-PREC-3PL escorpiões
 'Tinha muito escorpião. (em um lugar que acabei de ver, mas não vejo mais)'

(4.17) VISUAL NO PASSADO REMOTO

Yiĩ pakó bu'êwõ wesê da'rasêhe
 Yiĩ pakó bu'ê-Ø-wõ wesê da'rá-sehe
 eu mãe ensinar-VIS-PREM.3FSG roça trabalhar-NMLZ

‘Minha mãe ensinou o trabalho da roça.’

Em 4.18, há o alinhamento entre TE/TE/TF com o não visual e, em 4.19, TF é posterior a TE/TE:

(4.18) NÃO-VISUAL

ĩrí niĩsa' k̃ĩ k̃eeká-doka

ĩrí niĩ-Ø-sa-' k̃ĩ k̃eeká.doka

feder COP-PRES-NVIS-1/2/INAN ele axila

‘A axila dele está fedorenta.’

(4.19) ão tuu pesaro b̃tĩ niĩasi

Ëo.tuu.pesaro b̃tĩ niĩ-a-si

travesseiro duro COP-PREC-NVIS.1/2/INAN

‘O travesseiro estava duro (eu senti).’

Em 4.20, no inferencial, o TA de *õrêapã* ‘urinaram’ encontra-se logicamente no passado já que a única forma de afirmar seu acontecimento são os rastros deixados – o cheiro de urina – no momento de TE e TF. Aqui vemos como TA condiciona a escolha do sufixo:

(4.20) INFERENCIAL

õrêapã, ãrê a'tó ahú niĩsa'

õrê-a-pã, ãrê a'tó ahú niĩ-Ø-sa-'

urinar-PREC-INF.3PL, urina aqui feder COP-PRES-NVIS-1/2/INAN

‘Urinaram, aqui está com cheiro de urina.’

Em 4.21, para o reportativo, TA precede TE, que precede TF:

(4.21) REPORTATIVO

yĩĩ aka-bihó nihi-pakó niĩapo'

yĩĩ aka.bihó nihi.pakó niĩ-a-po'

eu irmã.mais.nova grávida COP-PREC-REP.3FSG

‘Minha irmã mais nova me falou que está grávida.’ No reportativo, TE sobressai para a escolha do tempo, contudo, neste caso devemos observar o tempo do evento reportado e do reportativo. Em 4.22, com a cópula funcionando como um verbo *dicendi*, o TA é posterior ao TF, mas TE é anterior. Portanto, é TE que condiciona a escolha do sufixo, já que o enunciado está no passado recente.

(4.22) Kĩ wiogí a'tiákíhi nĩapi'

Kĩ	wió-gi	a'ti-ákíhi	nĩ-a-pĩ'
ele	chefe-NMLZ.NFSG	vir-NMLZ.FUT.NFSG	COP-PREC-REP.3NFSG

‘O chefe disse que vai vir.’

Os sufixos de TAME também parecem codificar distância espacial, como notado por West (1980), embora este seja um ponto que carece de uma investigação mais profunda. Vejamos o exemplo 4.23:

(4.23) Kõô wapo nĩwõ

Kõô	wapo	nĩ-Ø-wõ
ela	inimiga	COP-VIS-PREM.3FSG

‘Ela é minha inimiga.’

O sufixo TAME está no passado remoto, contudo, a tradução está no presente. A colaboradora da etnia Tukano nos forneceu a seguinte explicação: a mulher em questão mora em uma comunidade distante, por isso o uso do passado remoto. Vemos, nesse sentido, como os domínios de espaço e tempo se aproximam na língua. A escolha de um tempo no Tukano é condicionada por diferentes fatores, os quais ainda não são completamente compreendidos.

Quanto ao aspecto, os passados, em geral, codificam os aspectos perfectivos e habituais. O presente parece ser mais compatível com os aspectos estativos e contínuos. No presente, o sentido aspectual predominante é o imperfeito, em que se foca no desenrolar interno do evento (Comrie, 1976). No exemplo 4.24, vemos o uso do presente em um enunciado estativo:

(4.24) diâ-pata di'âpi ti'sâmi

diâ-pata	di'â-pi	ti'sâ-Ø-mi
pato	rio-LOC	gostar-PRES.VIS-3NFSG

‘o pato gosta do rio.’

No entanto, em nosso *corpus*, aspectos estativos são marcados, de forma mais recorrente, no passado recente. Isso mostra a primazia do evidencial: ainda que o estado possa ser verdadeiro no momento da fala (TF), ele foi observado no passado (TE precede TF). Parece-nos que os estados são marcados no presente apenas quando TE e TF se alinham, ou seja, quando o estado pode ser observado presencialmente durante o ato de fala. A marcação de aspecto pelos sufixos de TAME é ambígua, sendo, em geral, necessários mecanismos distintos, como construções verbais serializadas ou nominalizadas acompanhadas por um auxiliar. O aspecto progressivo, por exemplo, é marcado por construção analítica com o verbo principal nominalizado e o verbo auxiliar *wee* ‘fazer’, como nos exemplos 4.25 e 4.26 :

(4.25) yi'i bu'êgo weé' Dasê yeé uûkûsehe

yi'i	bu'ê-go	weé-Ø-'	Dasê	yeé	uûkû-sehe
eu	aprender-NMLZ.FSG	fazer-PRES.VIS-1/2/INAN	Tukano	POSS	falar-NMLZ

‘Eu estou aprendendo Tukano.’

(4.26) José u'agí weeamí

José u'á-gi	wee-a-Ø-mi
José tomar,banho-NMLZ.NFSG	fazer-PREC-VIS-3NFSG

‘José estava tomando banho.’

Os sufixos também podem ter uma leitura perfectiva, em que se foca na limitação do evento (Givón, 2001), como nos exemplos 4.27 e 4.28:

(4.27) dutûru akô yeeami do'âtisehe yi'ire

dutûru akô	yee-a-Ø-mi	do'âti-sehe	yi'i-re
médico remédio	passar-PREC-VIS-3NFSG	estar doente-NMLZ.INAN	eu-OBL

‘O médico me curou a doença.’

(4.28) Kĩ bikí wa'agí' ti'ó ehatiami

Kĩ bikí wa'á-gí' ti'ó eha-ti-a-Ø-mi

Ele velho ir-MR escutar atingir-NEG-PREC-VIS-3NFSG

'Ele, tendo envelhecido, ficou surdo.'

Ramirez (2019 [1997]a) nota que formas habituais são codificadas por construção analítica com o verbo principal nominalizado e a cópula no passado recente funcionando como auxiliar. Para situações habituais geralmente vistas, usa-se o visual, como em 4.29, e para percebidas por sentidos que não a visão, usa-se o não-visual (ver capítulo 3):

(4.29) (Ramirez (2019 [1997]a, p. 91)

wa'îre **ba'agó nîiápi**

wa'î-re **ba'â-gó** **nîi-a-Ø-pi**

peixe-OBL **comer-NMLZ.FSG** **COP-PREC-VIS-1/2/INAN**

'(eu) sempre como peixe.'

Em nosso *corpus*, o habitual pode ser codificado por uma construção sintética. Embora haja exemplos no presente (4.30), em geral, o aspecto é expresso no passado remoto (4.31 e 4.32), mesmo que o evento descrito não necessariamente esteja localizado no passado remoto. No exemplo 4.31, o emprego do passado remoto é coerente com uma ação habitual localizada em um tempo anterior ao TF (no tempo dos antepassados). No entanto, em 4.32, o exemplo foi traduzido como simultâneo ao TF presente, o que suscita outros fatores que não a distância temporal para o emprego do passado³².

(4.30) Marina wākûti **mihamo**

Marina wākû-ti **miha-Ø-mo**

Marina lembrar-NEG **fazer.repetidamente-PRES.VIS-3FSG**

³² A marcação do habitual parece se relacionar com a forma que Givón (1994) caracteriza o aspecto como ambíguo quanto ao seu status modal de *realis/irrealis*. Os sintagmas nominais sob o escopo do habitual, assim como de muitos enunciados *irrealis*, carecem da propriedade de *referencialidade*. Assim, a distância implicada no passado remoto talvez seja uma forma de sinalizar este traço.

‘A Marina nunca lembra.’

(4.31) dīporópī naâ kití werê'kũwã

dīporó-pi naâ kití werê-'kũ-Ø-wã
antigamente-LOC eles história contar-IPFV-VIS-PREM.3PL
‘Antigamente contavam muita história.’

(4.32) bīpī-pakó yamîre sihâwõ

bīpī-pakó yamî-re sihâ-Ø-wõ
coruja noite-OBL andar-VIS-PREM.3FSG
A coruja sai à noite/anda à noite

O inferencial pode ter uma leitura perfectiva, mas em geral, sobressai o sentido aspectual perfeito, em que evento possui relevância prolongada desde seu acontecimento até o TF (Comrie, 1976). Em 4.33, a leitura pode ser perfectiva já que o evento – ‘onça passou’ – é observado desde uma perspectiva fora do desenrolar interno do evento. Neste caso, o uso do inferencial é uma forma de sinalizar que o acesso à informação se deu a partir dos rastros (marcas de pata, por exemplo):

(4.33) yaî wa'áapĩ

yaî wa'á-a-pĩ
onça ir-PREC-INF.3NFSG
‘A onça foi (eu infiro).’

Contudo, em sentenças como 4.34, a relevância prolongada ao momento de fala é mais saliente: embora o evento de estragar tenha ocorrido no passado, sua relevância – o estado estragado do frango – permanece relevante. Note que, além o inferencial, emprega-se uma construção verbal serializada com o verbo *waa* ‘ir’:

(4.34) kãrekẽ ãrí wa'aapĩ kô'âkã'rã

kãrekẽ ãrí wa'a-a-pĩ kô'â-kã'-rã
frango feder ir-PREC-INF.3NFSG jogar.fora-ASS-HORT

‘O frango estragou, vamos jogar fora!’

No reportativo, como sobressai TE, também sobressai o aspecto perfectivo. Contudo, estudos sobre a relação aspecto e evidencialidade futuros são necessários para uma análise completa das categorias semânticas codificadas pelo verbo em Tukano. Em 4.21, há o uso do reportativo para reportar um estado:

(4.21) REPORTATIVO

Yiĩ aka-bihó nihi-pakó niĩapo'

Yiĩ aka-bihó nihi.pakó niĩ-a-po'

eu irmã mais nova grávida COP-PREC-REP.3FSG

‘Minha irmã mais nova me falou que está grávida.’

A expressão de modalidade será discutida no próximo capítulo, mas, em geral, os sufixos, quando expressam fonte de informação, estão no escopo da modalidade *realis*, com exceção do não-visual e do inferencial cujas extensões de sentido codificam modalidade *irrealis*. Uma síntese do funcionamento da evidencialidade com relação a tempo, aspecto e modalidade está nos quadros 27-29.

Quadro 27 – evidenciais e tempo no Tukano

TEMPO		
PRESENTE	PASSADO RECENTE	PASSADO REMOTO
visual/não marcado		
não-visual		
	inferencial	
	reportativo	

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 28 – evidenciais e aspecto no Tukano

ASPECTO		
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	PERFEITO
visual/não-marcado		
não-visual		
	inferencial	
	reportativo	

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 29 – evidenciais e modalidade no Tukano

MODALIDADE	
<i>realis</i>	<i>irrealis</i>

visual/não marcado	
reportativo	
	não-visual
	inferencial

Fonte: elaborado pela autora

4.2. Os evidenciais

Nesta seção, trataremos dos evidenciais visual, não-visual, inferencial e reportativo individualmente. Abordaremos seus sentidos básicos e suas extensões de sentido, sua segmentação morfológica e algumas particularidades do seu funcionamento em contextos discursivos não cotidianos.

4.2.1. Visual/Não Marcado

O evidencial visual/não marcado é empregado quando a informação do enunciado foi adquirida por meio da visão, como vimos no exemplo 4.35:

(4.35) laranja butîsehe niî'

laranja butî-sehe niî-Ø-'

laranja madura-NMLZ.INAN COP-PRES.VIS-1/2/INAN

‘A laranja está madura (eu vejo)’

Além de situações episódicas realmente vistas pelo falante, o visual também é usado quando não se especifica a fonte da informação, como no habitual (exemplos 4.30 e 4.32) e informações de senso comum (4.36 abaixo):

(4.36) marî yêki-simia dipoâpi ti'omí'karã niîwã

marî yêki-simi-a dipoâ-pi ti'omí'ka-rã niî-Ø-wã

nós.INC antepassados-PL cabeça-LOC gravar-PFV-PL COP-VIS-PREM.3PL

‘Nossos antepassados gravaram na cabeça.’

Desde um ponto de vista morfológico, consideramos o visual como um evidencial formalmente não marcado. Para elucidarmos, começemos pelas vogais finais dos morfemas e pela marca de passado recente, no quadro 30 (ver Malone 1988, Chacon e Michael 2018):

Quadro 30 – marcas de passado remoto e PNG nos sufixos de TAME do Tukano.

-a	marca de passado recente
-i	marcas de pessoa, número e gênero (PNG)
-ĩ	
-õ	
-ã	
-'	

Fonte: elaborado pela autora

Agora precisamos dar conta das marcas de 3FSG E 3NFSG, -m-, para o presente e passado recente, -p- para o passado recente 1/2/INAN e -w- para o passado remoto. O -m-, por figurar no paradigma do não-visual, não pode ser marca do visual, sincronicamente. Chacon e Michael (2018) reconstroem as marcas de PNG como a fusão de uma marca arcaica de TAM de passado/aspecto perfectivo e pró-formas pós-verbais indicativas de pessoa, número e gênero, cujo reflexo são as vogais estabelecidas no quadro 30. As marcas -m-, -p- e -w-, dessa forma, codificariam informações de tempo e aspecto. Por -m- figurar no paradigma do presente, o analisamos, no plano sincrônico, como marca de pessoa, o que torna o presente também não marcado, desse modo, -', codifica 1/2/INAN. O -p-, marca de 1/2/INAN no passado recente, em analogia com as demais marcas PNG, também analisamos como formativas da marca de PNG. Já -w-, por não ser acompanhado de outra marca de passado remoto, reteve sua leitura de tempo e aspecto. Tendo isso em vista, à evidencialidade visual atribuímos a marca -Ø. No quadro 31, temos a segmentação do visual no Tukano:

Quadro 31 – segmentação do visual no Tukano

-a	marcas de passado	-Ø	marca do visual
-w-			
-'/-(p)ĩ	1/2/INAN	-ti	marcas do interrogativo
-(m)ĩ	3NFSG	-ri	
-(m)õ	3FSG		
-(m)ã	3PL		

Fonte: elaborado pela autora

Em situações de elicitación, quando desprovidas de contexto quanto ao acesso à informação, o evidencial escolhido pelos falantes foi o visual.³³ Apenas quando solicitávamos um contexto

³³ Como explicitado na seção de metodologia, a elicitación de sentenças foi feita em conjunto com a elicitación de conceitos para o banco de dados Lexibank. Enquanto algumas sentenças gravadas foram diretamente elicitadas a partir do português, outras foram livremente faladas pelos nossos colaboradores.

específico, os falantes escolhiam um evidencial distinto. Em alguns casos, ainda que a elicitção fosse feita sob um contexto específico, o falante preferia o visual. Supomos que há duas razões para isto: a primeira é de que existe uma hierarquia de força evidencial, em que o visual ocupa a posição mais alta de confiabilidade; a segunda é que o visual é mais facilmente processado.

Além de ser não-marcado morfologicamente e de poder ser usado em situações em que não se requer uma observação visual episódica do falante (como fatos habituais, de conhecimento geral ou elicitções sem um contexto explícito para um dado enunciado), o visual é também o evidencial mais frequente em nosso *corpus*. Logo, podemos considerar o visual como o evidencial “não-marcado” do paradigma. Givón (2001) nota que as categorias marcadas, em geral, exibem complexidade estrutural, complexidade quanto à sua distribuição no discurso (menos frequentes) e complexidade cognitiva (mais dificilmente processadas pelo falante). As categorias não-marcadas, por outro lado, são estruturalmente menos complexas, mais frequentes, e mais facilmente processadas cognitivamente. Assim, podemos entender o não-visual como uma escolha não-marcada de evidencialidade.

4.2.2. Não-visual

O evidencial não-visual marca informações que foram adquiridas por percepção em geral, cognição e sentidos exceto a visão.

No exemplo 4.37, o falante sinaliza que não vê o Sa'âro Pagi, mas o escuta batendo em algo, assim vemos o não-visual sendo empregado para enunciados cuja informação foi adquirida por meio da audição.

(4.37) Sa'âro-Pagi³⁴ **paâsami**

Sa'âro-Pagi **paâ-Ø-sa-mi**

Sa'âro-Pagi bate-PRES-NVIS-NFSG

‘O Sa'âro-Pagi bate (em algo) (eu escuto).’

No exemplo 4.38, vemos um enunciado que pede o emprego do não-visual já que se trata de uma informação olfativa:

³⁴ O Sa'âro-Pagi é uma espécie de duende da mitologia Tukano, conhecido por bater nos troncos de árvore e fazer um barulho característico.

(4.38) *ĩ'tâ ĩrí nĩsa'**ĩ'tâ ĩrí nĩ-Ø-sa'*fezes **feder** COP-PRES-NVIS-1/2/INAN

está fedendo a fezes

No exemplo 4.39, o não-visual é empregado em um enunciado em que o falante relata a sensação de coceira na perna:

(4.39) *Yĩĩre yěkâ wākĩro weesa' mĩteki ba'â'karo**Yĩĩ-re yěkâ wākĩ-ro wee-Ø-sa-'*eu-OBL perna **coçar-NMLZ** **fazer-PRES-NVIS-1/2/INAN**

mĩteki ba'â-'ka-ro

carapanã comer-PFV.ANT-PART

‘Minha perna está coçando com a picada do carapanã.’

Falemos da segmentação do não-visual. Estabelecemos anteriormente as marcas de PNG, presente e passado recente. No presente, a marca do não-visual é o sufixo *-sa*, o qual, no passado recente é reduzido para o segmento *-s*. Por meio da marca de interrogativo, inferimos que a construção inicial seria **-sa* + uma das vogais de PNG. Assim, teríamos:

quadro 32: desenvolvimento das marcas de não-visual e PNG no passado recente

INT	sa-ri < *sa-ti
1/2/INAN	-si < *-sa-i
3NFSG	-sĩ < *-sa-ĩ
3FSG	-sõ < *-sa-õ
3PL	sã < *-sa-ã

O passado remoto do não-visual apresenta uma marcação distinta, o que sugere uma origem distinta. No quadro 33, expomos duas hipóteses de análise:

Quadro 33 – primeira hipótese de segmentação do não-visual no passado remoto**HIPÓTESE I**

-kã	marca de passado remoto e não-visual
-ti	marca do não-visual
-ĩ	marcas de PNG
-ĩ	
-o	

-a

Fonte: elaborado pela autora

Na hipótese I, o não-visual no passado remoto seria composto por dois morfemas, *-kã* para o passado remoto, podendo ser um nominalizador perfectivo (ver quadro 10) e *-ti*, o não-visual de fato. Vejamos o paradigma do não-visual no passado do Tuyuka (Barnes, 1984), em que as marcas de evidência não-visual são semelhantes às do Tukano:

Quadro 34 – passado do não visual no Tuyuka

PNG	MARCA
1/2/INAN	-ti
3NFSG	-ti
3FSG	-to
3PL	-ta

Fonte: Barnes (1984)

Com base nisso, podemos assumir que *-ti* é a marca para o não visual. Para 3NFSG e 1/2/INAN, *-ti* passou por um processo de fusão com as marcas de PNG, como no Tuyuka. Assim:

$ti < *ti-i < *ti-i$ e $tĩ < *ti-ĩ$.

Contudo, o passado remoto no Tukano é muito semelhante à estratégia de evidencialidade não-visual do Wanano (Stenzel e Gomez-Imbert, 2018), uma construção verbal serializada com os verbos *koa+ta*, ‘ouvir’ + ‘vir’, que toma como complemento a nominalização do verbo referente ao acontecimento percebido (p. 367):

- (4.40) ~dubí-a ~ja’á~ida tá-á ~dí-a
mulher-PL pegar-NMLZ.PL vir-3PL ser-PROG-3PL
koá-ta-ra
fazer.barulho-VIR-VIS.IPFV.2/3
‘Os sequestradores de mulher estão vindo (o falante os escuta)’

No exemplo 4.40 vemos a estratégia de evidencialidade *koa ta* ‘barulho vindo’ carregando a informação evidencial do enunciado, daí a sufixação do visual. Esta estratégia é semelhante ao emprego do verbo *akoro/okoro* ‘perceber-se’ para informações não-visuais no Tukano, o que também é sufixado pelo visual (exemplo 4.41). Este uso reforça nossa análise do visual como

sufixo formal e semanticamente não-marcado, já que é compatível com verbos que codificam informação não-visual:

(4.41) o'mé ãyusehé i'mîtihi-sehe niir **okoro'**

o'mé ãyú-sehe i'mîtihi-sehe nii-ro **okoro-Ø-**
 ar bom-NMLZ cheiroso-NMLZ COP-NMLZ **perceber-PRES.VIS-1/2/INAN**
 '(Eu percebo) um ar bom, cheiroso aqui'

Ademais, poderíamos assumir que a marca *-ti* tem origem em um verbo de percepção usado como estratégia de evidencialidade, como o *ti'o* 'entender'. Assim, para que pudéssemos analisar *-kã* como uma marca gramaticalizada de passado, ele teria de ser um prefixo, o que não é admitido pelo Tukano, que é uma língua exclusivamente sufixante. Dessa forma temos, como hipótese mais provável, que a marca de não-visual do passado remoto provavelmente era, assim como no Wanano, uma serialização verbal com um verbo de percepção como *kõ + a'ti* 'vir':

$k\hat{a}ti < *k\hat{o}ati < *k\hat{o} + a'ti$

Se assumirmos $\emptyset$ como marca de 1/2/INAN, temos que:

Quadro 35 – hipótese de desenvolvimento do não-visual no passado remoto

1/2/INAN	$k\hat{a}ti < *k\hat{a}ti-\emptyset$
3NFSG	$k\hat{a}t\tilde{i} < *k\hat{a}ti-\tilde{i}$
3FSG	$k\hat{a}t\tilde{o} < *k\hat{a}ti-\tilde{o}$
3PL	$k\hat{a}t\tilde{a} < *k\hat{a}ti-\tilde{a}$

Fonte: elaborado pela autora

A segmentação final do não-visual é, portanto:

quadro 36 – segmentação do não-visual

$\emptyset$	marca de presente
-a	marca de passado recente
-sa	marca do não-visual nos passados recente e remoto
$-k\hat{a}ti$	marca do não-visual no passado remoto
$\emptyset/-'/-i$	1/2/INAN
-(m) $\tilde{i}$	3NFSG
-(m) $\tilde{o}$	3FSG

-(m)ã	3PL
-------	-----

Fonte: elaborado pela autora

Para além de evidencialidade, o não-visual expressa o assumido³⁵ e outras formas de modalidade epistêmica. Em 4.42, vemos o uso do *-sa* como assumido e em 4.43, como marcador de incerteza:

- (4.42) *yĩĩ ma'mió nihĩ-pako niĩsamo makapi*
yĩĩ ma'mió nihĩ-pako niĩ-Ø-sa-mo maka-pi
 eu irmã.mais.velha grávida COP-PRES-NVIS-3FSG povoado-LOC
 ‘Minha irmã grávida está na cidade.’

- (4.43) *da'rágo weesamo*
da'rá-go wee-Ø-sa-mo
 trabalhar-NMLZ-FSG trabalhar-PRES-NVIS-3FSG
 ‘Talvez ela esteja trabalhando.’

Ademais, marca sentimentos, mas sempre na primeira pessoa. Compare (4.44) com (4.45). Em 4.43, *biha-wetigi weesa*, ‘eu estou triste’, correferente com o sujeito 1ª pessoa *yĩĩ* ‘eu’, o auxiliar *wee* é sufixado pelo não-visual *-sa*. Já em 4.44, *ekatigó niimo*, correferente com o sujeito de 3ª pessoa *yĩĩ makó* ‘minha filha’, a cópula é sufixada pelo sufixo visual *-Ø*.

- (4.44) *yĩĩ biha-wetigi weesa' yĩĩ nimo marímo a'tó*
yĩĩ biha-weti-gi wee-Ø-sa-'
 eu triste-NMLZ.NFSG fazer-PRES-NVIS-1/2/INAN
yĩĩ nimo marí-Ø-mo a'tó
 eu esposa não.estar-PRES.VIS-3FSG DEM
 ‘Estou triste, minha esposa não está aqui.’

³⁵ O assumido é uma categoria que transita entre evidencialidade e modalidade epistêmica (Stenzel e Gomez-Imbert (2018). Aqui optamos por classificá-las como modalidade epistêmica por motivos que exploraremos no capítulo 5, no qual também trataremos de outros tipos de modalidade e sua relação com os sufixos de TAME.

(4.45) *yî'î makó e'katigó niimo*

<i>yî'î makó</i>	e'káti-go	<i>nî-Ø-mo</i>
eu filha	ser feliz-NMLZ.FSG	COP-PRES.VIS-3FSG
'Minha filha está feliz.'		

Pelo não-visual, também se codifica o contraste entre enunciados em que o falante tem controle ou não tem controle de situação que ocorre com ele/ela. Este mecanismo pode ser empregado apenas com sujeitos de 1ª pessoa, o que mostra uma dimensão de egoforicidade vs. aloforicidade na codificação dos evidencial não-visual. Compare 4.46-a e 4.46-b:

(4.46)

a. *Yî'î birî ke'a waaasi kopêpi*

<i>Yî'î</i>	<i>birî.ke'a</i>	<i>waa-a-si</i>	<i>kopê-pi</i>
eu	cair	ir-PREC-NVIS.1/2/INAN	buraco-LOC
'Eu caí no buraco.'			

b. *Pedro birî sãhá wa'aami kopêpi*

<i>Pedro birî saha</i>	<i>waa-a-Ø-mi</i>	<i>kopê-pi</i>
Pedro cair dentro	ir-PREC-VIS-3NFSG	buraco-LOC
'Pedro caiu dentro do buraco.'		

Em 4.46-a, a construção verbal *birî ke'a waaasi* 'caiu', correferente com sujeito de 1ª pessoa *yî'î* tem o verbo serial *waa* 'ir' sufixado pelo passado recente do não-visual 1/2INAN -*si*. Já em 4.46-b, *waa*, correferente com o sujeito de terceira pessoa, *Pedro*, é sufixado pela marca do visual -Ø. O uso do não-visual nesses contextos exibe o efeito da primeira pessoa (Aikhenvald, 2014, p. 30, tradução nossa)³⁶: "[...] quando falo sobre mim mesmo, evidenciais possuem sentidos distintos. [...]". Neste caso, o emprego do não-visual pode ser relacionado ao fato de que a perda de controle sobre si mesmo não é observável pela visão. Por outro lado, a falta de visão pode implicar certa falta de controle, daí o uso do não-visual em situações em que o falante não possui

³⁶"[...] when I talk about myself, evidentials have somewhat different overtones. [...]"

controle sobre a situação do enunciado. Quando se trata de sujeitos de 2ª ou 3ª pessoa, a falante é apenas um observador da situação, o que explica o emprego do visual.

Por fim, uma clara manifestação da egoforicidade no emprego do não-visual se dá com o que West (1980) chama de enfático. Por falta de uma descrição mais adequada, aqui falaremos deste emprego do não-visual como uma função expressiva, para sinalizar que o falante se encontra emocionalmente afetado no momento de fala. Esta é uma função que carece de investigações mais profundas. Por um lado, todas as descrições aqui revisadas (West, 1980; West e Welch, 2004; Sorensen, 1969 e Silva, 1966), com exceção de Ramirez (2019 [1997]a), descrevem este emprego, por outro, este sentido foi particularmente desafiador de elicitar, havendo apenas um exemplo em nosso *corpus*.

(4.47) Yiĩre **niĩasõ**

Yiĩ-re	niĩ-a-sõ
Eu-OBL	COP-PREC-NVIS.3FSG
‘Ela falou de mim.’	

No exemplo 4.47, nossa colaboradora fala de uma situação hipotética em que uma mulher a difama e aquela, ao nos reportar a situação, está irritada, portanto, emocionalmente afetada pelo conteúdo do enunciado.

Contudo, a função expressiva do não-visual é bem comum no gênero de arte verbal *Hande Hande* ou *Handeki*. É um gênero majoritariamente feminino e geralmente performado durante cerimônias de Dabucuri, sendo, dessa forma, a maneira pela qual as mulheres se inserem na prática. Também pode ser performado em outros contextos festivos, como aniversários, boas-vindas e despedidas.

Maia (2018) descreve três tipos de *Hande Hande*: desabafo, provocação e deboche. No primeiro, a mulher lamenta sua solidão como esposa em outra comunidade com um povo diferente do seu no contexto da exogamia (ver capítulo 2). No segundo, a mulher flerta e convida algum convidado homem para um encontro sexual, embora seja uma brincadeira. No terceiro, a mulher relembra seu passado como criança na sua maloca de nascença brincando com homens de sua própria etnia e contrasta isto com suas vidas atuais, em que ambos criam sua própria família.

Aqui, traremos exemplos retirados de um CD de *Handes* gravados por Thiago Chacon em 2007 durante um Dabucuri de despedida. Nestes, emergem temas como solidão, tristeza, mas, ao mesmo tempo, resiliência e orgulho de sua identidade como filha de um povo, mas mãe e esposa de outro, o que parece se relacionar com o *Hande Hande* desabafo descrito em Maia (2018) Em todos os casos, sobressai o caráter emocional do gênero, o que provoca o emprego do não-visual. No exemplo 4.48, não visual é empregado em um enunciado em que a mulher canta o que é uma espécie de refrão, que reforça sua fala

(4.48) *hande hande niĩkã'samo, hande hande niĩkã'samo*

hande hande niĩ-kã'-Ø-sa-mo, hande hande niĩ-kã'-Ø-sa-mo
hande hande COP-ASS-PRES-NVIS-3FSG, hande hande COP-ASS-PRES-NVIS-3FSG
'Hande, hande, ela fala, hande, hande, ela fala.'

Como vimos, Silva (1966) exemplifica a função por verbos que, em geral, suscitam o uso do não-visual como *ti'sa* 'gostar'. Sorensen (1969) não apresenta exemplos. West (1980) apresenta o caso mais sólido, contudo, assim como neste trabalho, o não-visual é sempre sufixado à cópula *niĩ*. No exemplo 4.48 e no exemplo 4.49 abaixo observamos seu uso sempre sufixado à cópula:

(4.49) *Dasegó niĩapi, yi'iakã, ãyâa, wĩrâ pakó, yi'ĩ niĩasi*

Dase-gó niĩ-a-Ø-pi, yi'ĩ-akã ãyâ-a,
Tukano-FSG COP-PREC-VIS-1/2INAN, eu-DIM olhar-IMP,
Wĩrâ pakó, yi'ĩ niĩ-a-si
Desano mãe, eu COP-PREC-NVIS.1/2/INAN
'Eu sou Tukana, euzinha, olha, sou mãe de Desano.'

4.2.3. O inferencial

Os sufixos inferenciais são empregados quando a situação do enunciado não foi diretamente presenciada pelo falante, mas percebida por meio de vestígios de seu acontecimento:

(4.50) *a'tó niĩ' sa'baró akôro pehâ wa'aapã*

a'tó niĩ-Ø-' sa'bá-ro
DEM COP-PRES.VIS-1/2/INAN estar com lama-NMLZ.GLOC
akô-ro pehâ wa'a-a-pã

água-NMLZ.GLOC cair ir-PREC-INF.1/2/INAN

‘Tem lama aqui, choveu.’

Chacon (2012) nota para o Kubeo que o inferencial implica uma leitura perfeita/resultativa para o enunciado. No Tukano há também este sentido (exemplos 4.51 e 4.52):

(4.51) ohô boâ wa'apã

ohô boâ wa'a-Ø-pã

banana estragar ir-PREM-INF.1/2/INAN

‘a banana estragou.’

(4.52) di'â wetiapã

di'â wetí-a-pã

rio secar-PREC-INF.1/2/INAN

‘O rio secou.’

Os dois eventos descritos em 4.51 e 4.52 estão localizados no passado, contudo, sua relevância segue no momento de fala. Ou seja, observa-se um estado atual (‘banana estragada’, ‘rio seco’) e se atribui a um evento do passado não presenciado pelo falante.

A segmentação dos sufixos inferenciais é diferente da feita para o visual e o não-visual. As marcas de PNG para 3PL e 1/2/INAN são as mesmas. Isso talvez se deva às particularidades do inferencial e sua incompatibilidade funcional com sujeitos de 1ª pessoa, assim aproximando sujeitos 3ª pessoa inanimada e sujeitos de 3ª pessoa animada no plural. Além disso, os segmentos que expressam noções de TAME e de PNG não são tão facilmente segmentáveis, já que para 3NFSG e 3FSG, o que diferencia o inferencial e o reportativo são a nasalização para o inferencial e a laringalização no reportativo. Para o inferencial e o reportativo, o passado remoto é o padrão, por isso, o analisamos como não-marcado. Portanto, temos que:

Quadro 37 – segmentação preliminar do inferencial.

-Ø	marca de passado remoto
-pĩ	marca do inferencial e de PNG
-põ	
-pã	
-pa-ri	marca do inferencial interrogativo

Fonte: elaborado pela autora

No entanto, o interrogativo contém a forma *pa que talvez tenha sido o inferencial em um estágio anterior de sua gramaticalização. O -pa pode ter sido, no passado, uma marca de perfeito seguida por uma pró-forma ou um demonstrativo³⁷. Dessa forma:

Quadro 38 – desenvolvimento dos sufixos inferenciais

INT	pa-ri > *pa-ti
1/2/INAN	-pã < -pa-ã
3NFSG	-pĩ < -pa-ĩ
3FSG	-põ < pa-õ
3PL	-pã < pa-ã

Fonte: elaborado pela autora.

Para uma segmentação mais detalhada, achamos mais adequado levar em consideração a diacronia. Portanto:

Quadro 39 – segmentação final do inferencial

-∅	marca de passado remoto
-pa	marca do inferencial
-ĩ	3NFSG
-õ	3FSG
-ã	3PL/1/2/INAN
- ri	marca do interrogativo

Fonte: elaborado pela autora

Em nosso *corpus*, o inferencial possui menos ocorrências que o visual e o não-visual. Ainda que ocorra em contextos cotidianos, por ser uma categoria mais marcada, assumimos que seja menos usada que o visual e o não-visual. No entanto, como o reportativo, é bem presente nos *Kitimõri*, ou as narrativas épicas de criação Tukano. Ramirez (2019 [1997]a) aponta que o uso do inferencial remete ao juízo de que os rastros dos acontecimentos são visíveis atualmente. Mais do que isso, o fato de o mundo existir da forma que existe hoje é uma forma de inferir a sucessão de eventos dos *Kitimõri*. Aqui está um trecho do *kiti Pa'miri Wi'i*, 'Casa de Transformação', em que o inferencial é empregado amplamente (exemplo 4.53):

³⁷ Este é um estágio reconstruído por Chacon e Michael (2018) para os sufixos de PNG no visual/não marcado. No Proto Tukano Oriental, havia uma marca de passado/perfectivo seguida por um demonstrativo ou pronome codificador de PNG e concordância verbo-sujeito que se fundiram para formar as marcas atuais de visual e PNG.

(4.53) Kĩ Ye'pã masĩ, kĩ yee kumú **niipã**, níí'

Kĩ Ye'pã masĩ, kĩ yee kumú **niĩ-Ø-pã**, níí-Ø-'
 Ele Ye'pã homem, ele POSS banco **COP-PREM-INF.1/2/INAN**, COP-PRES.VIS-1/2/INAN
 Tií kumuro **niipã**:
 Tií kumuro **nii-Ø-pã**:
 DEM banco **COP-PREM-INF.1/2/INAN**,
 pa'miri kumu-ro, níí'
 pa'mi-ri kumu-ro, níí-Ø-'
 transformação-PL.INAN banco COP-PRES.VIS-1/2/INAN
 'O banco era dele, homem Ye'pa. Aquele banco era o "Banco da Transformação".'

É interessante comparar o trecho acima com um trecho do Novo Testamento em Tukano, traduzido pela Liga Bíblica:

(4.54) Be'ró Jesu kĩ bu'erá me'ra

Be'ró Jesu kĩ bu'é-rã me'ra
 Depois Jesus ele estudar-NMLZ.PL com
 ni'ká wi'ipi sãhã'ki niwĩ
 ni'ká wi'i-pi sãhã-'ki nii-Ø-wĩ
 uma casa-LOC entrar-PFV.NFSG COP-VIS-PREM.NFSG
 'Depois, Jesus e seus discípulos entraram em uma casa.'

Neste trecho em 4.54, assim como em outros da obra, se emprega o sufixo visual/não marcado. Não sabemos por que a tradução da Bíblia prefere o uso do visual em vez do reportativo ou inferencial. Talvez haja algo subjacente sobre a ideologia da palavra cristã e das histórias mitológicas? Se assim for, o emprego dos sufixos evidencia como a ideologia sobre a linguagem é permeada pelas crenças de um povo e como este conceptualiza o estado do que é, mas também do que já foi.

O inferencial, como veremos mais a fundo no capítulo seguinte, é usado como codificador de modalidade epistêmica no passado, identificando acontecimentos no passado que o falante não

possui uma evidência segura. Em 4.55, o falante infere pelo chão molhado que alguém tenha tomado banho, mas não tem certeza:

(4.55) *ape tero weerã u'aápã*

ape tero wee-rã

u'á-a-pã

talvez-NMLZ.PL

tomar banho-PREC-INF.3PL

Talvez tenham tomado banho (eu vi pelo chão molhado)

Palmer (1986) nota que o inferencial é categoria que ocupa, ao mesmo tempo, o espaço semântico de evidencialidade e modalidade epistêmica. No entanto, em uma abordagem específica ao Tukano, a leitura do inferencial como evidencial ou modal é dependente do contexto. O exemplo 4.55 mostra um uso epistêmico; contudo, quando o inferencial é empregado em narrativas míticas ou com sentido de perfeito, como em 4.52, isso não implica que o falante duvida do narrado. Sendo assim, deduzimos que o inferencial não necessariamente codifica incerteza.

Percebemos que, nas línguas Tukano Orientais, a categoria que ocupa um espaço ambíguo entre evidencialidade e modalidade epistêmica é o assumido (Stenzel e Gomez-Imbert, 2018), a qual é semelhante ao inferencial, mas difere em aspectos importantes. Enquanto o enunciado inferencial é proferido com base em rastros físicos, geralmente visíveis, o assumido nasce de conjectura baseada em senso comum ou memória. Ademais, o inferencial situa o acontecimento em um tempo anterior ao TF, portanto, estabelecido, e o assumido em tempo simultâneo ou posterior ao TF, o que abre maior espaço para especulação e contestação.

4.2.4. O reportativo

O reportativo veicula informações de segunda-mão. No caso do Tukano, abrange também enunciados em que a fonte de informação preserva sua referência. Assim, a categoria engloba tanto o “ouvir-falar” quanto o citativo. Em 4.56, vemos o uso do sufixo como reportativo, em que não se identifica a referência do relato. Isso se reforça pelo emprego da marca de reportativo PNG 1/2/INAN, *-po'ro*, empregada em enunciados impessoais (ver exemplo 4.11). Há, portanto,³⁸, o sentido geral

³⁸ Aqui ‘citativo’ não se refere a uma marca de discurso direto, mas sim a uma forma de evidencialidade de segunda-mão em que a pessoa responsável por relatar ao falante a informação é identificada: “[i]f a language has two reported-type evidentials, the most common distinction is that between reported (stating what someone else has said without specifying the exact authorship) and quotative (introducing the exact author of the quoted report).[...]” (Aikhenvald, 2004, p. 177).

de ‘ouvir-falar’. Já em 4.57, a referência do relato é identificada (Hemildo), e, ainda assim, se usa o reportativo.:

(4.56) te'á toópi, niã**po'ro** da'rásehe

te'á toó-pi niã-a-**po'ro** da'rá-sehe
vamos DEM-LOC COP-PREC-**REP.1/2/INAN** trabalhar-NMLZ
‘Vamos lá, falaram tem trabalho.’

(4.57) te'á da'rará, Hemildo da'rásehe kió**pi'**

te'á da'rá-rã Hemildo da'rá-sehe kió-Ø-**pi'**
vamos trabalho-HORT Hemildo trabalho-NMLZ.INAN ter-PREM-**REP.3NFSG**
‘Vamos trabalhar, Hemildo disse que tinha trabalho.’

Para a segmentação dos sufixos, faremos de forma semelhante à segmentação do inferencial. Os índices 3PL e 1/2/INAN exibem uma segmentação mais transparente. Podemos traçar a marcas do reportativo, como Ramirez (2019 [1997]a), para *-pa'*. Sendo assim:

Quadro 40 – desenvolvimento das marcas de reportativo

1/2/INAN	pa'ro < *pa'-ro
3NFSG	pi' < *pa'-i
3FSG	po' < *pa'-o
3PL	pa'rã < *pa'-rã

Fonte: elaborado pela autora.

Dessa forma:

Quadro 41 – segmentação do reportativo

-Ø	marca do passado remoto
-pa'	marca do reportativo
-i	3NFSG
-o	3FSG
-rã	3PL
-ro	1/2/INAN
-ri	marca do interrogativo

Fonte: elaborado pela autora.

Como no inferencial, a marca de 1/2/INAN é distinta das marcas de evidência direta. É semelhante ao nominalizador inanimado -ro. Uma explicação funcional possível para isto é que, como na inferência, há certa incompatibilidade da semântica de um reportativo com sujeitos de 1ª e até 2ª pessoa.

Em nosso *corpus*, o reportativo foi o evidencial menos frequente e cuja elicitación foi mais desafiadora. Mesmo em enunciados explicitamente reportativos, sobretudo aqueles com referência identificada, houve certa resistência em empregar o sufixo. Em contextos cotidianos, isso pode se dever ao fato de o reportativo ser uma forma de evidência que implica menos confiabilidade³⁹. Este fato sugere uma função modalizadora do reportativo que deve ser explorada em trabalhos futuros.

Assim como o inferencial, o reportativo é empregado nos *Kitimõri*. A seguir, um trecho do *Yai Kiti*, História da Onça, em que se narra a origem da Constelação da Onça do calendário Tukano em Maia (2018, p. 256) (adaptado para a grafia de Ramirez (2019 [1997]a):

(4.51) Yaiwa, naâ ipi nimi'ke imisehepi doke wãapa'ro,

Yai-wa,	naâ ipi	nimi-'ke (?)	imisehe-pi	doke wãa-pa'ro
Onça-PL	eles corpo	(?)	céu-LOC	atirar ir-PREM-REP.1/2/INAN

teé ipita yõkoãpa niîsa' (...)

tee ipita yõkoãpa niî-Ø-sa-'

DEM corpo constelações COP-PRES-NVIS-1/2/INAN

'Os corpos das onças foram atirados ao céu, onde hoje são constelações (...)'

A relação entre o emprego de evidenciais e o surgimento e a popularidade de novas tecnologias, em especial, o uso de celulares para comunicação por *WhatsApp*, carece de uma pesquisa mais aprofundada. Nosso *corpus* sugere que o reportativo pode ser empregado para veicular informações recebidas por mensagem instantânea, ainda que sejam comprovadas por fotografia. No exemplo 4.21, a sentença foi elicitada a partir da seguinte situação: “Você vê uma foto da sua irmã grávida no *Facebook/Instagram/Whatsapp* e descobre que ela está grávida. Você vai contar para a sua (seu) esposa (o).”:

³⁹ “Speakers of ET languages generally do not employ reported markers for indirect speech reports, preferring direct quotation of another person’s speech as a fully finite sentential complement of a speech verb. Direct quotation preserves the original evidential reference, freeing the current speaker from the ‘attenuated certainty’ epistemic overtones associated with reported markers. (...)” (Stenzel e Gomez-Imbert, 2018, p. 368).

(4.21) Yĩĩ aka-bihó nihi-pakó niĩapo'

Yĩĩ aka-bihó nihi.pakó niĩ-a-po'

eu irmã.mais. nova grávida COP-PREC-REP.3FSG

‘Minha irmã mais nova me falou que está grávida.’

Por outro lado, acreditamos que o emprego de evidenciais neste caso está sujeito ao perfil dos falantes: se for um usuário mais jovem e aclimatado com o uso do celular e de redes sociais, talvez a evidência empregada seja a direta. Caso contrário, o reportativo e talvez o inferencial possam ser utilizados.

4.3. Síntese

O Tukano apresenta um sistema complexo de evidenciais que abrange evidência direta—visual não-visual — e indireta — inferencial e reportativo. Os evidenciais são parte de sufixos *portmanteaux* que também codificam tempo, aspecto, modalidade e concordância de PNG. Sua ocorrência e frequência são dependentes do contexto discursivo: em situações cotidianas, o mais frequente é o visual/não-marcado. Contudo, como notamos, outros contextos discursivos mais especializados exigem um padrão distinto de emprego de evidencialidade. No quadro 42 apresentamos uma síntese de nossa análise:

Quadro 42 – síntese da descrição e da análise dos sufixos de TAME

	VISUAL/NÃO MARCADO	NÃO-VISUAL	INFERENCIAL	REPORTATIVO
SEMÂNTICA	Evidência direta visual ou evidência não especificada.	Evidência adquirida por percepção não-visual ou cognição.	Evidência adquirida por inferência a partir de rastros perceptíveis do acontecimento.	Evidência adquirida por segunda-mão, podendo ser identificada por referência (citativo) ou não.
EXTENSÕES DE SENTIDO	Por ser não-marcado pode expressar acontecimentos habituais ou de senso comum.	Modalidade epistêmica; (assumido/incerteza) egoforicidade; expressão de emoção acentuada.	Perfeito, resutativo, modalidade epistêmica	-

USO ESPECIALIZADO	Evidencial mais comum em contextos discursivos cotidianos,	Em sua função de expressiva de emoção, é empregado amplamente nos <i>Handes Handes</i> .	Empregado nas narrativas épicas <i>Kitimõri</i> .	Empregado nas narrativas épicas <i>Kitimõri</i> .
------------------------------	--	---	--	---

Fonte: elaborado pela autora.

5. SUFIXOS DE TAME E MODALIDADE

O objetivo deste capítulo é discutir a relação entre as categorias de evidencialidade e modalidade na língua Tukano. Como vimos no capítulo 3 desta dissertação, a discussão sobre o *status* da evidencialidade como categoria modal ocupa um lugar significativo no debate da tipologia de evidenciais e evidencialidade. Nossa postura teórica tende a classificar evidencialidade e modalidade como dois conceitos teóricos distintos, contudo, há, para além do debate tipológico, evidências robustas na língua Tukano e em outras línguas Tukano Orientais que instigam uma categorização mais fluída entre as duas categorias, sobretudo no sufixo TAME codificador de evidência não-visual.

Para isso, explicitaremos o que entendemos por modalidade e qual o enquadramento teórico-metodológico utilizado para determinar os tipos de modalidade encontrados na língua Tukano (seção 5.1), exporemos as estratégias utilizadas na língua para construção de enunciados modais (seção 5.2), discutiremos o uso de evidenciais em construções modais, mais especificamente o uso do não-visual (seção 5.3) e, por fim, traçaremos hipóteses nos planos sincrônico e diacrônico que expliquem a interação entre sufixos evidenciais e modalidade.

5.1. Definição, delimitação e enquadramento teórico-metodológico

5.1.1. Realis vs Irrealis

Em termos gerais, entendemos o conceito de modalidade como a codificação da atitude ou do julgamento do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado. Mais especificamente, delimitamos a atitude em relação direta ao *status* factual do enunciado. Frawley (1991, p. 385, tradução nossa) define modalidade como fenômeno que “[...] se relaciona ao *status* factual da informação; sinaliza a efetivação relativa, a validade ou credibilidade do conteúdo de uma expressão. A modalidade afeta a assertabilidade da expressão e, portanto, abarca em seu escopo toda a proposição. [...]”⁴⁰. O autor, ecoando Chung e Timberlake (1985), entende a modalidade como a codificação da relação entre o MUNDO DA EXPRESSÃO e o MUNDO DA REFERÊNCIA. Quando, no enunciado, o mundo da expressão e o mundo da referência coincidem, obtemos a modalidade *realis*. Quando divergem, obtemos a modalidade *irrealis*.

⁴⁰ “Modality concerns the factual status of information; it signals the relative actuality, validity, or believability of the content of an expression. Modality affects the overall assertability of an expression and thus takes the entire proposition within its scope [...]”.

Estabelecemos, portanto, os dois primeiros tipos de modalidade utilizados neste trabalho: *realis* e *irrealis*. Podemos entender estes dois conceitos também em termos que englobam a noção de factividade, não-factividade e contrafactividade (Lyons, 1977; Givón, 2001):

Quadro 43 – relação entre modalidade e factividade

CONCEITO	DEFINIÇÃO	STATUS MODAL
FACTIVO	o falante se compromete com a factualidade do enunciado/verdade factual	asserção <i>realis</i>
NÃO FACTIVO	o falante não se compromete nem com a factualidade nem com a não factualidade/verdade possível	asserção <i>irrealis</i>
CONTRAFATIVO	o falante se compromete com a não factualidade do enunciado	asserção negativa

Fonte: elaborado pela autora.

5.1.2. Evidenciais, *realis* e *irrealis*, e tipos de sentença: o que consideramos marca de modalidade *irrealis*

Givón (1982)⁴¹ defende que haveria uma escala de espaço epistêmico (Quadro 44) na qual a evidencialidade estaria num espaço de média certeza, dessa forma implicando menos comprometimento do falante em relação à factualidade do enunciado.

Quadro 44 – escala de espaço epistêmico

BAIXA CERTEZA	MÉDIA CERTEZA	ALTA CERTEZA
Asserção <i>irrealis</i>	Asserção <i>realis</i>	Óbvio deitivamente Pressuposto Conhecimento compartilhado
evidencialidade impossibilitada	evidencialidade requerida	evidencialidade dispensada

Fonte: Givón (1982, p. 42) (com adaptações)

⁴¹ O autor tampouco aponta para os evidenciais como codificadores de modalidade *irrealis*. Nosso ponto aqui é esclarecer que os evidenciais não são marcas de *realis*, apenas de fonte de informação.

Os enunciados que codificam a evidência visual, os quais se encontram na posição mais alta da hierarquia de força de evidenciais, são formalmente não marcados, como atestamos no capítulo 4. Na escala de força de evidenciais (Givón, 2001, p. 327), temos como diferentes parâmetros de evidência são elencados em uma hierarquia:

Figura 10 – hierarquia de evidenciais

HIERARQUIA DE EVIDENCIAIS

- | | |
|---|-----------------------------------|
| a. hierarquia de acesso | b. hierarquia de sentidos |
| EVIDÊNCIA SENSORIAL DIRETA > EVIDÊNCIA INDIRETA | VISÃO > AUDIÇÃO > OUTROS SENTIDOS |
| c. hierarquia de deixis pessoal | d. hierarquia de deixis espacial |
| FALANTE > OUVINTE > 3ª PESSOA | PERTO > LONGE |

Fonte: Givón (2001, p. 327)

Portanto, levando-se em consideração a escala, temos que:

Figura 11 – hierarquia de força evidencial em um sistema de evidenciais como o Tukano

VISUAL	>	NÃO-VISUAL	>	INFERENCIAL	>	REPORTATIVO
acesso: direto		acesso: direto		acesso: indireto		acesso: indireto
sentido: +visão		sentido: -visão		sentido: -		sentido: -
dêixis pessoal:		dêixis pessoal:		dêixis pessoal:		dêixis pessoal:
falante		falante		falante		ouvinte ou 3ª pessoa

Fonte: elaborada pela autora.

Não analisamos declarações *realis* como tendo uma marca realizada fonologicamente, sendo marcadas por um morfema -Ø. Os evidenciais, em seu sentido estrito de fonte de informação, são sufixados a verbos em declarações *realis*. O não-visual e o inferencial, em seus sentidos modal epistêmico, formam declarações *irrealis*. Quanto ao reportativo, não encontramos evidências robustas que de fato é empregado como modal epistêmico, sendo sua posição baixa na hierarquia de confiabilidade um efeito decorrente de sua natureza evidencial. Estudos futuros são necessários para investigar uma possível função modal do reportativo. Interessantemente, embora o não-visual esteja em uma posição alta na hierarquia de evidencialidade, é muito produtivo como modal epistêmico. Isto sugere que a hierarquia na figura 11 não deve ser o único fator levado em conta

para analisar modalidade na língua, mas também processos de gramaticalização e reanálise semântica que nos permitam entender a aproximação entre percepções não-visuais e modalidade⁴².

Aqui consideramos o imperativo como um tipo de sentença diretivas associada a um ato de fala⁴³.

Quadro 45 – tipos de sentença e de ato de fala

ATO DE FALA	TIPO DE SENTENÇA
DECLARAÇÃO	DECLARATIVA
PERGUNTA	INTERROGATIVA
ORDEM	DIRETIVA

Fonte: elaborado pela autora

Em 5.1, temos uma sentença declarativa *realis* marcada com o visual -Ø.

(5.1) DECLARATIVA *REALIS*

mîpî mihângi weemí

mîpî mihângi weé-Ø-mi

açai subir-NMLZ.NFSG fazer-VIS.PRES-3NFSG

‘Ele está subindo o açazeiro.’

Em 5.2, o não-visual é sufixado a um verbo como modal epistêmico, em uma sentença declarativa *irrealis*:

(5.2) DECLARATIVA *IRREALIS*

mâsîtisa' niîra niîsama

mâsî-ti-Ø-sa-' niî-rã niî-Ø-sa-ma

saber-NEG-PRES-NVIS-1/2/INAN COP-NMLZ.PL COP-PRES-NVIS-3PL

‘não sei se eles estão aqui.’

⁴² “The phenomenon of evidentiality overlaps to quite an extent with epistemic modality. Still, in many languages the two form distinct grammatical sub-systems. Rather than pertaining directly to subjective certainty, grammaticalized evidential systems code first and foremost the source of the evidence available to back up an assertion, and only then, implicitly, its strength.” (Givón, 2001, p. 326)

⁴³ Bybee *et al* (1994) consideram sentenças diretivas (comandos, pedidos) como uma forma de modalidade orientada para o falante porque as condições de efetivação são concedidas pelo falante sobre o ouvinte, diferente de modalidades orientadas para o agente, em que as condições de efetivação estão sobre o agente

5.3 e 5.4 são exemplos de sentenças diretivas. Em 5,3, o verbo é sufixado pela marca de imperativo *-ya*. Em 5,4, o verbo é sufixado pela marca de exortativo *-rã*.

(5.3) DIRETIVA IMPERATIVA

putí o'ôoya amûkãpi!

putí o'ôo-**ya** amûkã-pi!

soprar enviar-**IMP** mão-LOC

‘Vá soprando a mão!’

(5.4) DIRETIVA EXORTATIVA

mãrî a'tó da'râ duhîrã yisiro

mãrî a'tó da'râ duhî-**rã** yisi-ro

nós.INCL DEM trabalhar sentar-**HORT** sombra-NMLZ

‘Vamos trabalhar ali na sombra.’

Em 5.5, a interrogativa é marcada pelo sufixo interrogativo visual interrogativo *-ti*:

(5.5) INTERROGATIVA (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 110)

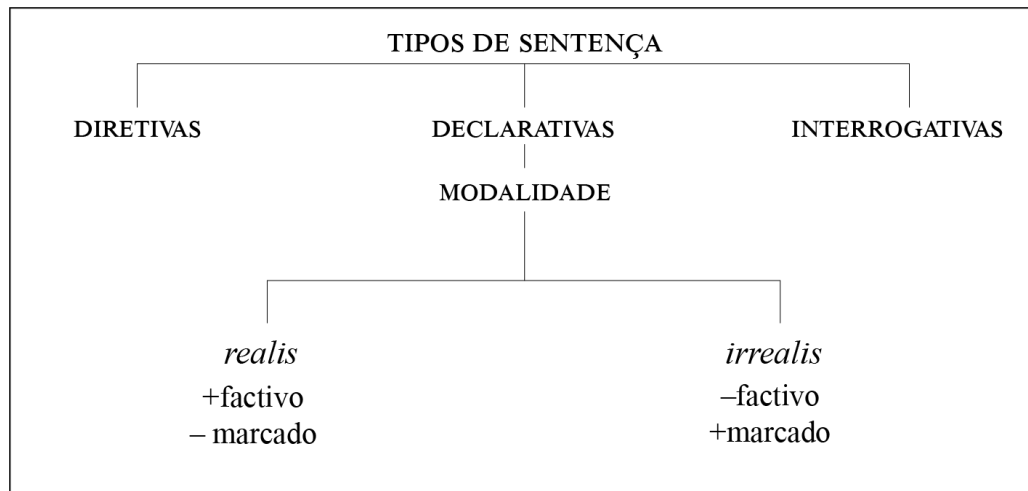
kãrí we'eti misâ?

kãrí we'e-**Ø-ti** misâ?

dormir não-PRES.VIS-INT vocês

‘vocês não dormem?’

Figura 12 – tipos de sentença em Tukano



Fonte: elaborada pela autora

5.1.3. *Irrealis*: modalidades dinâmica e epistêmica

Agora passamos para os próximos tipos de modalidade dentro do nosso enquadre: as modalidades dinâmica e epistêmica. Segundo Frawley (1991, p. 387), a modalidade é um fenômeno semântico dêitico porque a atitude do falante estabelece um mundo de referência a partir do qual se faz um julgamento no enunciado. Retomando os dois mundos da relação dêitica já estabelecidos, o MUNDO DA EXPRESSÃO e o MUNDO DA REFERÊNCIA, temos que as **modalidades epistêmicas** expressam a possível convergência entre o mundo da expressão e o mundo da referência. Há, portanto, entre os dois mundos, **distância**. Nas **modalidades dinâmicas**, há a imposição do mundo da expressão no mundo da referência. Há, então, entre os dois mundos **direcionalidade** ou **futuridade**. É importante ressaltar aqui que empregamos o termo *modalidade dinâmica*, que engloba as modalidades deônticas, este último sendo o termo utilizado em Frawley.

A tipologia de modalidade de Palmer (1986) divide o fenômeno de modalidade em duas grandes categorias: modalidade proposicional, tomando como escopo toda a proposição, e modalidade de evento, tomando como escopo somente o evento. A modalidade proposicional é dividida em evidencialidade e modalidade epistêmica. Já a modalidade de evento é dividida em modalidade dinâmica e modalidade deôntica. As modalidades proposicionais concernem o *status* factual da proposição e as modalidades de evento dizem respeito a eventos potenciais os quais podem ou devem ser efetivados. Decidimos alterar por não considerarmos evidenciais aqui como codificadores de atitude quanto à factualidade do evento, assim restando, na categoria de

modalidade proposicional, apenas a modalidade epistêmica, a qual inclui noções de incerteza, crença e opinião. Nas modalidades de evento, Palmer (1986) as divide entre modalidade deôntica e modalidade dinâmica, sendo a diferença entre as duas o que condiciona a potencialidade do evento: no caso da modalidade deôntica, são noções como obrigação, dever, permissão e, no caso da dinâmica, noções como habilidade, necessidade, desejo, condicionantes internos ao falante. Contudo, optamos por englobar as modalidades deôntica e dinâmica sob o mesmo rótulo de MODALIDADE DINÂMICA porque estas duas noções nem sempre possuem uma fronteira clara no Tukano, ainda que Palmer (1986) os entenda como dois domínios distintos.

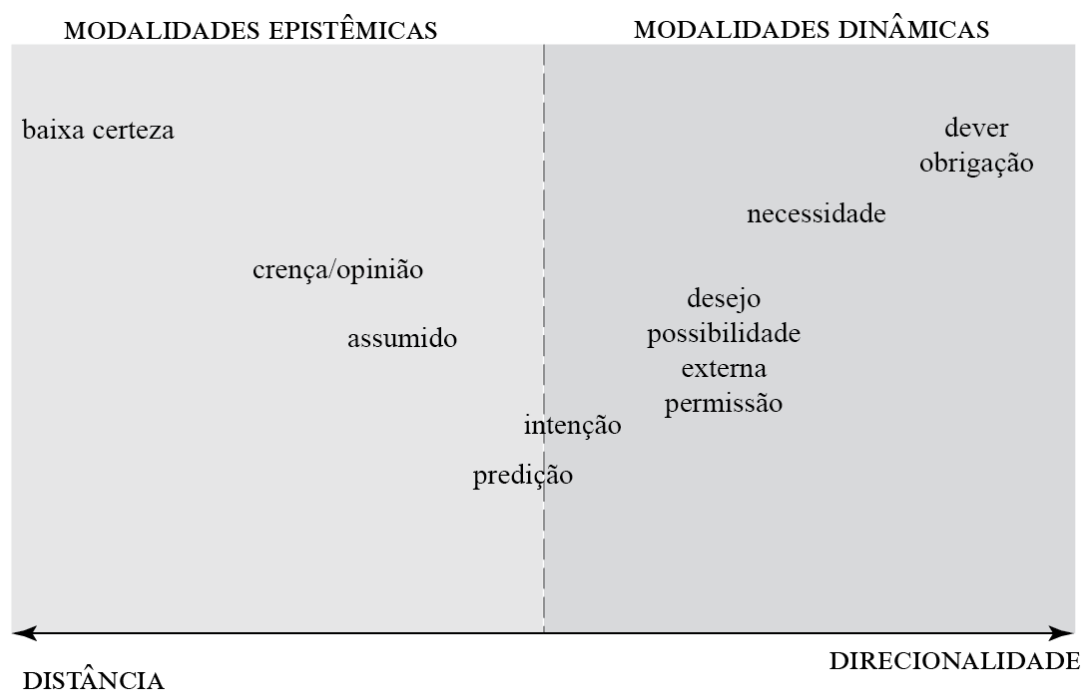
Faremos, entretanto, algumas ressalvas quanto ao modelo teórico escolhido para a análise de modalidade na língua Tukano. A primeira é que as categorias de modalidade epistêmica e dinâmicas não são categorias discretas. No nosso entendimento, existe uma gradação entre o domínio epistêmico e o domínio dinâmico em que as modalidades epistêmicas paulatinamente se aproximam do domínio dinâmico e vice-versa. Nos enunciados de baixa certeza, a distância entre o mundo da expressão e o mundo da referência é máxima. Contudo, a direcionalidade entre os dois mundos aumenta à medida que consideramos as variáveis que condicionam o enunciado. Assim, em enunciados assumidos, como (5.6), a alta certeza condiciona a direcionalidade, embora não necessária:

- (5.6) po'peápi niisa'
 po'peá-pi niî-Ø-sa-'
 dentro-LOC COP-PRES-NVIS-1/2/INAN
 (as coisas) estão aí dentro

A falante assume que as coisas estão no armário porque ela guardou lá, portanto, elas **precisam** estar no local indicado: aqui, a modalidade epistêmica de alta certeza implica necessidade, portanto, **direcionalidade**. Da mesma forma, em crenças e opiniões há distância entre os dois mundos, já que uma opinião não necessariamente possui lastro na realidade. Contudo, de um ponto de vista interpessoal ou até afetivo, o falante **quer** que sua crença seja corroborada. Assim, nestes tipos de enunciado, há uma forma de **necessidade epistêmica** (cf. Van der Auwera e Plungian, 1998). Não é incomum, desse modo, que haja convergência entre as formas utilizadas para expressar noções epistêmicas e deônticas como por exemplo os modais *may* e *must* empregados em ambos os

domínios em inglês. Sweester (1982 *apud* Frawley 1982) nota que enunciados epistêmicos e deônticos precisam superar barreiras para atingir *status* de factualidade: barreiras sociais e físicas em enunciados de habilidade, permissão, obrigação; e barreiras nocionais e informacionais em enunciados epistêmicos. A noção de romper barreiras implica direcionalidade. Sendo assim, podemos localizar o domínio epistêmico e o domínio deôntico em um espectro no qual os tipos aproximam ou distanciam os dois polos dos extremos como na figura 13:

Figura 13 – contínuo de tipos de modalidade



Fonte: elaborada pela autora.

O futuro é amplamente entendido como categoria *irrealis*. Segundo Lyons (1977), o passado, o presente e o futuro podem ser entendidos como, em vez de uma distinção de tempo, como uma distinção entre distância e não-distância. O autor entende o passado, o presente e o futuro como detentores dos traços [+distância] [+fatividade]; [– distância] [+fatividade] e [– distância] [– fatividade] respectivamente. No entanto, entendemos que o futuro e o passado estabelecem uma relação de distância em relação a um tempo de referência, o qual pode ser o tempo de fala, ou, no caso do Tukano e outras línguas da família, o tempo de evidência. Nesse sentido, os traços [+distância] e [-fatividade] localizam o futuro no domínio da modalidade epistêmica. Por outro lado, é preciso considerar que o futuro também possui o traço de direcionalidade, o que o

aproxima do domínio dinâmico. Bybee *et al* (1994), por exemplo, sinalizam esse traço em uma perspectiva diacrônica e tipológica verificando a origem de marcas de futuro a partir de léxico denotando desejo ou intenção, duas noções que entendemos como dotadas do traço de direcionalidade. No Tukano os traços de distância e direcionalidade figuram em duas codificações distintas do futuro: o futuro de intenção e o futuro de predição (Ramirez, 2019 [1997]a). O primeiro, restrito ao seu uso em primeira pessoa, é formado a partir da construção RADICAL VERBAL + NOMINALIZADOR + SUFIXO DE DIREÇÃO AO FALANTE -‘ti. O sufixo -‘ti de movimentado orientado em direção ao falante representa a direcionalidade. O segundo é formado a partir da construção RADICAL VERBAL + NOMINALIZADOR + NVIS + PNG. O futuro de predição não é restrito a sujeitos de primeira pessoa e é empregado para veicular um tipo de futuro incerto, o aproximando, portanto, de um modal epistêmico. Como veremos, diacronicamente, o não-visual, sufixo formador do futuro de predição, pode ser associado ao traço de distância. Portanto, os dois futuros no Tukano, exemplificados nos exemplos 5.7 e 5.8, podem ser compreendidos dentro dos domínios modais epistêmicos e deônticos/dinâmicos.

(5.7) FUTURO DE INTENÇÃO

Yi’i toó **niŋgoti’** ũ’iri mairó

Yi’i toó **niŋ-go-ti’** ũ’iri mairó-ro

eu DEM **cop-NMLZ.FSG-CTP** sujo não.estar-NMLZ.GLOC

‘Vou ficar em um lugar limpo (eu quero ficar em um lugar limpo).’

(5.8) FUTURO DE PREDIÇÃO

Yi’i pakó **wihagósamo** wesé wa’agó

Yi’i pakó **wihá-go-sa-mo** wesé wa’á-go

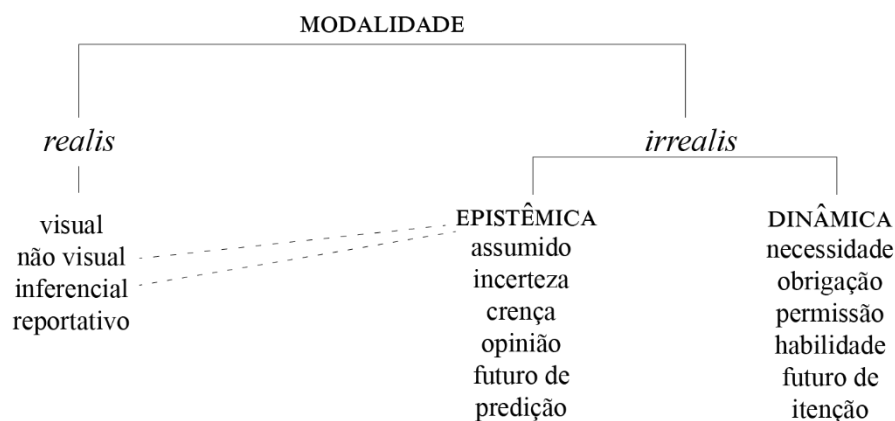
eu mãe **sair-NMLZ.FSG-NVIS-3FSG** roça ir-NMLZ.GLOC

‘Minha mãe vai sair, vai para roça.’

O assumido é uma categoria ambígua entre o *status* de modalidade *irrealis* e evidencialidade entre as línguas Tukano Orientais devido ao seu padrão morfológico (Stenzel e Gomez-Imbert, 2018, p. 370). De fato, o assumido pode funcionar como evidencial já que carrega os traços de maior certeza se comparado com outros modais epistêmicos. Dessa forma, a conjectura

não implicaria incerteza, somente a maneira pela qual o falante obteve acesso ao enunciado. No Tukano, no entanto, optamos por classificar o assumido como modalidade pelos seguintes motivos: 1) o sufixo não-visual *-sa* é empregado em enunciados de baixa certeza e em outros contextos *irrealis*, como o futuro de predição; 2) a literatura gramatical Tukano, com exceção de Ramirez (2019 [1997]a)⁴⁴, classifica o sufixo *-sa* como sufixo de incerteza, sendo a semântica *irrealis*, portanto, mais saliente; 3) a contribuição dos colaboradores consultados acerca do seu conhecimento metalinguístico sobre o uso do sufixo, que, em geral, entendem a categoria do assumido como imbuída de incerteza.

Figura 14 – quadro geral de modalidade no Tukano



Fonte: elaborada pela autora

5.2. Modais Tukano

As modalidades *irrealis* aqui delimitadas são expressas por meio de verbos modais que podem figurar como auxiliares ou seriais em construções verbais analíticas (ver seção 2.6.7). Além de verbos modais, declarações *irrealis* são marcadas por flexão no verbo. O não-visual é utilizado para codificar modalidades epistêmicas. Quando a incerteza toma como escopo eventos ocorridos no passado, o inferencial⁴⁵ é empregado, acompanhado de adverbiais. Em certos contextos, os verbos modais auxiliares/seriais são combinados com o não-visual. Hipóteses para explicar a

⁴⁴ Como vemos, ele também nota que o *-sa* é empregado em enunciados *irrealis* de baixa certeza.

⁴⁵ O uso do inferencial em construções modais é um caso que certamente exige mais investigação. A literatura (Palmer 1986; Frawley 1991) acerca de modalidade costuma apontar o inferencial como uma categoria que é, ao mesmo tempo, evidencial e modal. Dessa forma, o emprego do inferencial em construções modais no Tukano parece coerente com essa postura teórica, embora aqui consideremos o assumido como a categoria verdadeiramente ambígua.

restrição do não-visual *-sa* em construções modais serão discutidas na seção 5.4. Algumas sentenças em nosso *corpus* são acompanhadas do verbo auxiliar *akaro/okoro* ‘perceber-se’, estratégia de evidencialidade não-visual descrita no capítulo 4. Seu uso em construções modais sugere seu processo de gramaticalização por *semantic bleaching*.

- morfologia flexional: NÃO-VISUAL, INFERENCIAL;
- verbos auxiliares/dependentes: *ia* ‘querer’; *sĩ’ri* ‘querer’; *masi* ‘saber’; *o’o* ‘dar’; *basio* ‘ser fácil/possível’; *me’ri* ‘ser habilidoso’ *i’ya* ‘ver’;

5.2.1. Morfologia flexional como codificadora de modalidade

a. *-sa* como assumido

(5.9) *ya’i nĩsami* ãtã wi’ipi

<i>ya’i</i>	nĩ-Ø-sa-mi	ãtã wi’i-pi
onça	COP-PRES-NVIS-3NFSG	caverna-LOC

‘A onça está na caverna (sei porque onças normalmente ficam em cavernas)’

(5.10) *to’ãti paârã weésama, po’orí nĩmi nĩsa’*

<i>to’ãti</i>	<i>paârã</i>	<i>weé-Ø-sa-mã,</i>
trocano	bater-NMLZ	fazer-PRES-NVIS-3PL
<i>po’ó-ri</i>	<i>nĩmi</i>	nĩ-Ø-sa-’
Dabucuri-PL.INAN	dia	COP-PRES-NVIS-1/2/INAN

‘Tão tocando trocano, (logo) é dia de Dabucuri’

Em 5.9, a falante afirma que a onça está na caverna, não com base em evidências perceptíveis, mas assume a presença a partir de conjectura e conhecimentos prévios. Da mesma forma em 5.10, ouve o trocano, e, por seu conhecimento prévio e conjectura, assume que é dia de Dabucuri.

b. adverbiais + *-sa*: incerteza

Em 5.11 e 5.12, além do uso do *-sa* como modal, os enunciados são modalizados pelas expressões adverbiais *ũũba’* ‘não sei’ e *apé teero weero/apé teero weego* ‘talvez’.

(5.11) *ũũba’ apé tero weégo nĩsamo*

ũûba' apé tero weé-go **niî-Ø-sa-mo**
 não sei talvez-NMLZ.FSG **COP-PRES-NVIS-3FSG**
 ‘Não sei, talvez ela more lá.’

(5.12) ape teero weero ba'âsehe ãyú **tohasa'**

ape.teero.wee-ro ba'â-sehe ãyú **toha-Ø-sa-'**
 talvez-NMLZ.GLOC comer-NMLZ.INAN bom **já-PRES-NVIS-1/2/INAN**
 ‘Talvez a comida já esteja pronta.’

c. -sa em tipos de sentença interrogativas

Em sentenças interrogativas, o -sa é empregado em pedidos de permissão. Em 5.13, contudo, a construção é diferente das empregadas para formar os enunciados modalizados epistemicamente em 5.9-5.12. A construção do pedido de permissão é formada de um radical verbal nominalizado + não-visual + interrogativo, como no futuro de predição:

(5.13) Yi'î ohô **ba'âgosari?**

Yi'î ohô **ba'â-go-sa-ri**
 eu banana comer-NMLZ.FSG-NVIS-INT
 Posso comer banana?

d. Inferencial + adverbiais: incerteza passado

Em 5.14 e 5.15, o inferencial é sufixado a verbos como forma de modalizar epistemicamente um enunciado com referência temporal no passado em conjunto com as expressões adverbiais *ape teero weero* e *ape teero werã* ‘talvez’.

(5.14) ape teero weero koô **ihaápõ**

ape.teero.weero koô **ihá-a-põ**
 talvez ela roubar-PREC-INF.3FSG
 ‘Talvez ela tenha roubado.’

(5.15) ape teero weérã wi'márã kãrí **tohaapã**

ape.teero.weérã wi'má-rã kãrí **toha-a-pã**

talvez criança-NMLZ.PL dormir já-PREC-INF
 ‘Talvez as crianças já tenham dormido.’

5.2.2. Auxiliares e verbos seriais

5.2.1.1 Noções de necessidade, desejo e obrigação

Os verbos *sĩ'ri* e *ia*, ambos com sentido de ‘querer’, são utilizados para expressar noções de necessidade, desejo e obrigação. É importante notar, nesse contexto, que, no Tukano, as noções de desejo e necessidade nem sempre são facilmente separadas, tanto por serem semanticamente parecidas, tanto por serem codificadas pelos mesmos verbos. Parece, no entanto, que a leitura de necessidade pode ser feita por meio de construções impessoais. O mesmo ocorre com noções de obrigação. Isto implica que necessidade e obrigação possuem o traço de [-controle] pela ausência de volição. Alguns exemplos foram traduzidos no Tukano utilizando a construção de futuro, o que reflete os traços funcionais que modalidades *irreais* possuem em comum.

a. *ia* como necessidade, obrigação desiderativo

Em 5.16, temos o modal *ia* sendo empregado em uma construção de necessidade. Já em 5.17, o mesmo verbo é empregado no que parece ser um enunciado de obrigação. Por fim, em 5.18, o modal é empregado no que parece ser um enunciado de desejo.

(5.16) yĩ're pũrĩ nĩsa', akô **iasa'**

yĩ'i-re	pũrĩ	nĩ-Ø-sa-'	akô	ia-Ø-sa-'
eu-OBL	doer	COP-PRES-NVIS-1/2/INAN	remédio	querer-PRES-NVIS-1/2/INAN

‘Está me doendo, preciso de remédio.’

(5.17) marĩre diporókãharãpi masĩsehere masĩro **iasa'**

marĩ-re	diporó-kãha-rã-pi	
nós.INC-OBL	antigamente-ORI-PL-LOC	
masĩ-sehe-re	masĩ-ro	ia-Ø-sa-'
conhecer-NMLZ-OBL	saber-NMLZ.GLOC	querer-PRES-NVIS-1/2/INAN

‘A nós é necessário saber o conhecimento dos antigos.’

(5.18) Yĩĩ **iasa'** biãti

Yĩĩ	ia-Ø-sa-'	biãti
-----	------------------	-------

eu **querer-PRES-NVIS-1/2/INAN** quinhapira
 ‘Eu quero quinhapira.’

b. *sĩ'ri* como modal de necessidade/desiderativo

Em 5.19, o verbo modal *sĩ'ri* é empregado em uma construção de necessidade. Já em 5.20, é empregado em uma construção desiderativa. Como ocorre com o modal *iâ*, as duas noções são muito próximas:

(5.19) *yĩ'ĩ ba'â sũ'risa'*

yĩ'ĩ *ba'â* ***sũ'ri-Ø-sa'***
 eu comer **querer-Ø-VIS-1/2/INAN**
 ‘Eu preciso comer.’

(5.20) *mi'ĩ uúkũsehe tĩ'ó si'risa'*

<i>mi'ĩ</i>	<i>uúkũ-sehe</i>	<i>tĩ'ó</i>	<i>sũ'ri-Ø-sa'-</i>
tu	falar-NMLZ.INAN	ouvir	querer-PRES-NVIS-1/2/INAN

‘Eu quero ouvir tua voz.’

5.2.1.2. Noções de possibilidade, permissão e habilidade

Os verbos *masi* ‘saber’, *o'ó* ‘dar’, *basio* ‘ser possível/fácil’ e *me'ri* ‘ser habilidoso’⁴⁶ são empregados para expressar noções de possibilidade. Exemplos denotando possibilidade externa e habilidade são mais frequentes no *corpus*. Noções de permissão em geral foram expressas pelo imperativo ou, em sentenças interrogativas, pelo interrogativo do não-visual, como em 5.13. Há, contudo, dois exemplos ambíguos, em que as noções de habilidade e permissão se confundem. Se o enunciado for de fato uma forma de expressar permissão, então parece haver aqui uma mudança de habilidade > permissão por implicatura conversacional. Não há, no entanto, em nosso *corpus* outros exemplos em que *masi* é empregado em enunciados de possibilidade externa e permissão.

a. *Masi* como habilidade

Em 5.21 e 5.22, *masi* é empregado como modal de habilidade:

⁴⁶ Em nosso *corpus*, há apenas duas sentenças com o verbo *me'ri*, os quais serão explorados na seção seguinte.

(5.21) yĩ'i **māsí'** wâtî-kẽ su'âsehe

yĩ'i **masí-Ø-'** wâtîkẽ su'â-sehe
 eu **saber-PRES.VIS-1/2/INAN** tipiti tecer-NMLZ.INAN
 'Eu sei tecer tipiti.'

(5.22) yĩ'ĩ **masítisa'** ãhûga weesché

yĩ'ĩ **masî-ti-sa-'** ãhû-ga weé-sehe
 eu **saber-NEG-NVIS-1/2/INAN** beiju-FROL fazer-NMLZ.INAN
 'Eu não sei fazer beiju.'

b. *Masi* como permissão

5.23 são dois exemplos ambíguos: em 5.23 o falante pode de um lado afirmar o impedimento quanto à permissão ou quanto à habilidade de 'tomar seus conhecimentos'. Já em 5.24, o falante pode conceder ao ouvinte a permissão de 'aprender bem' ou afirmar a habilidade de seu ouvinte de 'aprender bem':

(5.23) yĩ'ĩ masîsehere miĩ **masitima!**

yĩ'ĩ masî-sehe-re miĩ **masi-ti-Ø-mã!**
 eu saber-NMLZ.INAN-OBL tomar **saber-NEG-PRES.VIS-3PL**
 'Eles não podem tomar meus conhecimentos.'

(5.24) Mi'ĩ ãyuró bu'ê masi'

Mi'ĩ ãyú-ro bu'ê masi-Ø-'
 você bem-NMLZ-GLOC aprender saber-PRES.VIS-1/2/INAN
 'Você pode/consegue aprender bem.'

c. *o'ô* como possibilidade externa

Em 5.25 e 5.26, o verbo *o'ô* é empregado em enunciados em que o falante se vê impedido de fazer algo em função de circunstâncias externas:

(5.25) a'té **o'ô** we'e' ãrĩ koo miĩro

a'té **o'ô** we'e-Ø-' ãrî koo miî-ro
 DEM **dar** não-PRES.VIS-1/2/inan cana caldo tirar-NMLZ
 'Essa (cana) não dá para tirar caldo.'

(5.26) ako pehesehe nimiri, da'raró **o'o** we'e'

ako.pehe-sehe nîmî-ri da'rá-ro **o'o** we'e-Ø-'
 chuva-NMLZ.INAN tempo-PL.INAN trabalhar-NMLZ.GLOC **dar** não-PRES.VIS-
 1/2/INAN
 'Em dias de chuva, não dá para trabalhar.'

d. *o'o* como habilidade

Em 5.27 e 5.28 *o'o* é empregado como forma de indicar que o falante não possui habilidade de pescar e achar animais para caçar. Em 5.28 o verbo negativo, ainda que diga respeito à habilidade do próprio falante, não é sufixado pelo não-visual. Como veremos na seção 5.3, diverge da maioria dos exemplos em nosso *corpus*:

(5.27) teé ki'mâri nîî' yi'ire, toho weegi', wa'î wehero o'otisa'

teé ki'ma-ri nîî-Ø-' yi'i-re, toho.wee-gi',
 DEM ano-PL.INAN COP eu-OBL, por.isso
 wa'î wehe-ro o'o-ti--Ø-sa-'
 peixe pescar-NMLZ.GLOC dar-NEG-PRES-1/2/INAN

'Eu tenho essa idade, por isso, não dá para pescar (lit. me são esses anos, por isso, não dá para pescar).'

(5.28) Yi'ire **o'otiapi** wa'ikîrã weheró

Yi'i-re **o'ô-ti-a-Ø-pi** wa'îki-rã wehé-ro
 eu-OBL dar-NEG-PREC-VIS-1/2/INAN animal-PL caçar-NMLZ
 'Não dá, para mim, achar animal para caçar.'

e. *basio* como possibilidade externa

(5.29) ãhuá boâ wa'aapã marîre wehê taha **basió** we'e'

ãhuá	boâ	wa'a-a-pã	marî-re
minhoca	estragar	ING-PREC-INF.N3	nós.INC-OBL
wehê taha	basió	we'e-Ø-'	
pescar ainda	ser possível	não-PRES.VIS-1/2/INAN	
'As minhocas não estão boas, não dá para gente pescar ainda.'			

5.2.1.3. Noções de crença e opinião

O verbo *ĩ'ya* 'ver' (exemplos 5.30 e 5.31) e a construção serial *tĩ'o* *ĩ'ya* 'entender vendo' são usados para expressar noções de opinião ou crença (exemplo 5.32). Em nosso *corpus*, há exemplos apenas com sujeitos na primeira pessoa.

a. *ĩ'ya* como opinião

(5.30) *ĩ'yo* duági ***ĩ'yâasi*** kĩre

<i>ĩ'yo</i> .duá-gi	<i>ĩ'yâ-a-si</i>	kĩ-re
esperto-NMLZ.NFSG	ver-PREC-3NFSG	ele-OBL
'Eu achei ele esperto.'		

(5.31) *yĩ'i* mi'ire nii soosehe pihagi ***ĩ'ya*** akoro'

<i>yĩ'i</i> mi'i-re	nii.oosehe.piha-gi	<i>ĩ'ya</i>	akoro-Ø-'
eu você-OBL	ganancioso-NMLZ.NFSG	achar	perceber-PRES.VIS-1/2/INAN
'Eu acho você ganancioso.'			

b. *tĩ'o* *ĩ'ya* como crença

(5.32) *Yĩĩ* keoró ***tĩ'ó*** ***ĩ'yãsa*** Papurikohopita a'tiãpõ

<i>Yĩĩ</i> keó-ro	<i>tĩ'ó</i>	<i>ĩ'yã-Ø-sa-</i>	
eu	verdade-NMLZ.GLOC	entender	ver-PRES-NVIS-1/2/INAN
Papuri-koho-pi-ta	a'ti-a-põ		
Papuri-ORI.FSG-LOC-ESP	vir-PREC-INF.3FSG		
'Eu acredito que ela tenha vindo do rio Papuri.'			

No Quadro 46 resumimos os modais:

Quadro 46 – síntese de modais em Tukano

MODALIDADE EPISTÊMICA		MODALIDADE DINÂMICA			
ASSUMIDO	INCERTEZA	POSSIBILIDADE EXTERNA	PERMISSÃO	HABILIDADE	NECESSIDADE/ DESIDERATIVO
Não-visual no presente <i>-sa</i>	Adverbiais+sa Inferencial [+passado]	<i>o’o</i> ‘dar’ <i>basio</i> ‘ser possível’	Não visual no presente interrogativo <i>-sa-ri</i> <i>masi</i> ‘saber’	<i>masi</i> ‘saber’ <i>o’o</i> ‘dar’	<i>ia</i> ‘querer’ <i>sĩ’ri</i> ‘querer’
OPINIÃO/CRENÇA					
<i>ĩ’ya</i> ‘ver’ <i>tio</i> <i>ĩ’ya</i> ‘entender vendo’					

Fonte: elaborado pela autora.

5.3. Modalidade e evidenciais no Tukano

Nesta seção vamos discutir a forma que o uso de evidenciais interagem com as categorias modais aqui estabelecidas. Devido às limitações do *corpus* utilizado, não é possível fazer generalizações quanto à relação entre evidenciais e modalidade no Tukano, contudo, observamos algumas tendências de uso que nos permitiram elaborar hipóteses iniciais que devem ser testadas em trabalhos subsequentes. O sufixo de TAME que parece possuir maior conexão com noções modais é o não-visual *-sa*, contudo, algumas sentenças em nossos dados apresentam o inferencial ou uma construção verbal analítica como o verbo *akaro/akoro* ‘perceber-se’⁴⁷.

5.3.1. Evidência não-visual e modalidade

O não-visual *-sa* é, como vimos, o sufixo utilizado para codificar diferentes tipos de modalidade epistêmica. Diferente de outras modalidades, as epistêmicas assumida e de incerteza são as que permitem o uso desse sufixo no único verbo do predicado, sem um outro verbo auxiliar para expressar a modalidade. Em contextos em que o grau de incerteza é maior, é frequente que se acoplem adverbiais ou então a expressão *masitisa* ‘eu não sei’. Em nosso *corpus*, os exemplos de

⁴⁷ Os enunciados de opinião, como vimos, podem ser acompanhados do *-sa* e do verbo *akaro/okoro*, mas possuímos apenas exemplos com sujeitos de primeira pessoa. Suspeitamos que, assim com outros modais, em sujeitos que não sejam de primeira pessoa, os codificadores de percepção não-visual sejam dispensados.

modalidade epistêmica aparecem exclusivamente na terceira pessoa, o que é compatível com a semântica da incerteza. Seria difícil, nesse sentido, especular sobre o locutor e o interlocutor já que se encontram no momento de fala.

No futuro de sentenças declarativas, o não-visual no presente pode ser empregado independentemente de outros verbos seriais/auxiliares no futuro de predição, embora em uma construção distinta, que consiste em um radical verbal nominalizado sufixado pelo não-visual *-sa* o que parece remeter ao uso arcaico do *-sa* como um verbo auxiliar, assunto que discutiremos na seção 5.4. A construção de futuro de predição em sentenças interrogativas tem sentido de pedido de permissão.⁴⁸ Isso sugere uma relação entre o futuro e modalidades dinâmicas no que diz respeito à direcionalidade. Em sentenças declarativas, o uso em enunciados de possibilidade exige um dos modais expostos na seção 5.3. Em 5.33, vemos a construção de futuro de predição declarativa e, em 5.34, o futuro de predição interrogativo com sentido de pedido de permissão.

(5.33) FUTURO DE PREDIÇÃO

wi'márã Dase yeere **ohâ bu'erāsama**

wi'má-rã	Dase	yee-re	ohâ	bu'e-rã-sa-ma
crianças-PL	Tukano	POSS-OBL	escrever	aprender-NMLZ-NVIS-3PL

‘As crianças vão aprender a escrever Tukano’

(5.34) POSSIBILIDADE EM SENTENÇAS INTERROGATIVAS

yîî **ba'âgosari** pĩkoróa katirá

yîî **ba'â-go-sa-ri** pĩkóro-a katí-rã

eu **comer-NMLZ-NVIS-INT** muxiva-PL cru-PL

‘Posso comer muxiva crua?’

Agora passemos para a interação entre o sufixo não-visual do presente e os verbos modais discutidos na seção anterior. Com os verbos de necessidade/desiderativo/obrigação *ia* e *sĩ'ri*, o *-sa* figura com frequência em enunciados com sujeitos de primeira pessoa em sentenças declarativas.

⁴⁸ Neste trabalho, preferimos focar em sentenças do tipo declarativo, mas aqui abordamos alguns enunciados do tipo interrogativo por acreditarmos serem relevantes. É importante que, em pesquisas futuras, a relação entre modalidade e tipos de sentença seja investigada no Tukano.

Em 5.35 o verbo modal de *ia* concorda com um sujeito não explicitado de primeira pessoa e em 5.36, o verbo modal *sĩ'ri* concorda com o sujeito de primeira pessoa *yĩ'i* 'eu'.

(5.35) *wekî i'sê iasa'*, *wamîtaha akô yeeo'ti wee'*

<i>wekî</i>	<i>i'sê</i>	ia-Ø-sa-	<i>wamîtaha</i>
anta	gordura	querer-PRES-NVIS-1/2/INAN	pescoço
<i>akô.yee-go-'ti</i>		<i>wee-Ø-</i>	
remediar-NMLZ.FSG-CTP		fazer.AUX-PRES.VIS-1/2/INAN	

'Eu preciso de gordura de anta, eu vou remediar meu pescoço.'

(5.36) *Balaio Makáre yĩ'i ãyâ sĩ'risa'*

<i>Balaio Maká-re</i>	<i>yĩ'i</i>	<i>ãyâ sĩ'ri-Ø-sa-</i>
Balaio Comunidade-OBL	eu	ver querer-Ø-NVIS-1/2/INAN

'Eu quero conhecer a comunidade do Balaio.'

No entanto, enunciados com sujeitos de terceira pessoa são sufixados pelo visual:

(5.37) *a'tó su'tîro pehé iakâ'* *bi'asehe kuhiri*

<i>a'tó</i>	<i>su'tî-ro</i>	<i>pehé</i>	iá-kâ-Ø-
DEM	roupa-PART	mais	precisar-ASS-PRES.VIS-1/2/INAN
<i>bi'a-sehe</i>	<i>kuhi-ri</i>		
apertar-NMLZ	forma de botão-PL.INAN		

'Esta roupa precisa de mais botões.'

Em 5.38, comparamos duas sentenças que se diferenciam apenas pela concordância verbo-sujeito. Em 5.38a, o enunciado *ba'â sĩ'ri* 'querer comer' concorda com o sujeito de 1ª pessoa *yĩ'ĩ* e, portanto, é sufixado pelo não-visual *-sa*. Já em 5.38b, o mesmo predicado concorda com o sujeito de terceira pessoa *kĩĩ* 'ele' e é sufixado pelo visual *-Ø*:

(5.38)

a. *yĩ'ĩ ba'â sĩ'risa'*

yĩ'ĩ ba'â sĩ'ri-Ø-sa'
 eu comer **querer-Ø-VIS-1/2/INAN**
 'Eu preciso/quero comer.'

- b. kĩĩ ba'â sĩ'rimi
 kĩĩ ba'â sĩ'ri-Ø-mi
 ele comer **querer-PRES.VIS-3NFSG**
 'Ele precisa comer.'

Em 5.39, o *-sa* é sufixado a uma sentença interrogativa com o modal desiderativo *ia* em que o sujeito é de 2ª pessoa, revelando, novamente, a dimensão egofórica do não-visual:

(5.39) **yee nõhóre mi'i iâsari?**

yee nõhó-re mi'i iâ-Ø-sa-ri?
 POSS coisa-OBL **você** **querer-PRES-NVIS-INT**
 'Que coisas você vai querer?'

A estratégia de evidencialidade *akoro* 'perceber-se' é empregada em construções seriais com os modais de necessidade, como em 5.40:

(5.40) **yĩ'ĩ maatá ba'â sĩ'ri akoro'**

yĩ'ĩ maatá ba'â sĩ'ri akoro-Ø-'
 eu cedo **comer** **querer perceber-PRES.VIS-1/2/INAN**
 'Eu precisei comer mais cedo.'

Os verbos modais que expressam noções de possibilidade e habilidade *masi* 'saber', *o'ó* 'dar', *basio* 'ser possível' e *me'ri* 'ser habilidoso', em geral, são acompanhados pelo visual, mesmo em enunciados de habilidade com sujeitos na primeira pessoa. Em 5.41, o modal de habilidade *masi*, cujo sujeito é *yĩ'ĩ* 'eu' é sufixado pelo visual. Em 5.43 em sentença impessoal, o modal *o'ó* em enunciado negativo, é sufixado pelo visual. Em 5.43, em outra sentença impessoal, dessa vez positiva, o modal *basió* é sufixado também pelo visual.

(5.41) yi'î **masî'** kasawi me'rã wa'î wehero

yi'î **masî-Ø-'** kasawi me'rã wa'î wehe-ro
 eu **saber-PRES.VIS-1/2/INAN** matapi com peixe pescar-NMLZ.GLOC
 'Eu sei pescar com matapi.'

(5.42) o'ô **we'e** ditêro di'pîhí ise yohá we'e'

o'ô **we'e** ditê-ro di'pîhí ise.yohá we'e-Ø-'
 dar não cortar-NMLZ.GLOC faca afiada não-VIS.PRES-1/2/INAN
 'Não dá para cortar, a faca não está afiada.'

(5.43) yi'îre **basió** niîapi kasawi me'rã wa'î wehero

yi'î-re **basió niî-a-Ø-pi** kasawi me'rã wa'î wehe-ro
 eu-OBL fácil **cop-PREC-VIS-1/2/INAN** matapi com peixe pescar-NMLZ.GLOC
 'É fácil pescar com matapi.'

Ramirez (2019 [1997]a, p 134) exemplifica o uso de *masi* com o *-sa* em 5.44:

(5.44) baa **masísa'**

baá **mâsi-Ø-sa-'**
 nadar **saber-PRES.NVIS-1/2/INAN**
 'sei nadar.'

Em nosso *corpus*, as marcas do não-visual se fizeram mais presentes em enunciados de habilidade negativos com sujeitos de primeira pessoa. Compare 5.45-a com 5.45-b.

5.45

a. kîî **me'ritími** ãhûga tîôsehe

kîî **me'rí-ti-mi** ãhû-ga tîô-sehe
 ele **ser habilidoso-NEG-3NFSG** beiju-FROL terminar-NMLZ.INAN
 'Ele não sabe fazer beiju.'

- b. *yîî me'ritisa' ãhûga weesehé*
yîî me'rí-ti-sa-' ãhû-ga weé-sehe
 eu **ser habilidoso-NEG-NVIS-1/2/INAN** beiju-FROL fazer-NMLZ.INAN
 'Eu não sei fazer beiju.'

Em ambos os exemplos, temos sentenças parecidas, contudo, 5.45-a possui o sujeito de 3ª pessoa *kîî* 'ele' e o modal *me'ri* é sufixado pelo visual. Em 5.45-b, por outro lado o predicado concorda com o sujeito de 1ª pessoa *yîî* 'eu'. O verbo modal *me'ri*, dessa forma, é sufixado pelo não-visual *-sa*. Agora passemos ao contraste entre enunciados positivos e negativos com sujeitos de 1ª pessoa. Em 5.46, o verbo modal *masi* concorda com o sujeito de 1ª pessoa *yîî* 'eu', é afirmativo e é sufixado pelo visual. Já 5.47, o modal *masi* concorda com sujeito de 1ª pessoa, mas é negativo, portanto, é sufixado pelo não-visual *-sa*.

- (5.46) *yîî masî' kasawî me'rã waî wehero*
yîî masî-Ø-' kasawî me'rã waî wehe-ro
 eu saber-PRES.VIS-1-/2/INAN matapi com peixe pescar-NMLZ.GLOC
 'Eu sei pescar com matapi.'

- (5.47) *yîî waá we'e yîî waî wehé masitisa'*
yîî waá we'e yîî waî wehé masi-ti-Ø-sa-'
 eu ir não eu peixe pescar **saber-NEG-PRES-NVIS-1/2/INAN**
 'Eu não vou, eu não sei pescar.'

A estratégia de evidencialidade não-visual *akaro/okoro* 'perceber-se' aparece junto a alguns verbos modais, em geral, no mesmo contexto de negação em enunciados de habilidade com sujeitos de primeira pessoa. Em 5.48 e 5.49, o modal *o'o* 'dar' aparece nominalizado com o verbo *okoro* como auxiliar em enunciados negativos de habilidade:

- (5.48) *yîîre o'ôtiro okoro' moâ yaa niisa'*
yîî-re o'ô-ti-ro okoro-Ø-'

eu-OBL **dar-NEG-NMLZ.GLOC** **perceber-PRES.VIS-1/2/INAN**

moâ yaa nii-Ø-sa-'

salgado COP-PRES-NVIS-1/2/INAN

‘Para mim não dá para comer, está muito salgado.’

(5.49) yi'îre o'ôtiro okoro' waharó

yi'î-re o'ô-ti-ro okoro-Ø-' wahá-ro

eu-OBL **dar-NEG-NMLZ** **perceber-PRES.VIS-1/2/INAN** remar-NMLZ.GLOC

‘Não dá, para mim, remar.’

5.4. Entendendo a relação entre modalidade e codificadores de evidencialidade

A modalidade é um fenômeno que se relaciona e que se afeta por outros fenômenos linguísticos. Aqui, buscamos explorar essa relação com a evidencialidade, mais especificamente com os sufixos de TAME. Dentre as formas que codificam evidencialidade, o não-visual o inferencial bem como a estratégia de evidencialiade *akaro/okoro* figuram entre os enunciados modais do nosso corpus. O não-visual é o que aparece com mais frequência. Não encontramos sentenças com o reportativo. O visual aparece sufixado a verbos modais e ao *akoro* quando esta figura em construções verbais analíticas. Contudo, uma vez que o *visual* é formal e semanticamente não-marcado, o sentido modal é carregado pelo verbo, por isso não consideramos o visual como relevante em nossa análise. De forma mais proeminente, vimos que a categoria de pessoa é a que mais pesa sobre a relação modal+evidencial. Outras categorias como polaridade e tempo também condicionam o uso de evidenciais em enunciados modais.

Nesta seção, traçaremos, primeiramente, uma hipótese acerca dos fatores semântico-pragmáticos que façam sentido do comportamento de evidenciais em enunciados aqui considerados modais no plano sincrônico da língua Tukano. Depois, abordaremos diferentes caminhos de gramaticalização do sufixo não-visual *-sa* que, em conjunção com os fatores sincrônicos sugerem que o não-visual possui origem modal, daí sua presença frequente nos enunciados modais aqui explorados.

5.4.1. Plano sincrônico

Como vimos, em enunciados de necessidade e desejo, o uso do *-sa* ocorre mais frequentemente entre sujeitos de primeira pessoa em enunciados declarativos. Embora não haja

dados em nosso *corpus* com sujeitos de segunda pessoa, acreditamos que estes sejam estruturados da mesma forma que os enunciados de terceira pessoa são. cremos que se relacione com o efeito de primeira pessoa (Aikhenvald, 2014, p. 30, tradução nossa): “[...] quando eu falo sobre mim, evidenciais possuem implicações distintas. [...]”⁴⁹. Quando utilizado na primeira pessoa, o emprego do sufixo não-visual confere aos modais tons de percepção não-visual. O que suscita desejo ou necessidade frequentemente nasce de sentidos ou sentimentos, sejam de dor, fome ou cansaço. No Tukano, como vimos no capítulo 4, radicais verbais que expressam noções como essas possuem sufixo não-visual apenas se forem correferentes com um sujeito de primeira pessoa, como vemos em 5.50 e 5.51:

(5.50) Yì'ì **biha-wetigi** weesa' yì'ì nimo marímo a'tó

Yì'ì **biha-weti-gi** wee-Ø-sa-'
 eu **triste-NMLZ.NFSG** fazer-PRES-NVIS-1/2/INAN
 yì'ì nimo marí-Ø-mo a'tó
 eu esposa não estar-PRES.VIS-3FSG DEM
 ‘Estou triste porque minha esposa não está aqui.’

(5.51) yì'ì makó **e'katigó** niimo

yì'ì makó **e'káti-go** nîi-Ø-mo
 eu filha **ser feliz-NMLZ.FSG** COP-PRES.VIS-3FSG
 ‘Minha filha está feliz.’

Os enunciados de habilidade também apresentam uma marcação que varia a depender de pessoa e polaridade. No entanto, antes de discutir os fatores que motivam a marcação diferenciada em enunciados de possibilidade e habilidade, faremos algumas ressalvas. Até o momento, tratamos de enunciados modais como necessariamente potenciais e, portanto, confinados à esfera *irrealis*. Contudo, ao tratarmos de verbos que denotam habilidade ou possibilidade, a potencialidade do enunciado está diretamente ligada ao tempo. Enquanto em sentenças no presente e no futuro, o evento modalizado pelo verbo de habilidade ou possibilidade não se efetiva, não é possível afirmar o mesmo em sentenças no passado como em 5.52:

⁴⁹ “[...] when I talk about myself, evidentials have somewhat different overtones. [...]”

(5.52) ão tuu pesaro bĩtĩ nĩasi. Yĩĩ kãrĩ **masitiasi**.

ão tuu pesa-ro bĩtĩ nĩ-a-si
traveseiro-NMLZ.GLOC duro COP-PREC-NVIS.1/2/INAN.
yĩ'ĩ kãrĩ **masi-ti-a-si**
eu dormir **saber-NEG-PREC-NVIS.1/2/INAN**.
'o traveseiro estava duro e eu não consegui dormir.'

Em 5.52, **masitiasi**, o ato de não ter conseguido dormir não se trata de uma ação potencial, mas sim de um evento efetivado na esfera *realis*, portanto, o *status irrealis* de enunciados de possibilidade e habilidade é ambíguo e dependente do tempo verbal. Entretanto, mesmo no presente, embora os enunciados ainda sejam de fato potenciais, peculiaridades aspectuais de verbos de possibilidade e habilidade ainda lançam sobre eles certa ambiguidade quanto a seus *status* modais. Certos usos de modais de possibilidade e de habilidade, nesse sentido, parecem habituais. Comrie (1976, p. 27) nota que aspectos habituais descrevem uma situação que se estende durante um longo período de tempo. A situação estendida, no caso, não é aquela modificada pelo modal de habilidade e sim, o próprio modal, ou a potencialidade da situação. Em modais desiderativos e de necessidade, a potencialidade é pontual, nascendo, dessa forma, de desejos e necessidades pontuais.

A presença dos sufixos não-visuais não parece, portanto, ser devido ao *status irrealis* de modais de habilidade, já que este é ambíguo. Assim como em enunciados desiderativos e de necessidade, a presença do sufixo não-visual pode estar ligada a fatores de percepção e cognição. O uso do não-visual nestes contextos prevalece em sentenças negativas com sujeitos de primeira pessoa. Nesse sentido, depreende-se, da ausência de habilidade, ausência de controle. Como vimos no capítulo anterior, o sufixo não-visual é empregado em enunciados que descrevem situações nas quais o falante se percebe como desprovido de controle, como em 5.53, em que o 'se perder' implica falta de controle por parte do falante:

(5.53) wisi wa'aasi

wisi wa'a-a-si
perder ir-PREC-1/2/INAN
'Me perdi.'

Vemos, portanto, como noções como modalidade e percepção estão próximas. É interessante perceber, nesse contexto, como o paradigma do não-visual interage com as noções modais aqui estabelecidas. Na modalidade epistêmica, a distinção passado e não-passado é feita por meio de sufixos pertencentes a paradigmas evidenciais distintos, o não-visual e o inferencial. Por outro lado, o exemplo (5.54) sugere que, em modalidades dinâmicas, a distinção passado e não-passado é confinada ao paradigma do não-visual estabelecido por Ramirez (2019 [1997]a). Isso, em conjunção com o padrão de sufixação do não-visual em verbos de modalidade dinâmica, nos leva a crer que, no Tukano, existe um contínuo entre noções modais, de percepção e cognição. De um lado, a modalidade epistêmica se aproxima de noções mais prototípicas de modalidade, de outro, modalidades dinâmicas se aproximam, de alguma forma, de percepção.

5.4.2. Gramaticalização do *-sa*

Até agora discutimos como o *-sa* é um sufixo que desempenha funções modais e evidenciais. Sincronicamente, estabelecemos que modalidade e percepção são noções próximas, sobretudo a partir das modalidades dinâmicas, que possuem um padrão de sufixação semelhante a de verbos de percepção e de cognição no Tukano. Argumentaremos agora como a gramaticalização do *-sa* corrobora o seu funcionamento modal e como este precede seu funcionamento como evidencial.

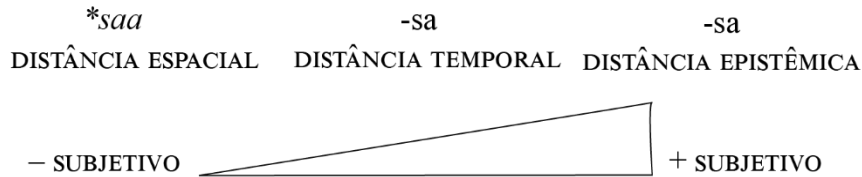
É provável que o sufixo *-sa* tenha se originado no verbo **saa*, o qual Barnes (1992) reconstrói a partir dos verbos *ir* nas línguas Tukano. Temos, portanto que *-sa* < **saa*. Os verbos de movimento são uma origem comum para os futuros (Bybee *et al*, 1994). No Tukano, parece ser este o caso para o futuro de predição, o qual é formado a partir do *-sa*.

Se isso estiver correto, podemos notar que os supostos reflexos da gramaticalização do verbo **saa* expressam alguma forma de distância, coerentemente com seu estágio inicial de verbo de movimento. Assim, a distância espacial se relaciona com o futuro = distância temporal e com a modalidade epistêmica = distância epistêmica. Há aqui um processo de reanálise por metáfora em que o traço distância passa de um domínio para outro.

Percebemos, neste caso, que as mudanças aqui descritas passam pelo que Traugott (2010) chama de *subjetivização* em que as formas (no que ela denomina de domínio proposicional ou ideacional) gradativamente se tornam mais subjetivas, no domínio expressivo (Traugott, 1982), codificando a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado. No Tukano,

dessa forma, o verbo **saa* passa do domínio ideacional — espaço e tempo — para o domínio expressivo — modalidade epistêmica. Deve-se notar também que o *futuro de predição*, sendo modal, expressa distância nos domínios proposicional e expressivo, e pode ser entendido como um ponto de transição entre os dois domínios.

Figura 15 – subjetivação do -sa



Fonte: elaborado pela autora.

A passagem do sentido epistêmico para o sentido evidencial parece ter sido um processo distinto, o qual não está ainda muito claro para nós. Não parece aqui se tratar de distância sensorial. Na realidade, domínios modais e não-visuais fazem parte de um contínuo. Por exemplo, verbos de cognição como *saber* estão em um domínio não-visual e frequentemente são empregados como modais. Acreditamos que verbos como *tî'sâ* ‘gostar’, que ocupam um espaço ambíguo entre julgamento e percepção sejam uma chave para compreender o surgimento dos sentidos evidenciais do -sa. Isso porque o sujeito de um verbo como ‘gostar’, além de julgar, também ocupa o papel semântico de experienciador a partir de um estímulo externo frequentemente sensorial, como em 5.54 que o julgamento em gostar é feito a partir da percepção do gosto azedo de uma comida:

(5.54) *yî'î ti'sâ niîsa' teé piáséhere*

<i>yî'î</i>	<i>ti'sâ</i>	<i>niî-Ø-sa'</i>	<i>teé</i>	<i>piá-sehe-re</i>
eu	gostar	COP-PRES-NVIS.1/2/INAN	ANA	<i>ser.azedo-NMLZ.INAN-OBL</i>

‘Eu gosto desse azedo.’

Um estímulo sensorial (azedo) passa por um experienciador que, por sua vez, cria um julgamento (é bom) a partir dessa percepção. Dessa forma, é possível observar como os domínios de julgamento e do sensorial se aproximam e podem explicar como um modal epistêmico se tornou um evidencial não-visual.

Por fim, no exemplo 5.55, o falante pode ter afirmado que alguém está ralando mandioca com base em evidência auditiva a partir do barulho do motor do ralo. Por outro lado, a partir de conhecimento prévio sobre a prática de ralar mandioca, o falante pode ter assumido que alguém está ralando mandioca:

(5.55) *kíí oérã weesama*

<i>kíí</i>	<i>oé-rã</i>	<i>wee-Ø-sa-ma</i>
mandioca	ralar-NMLZ.PL	fazer-PRES-NVIS-3PL

‘Estão ralando mandioca.’

Sendo assim, exploramos como, a partir de sentidos modais, é possível que se generalizem sentidos mais prototipicamente não-visuais. Por ora, consideremos o termo não-visual amplo o suficiente para abarcar sentidos mais evidenciais e também modais.

A partir desse esquema semânticodiacrônico, vamos explorar duas hipóteses sobre como o **saa* teria se gramaticalizado enquanto um evidencial.

a) Primeira hipótese

Como primeira hipótese de gramaticalização, postulamos que a construção de futuro de predição atual teria sido a fonte inicial, de onde, então, se desenvolveram usos como um modal epistêmico e, enfim, um evidencial. A construção do futuro de predição é, como vimos, RADICAL VERBAL + NOMINALIZADOR + -NÃO-VISUAL + PNG. O exemplo 5.56 exemplifica a construção de futuro de predição, em que *po'ô* ‘fazer Dabucuri’ é nominalizado por *-rã* e sufixado pelo não-visual:

(5.56) *a'tí mûhî-puu pehetiri po'ôkârāsama*

<i>a'tí</i>	<i>mûhî-puu</i>	<i>pehêti-ri</i>	<i>po'ô-kã-rã-sa-mã</i>
DEM	mês	poucos-PL.INAN	fazer.Dabucuri-ASS-NMLZ,PL-NVIS-3PL

‘Este mês vão fazer poucos Dabucuris.’

O futuro de predição é muito semelhante a um tipo de construção analítica no Tukano com o verbo principal nominalizado e o auxiliar acompanhado de algum sufixo de TAME. Em 5.57, *wee*

‘fazer’ funciona como auxiliar sufixado pelo visual, e o verbo *ya'ge* ‘mastigar’ é nominalizado para formar uma construção progressiva:

(5.57) *ya'gegi weé'*

ya'gé-gi *weé-Ø-*
 mastigar-NMLZ.NFSG fazer-VIS.PRES-1/2/INAN
 ‘eu estou mastigando.’

Dessa forma, o futuro de predição atual teria surgido a partir de uma construção analítica com verbo nominalizado e o **saa* como auxiliar de movimento para uma construção analítica de futuro em que o verbo **saa* ocupava a posição de verbo auxiliar de futuro:

RADICAL VERBAL + NOMINALIZADOR + **SAA* (AUXILIAR) + SUFIXO TAME

De verbo auxiliar, o **saa* teria virado um sufixo, originando o futuro de predição atual. A erosão do sufixo nominalizador teria dado origem à função do sufixo como modal epistêmico, que, por fim, se tornou o evidencial não-visual. A construção verbal serial *waa wee*⁵⁰ ‘ir fazendo’ parece passar por um processo semelhante. Nos exemplos 5.58 e 5.59, as construções indicam movimento, mas também podem se tratar da formação de um futuro:

(5.58) *yí'i aka'bihí i'yâgo wa'â wee'*

yí'i *aka'bihí* *i'yâ-go* ***wa'â*** ***wee-Ø-***
 eu irmão.mais.novo ver-NMLZ.FSG **ir** **fazer-PRES.VIS-1/2/INAN**
 ‘Eu estou indo visitar meu irmão mais novo’

(5.59) *yí'i u'agó wa'a wee'*

yí'i u'á-go ***wa'a*** ***wee-Ø-***

⁵⁰ Em nosso *corpus* o verbo *wee* também acompanha a construção de futuro de intenção:

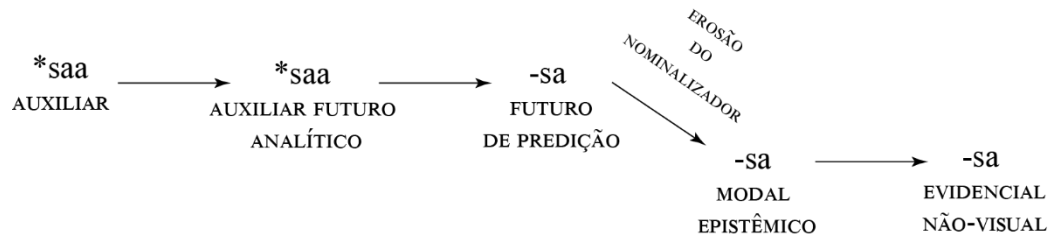
Po'ká sîrió'ti wee'
Po'ká sîdí-go-'ti ***wee-Ø-***
xibé beber-NMLZ.FSG-CTP **fazer-PRES.VIS-1/2/INAN**
 ‘Eu vou beber xibé’

eu tomar banho-NMLZ.FSG ir **fazer-PRES.VIS-1/2/INAN**

‘Eu estou indo tomar banho.’

Temos, assim:

Figura 16 – primeira hipótese de gramaticalização do -sa

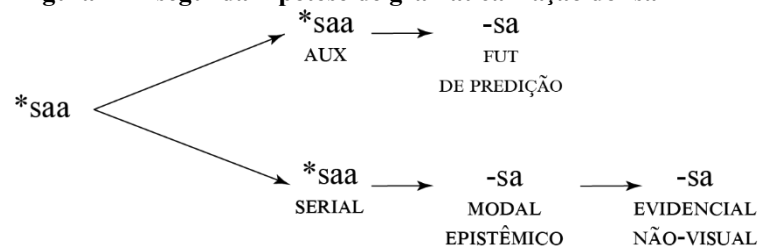


Fonte: elaborado pela autora.

Segunda Hipótese

Uma dificuldade com a primeira hipótese consiste em explicar por que a construção de futuro de predição reteve o nominalizador e as construções modais e de evidencialidade o perderam. Propomos, então, uma segunda hipótese, em que o futuro de predição e o modal epistêmico/não-visual se originaram a partir de duas construções distintas. Enquanto, como estabelecemos, o futuro de predição se originou em uma construção com verbo principal nominalizado e o **saa* funcionando como auxiliar, o modal epistêmico e o não-visual se originaram de uma construção verbal serializada. Na segunda construção, diferente da primeira, o radical verbal à esquerda não é nominalizado (ver seção 2.6.7). Portanto, o *-sa* modal epistêmico teria derivado do verbo **saa* como verbo serial na construção RADICAL VERBAL + *SAA (SERIAL) + TAME. A mudança está esquematizada na figura 17:

Figura 17 – segunda hipótese de gramaticalização do -sa



Fonte: elaborado pela autora.

Uma construção atualmente existente no Tukano e que entendemos como análoga à construção em que *saa ocorria enquanto um verbo serial é a construção de movimento orientado. Vejamos, mais especificamente a de movimento em direção ao falante, expressa pelo sufixo –‘*ti*, em 5.60-a:

(5.60) (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 116)

- a. diâyire wehê’timi
 diâyî-re wehê-‘ti-Ø-mi
 cachorro-OBL puxar-CTP-3NFSG
 ‘Ele vem puxando o cachorro.’

Como vimos antes também, o ‘*ti* é utilizado na construção do futuro de intenção, como em 5.61-a:

(5.61)

- a. yîî dika-waagó’ti dekö me’rã
 Yîî dika-waá-go-’ti dekö me’rã
 eu dividir-NMLZ-CTP meio com
 ‘Eu vou dividir no meio.’

Ramirez (2019 [1997]a) aponta que o sufixo -‘*ti*, assim como o sufixo de movimento se afastando do falante -*a*’, derivam dos verbos de movimento *a’ti* ‘vir’ e *waa* ‘ir’, respectivamente. O funcionamento e a origem dos sufixos de movimento orientado no Tukano são parecidos com aqueles discutidos para o -*sa*: a construção de movimento orientado é derivada de uma construção verbal serializada e o futuro de intenção, de uma construção com o verbo principal nominalizado e o verbo *a’ti* como auxiliar.

Assim, antes do processo de morfologização, o sufixo –‘*ti* integrava construções como verbo serial e auxiliar, respectivamente (exemplos 5.60-b e 5.61-b)

(5.60b) *diâyire wehê a’timi

diâyî-re wehê a’ti-Ø-mi

cachorro-OBL **puxar** **vir**-PRES.VIS-3NFSG

‘Ele vem puxando o cachorro.’

(5.61b) *yi'ĩ dika-waagó **a'ti'** dekô me'rã

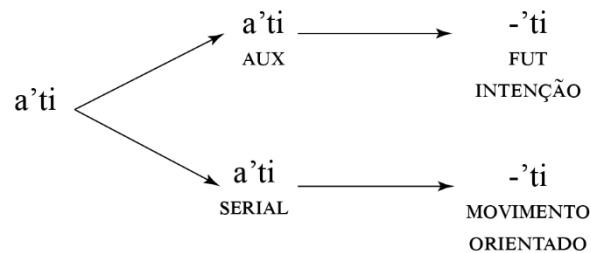
Yi'ĩ **dika-waá-go** **a'ti-Ø'** dekô me'rã

eu **dividr-NMLZ.FSG** **vir**-PRES.VIS-1/2/INAN meio com

‘Eu venho dividindo no meio.’

Na figura 18, exibimos a gramaticalização das construções com o sufixo de movimento orientado ao falante - *ti* a partir de usos como verbo auxiliar ou verbo serial:

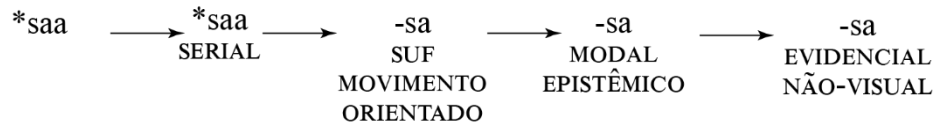
Figura 18 – gramaticalização do sufixo de movimento orientado em direção ao falante



Fonte: elaborado pela autora.

Sendo assim, é possível que um dos estágios intermediários do desenvolvimento do *-sa* a partir de uma construção verbal serializada seja seu uso como um sufixo arcaico de movimento orientado se afastando do falante, esquematizado na figura 19:

Figura 19 – desenvolvimento a partir de um sufixo de movimento orientado



Este uso do *-sa* como sufixo de movimento orientado parece ter sido conservado para o imperativo de distância, como no exemplo 5.62:

(5.62) (Ramirez, 2019 [1997]a, p. 98)

apê ni'isa'

apê ni'i-Ø-sa-'

brincar continuar.a.fazer.algo-PRES-NVIS-1/2/INAN

‘vá brincar!’

A passagem de um sufixo de movimento orientado para um modal epistêmico é coerente com a hipótese de subjetivização de Traugott (2010). Contudo, entre o sufixo de movimento orientado e o modal epistêmico, pode haver outro o estágio modal, tanto de futuro quando de modalidades dinâmicas. No Tukano, vemos como, a partir da construção do verbo **saa* como auxiliar para um verbo principal nominalizado, se originou o futuro de predição. O futuro de predição interrogativo é empregado como pedido de permissão. A existência desses dois tipos de construção originadas do **saa* como auxiliar sugerem a possibilidade de o **saa* serial ter passado por estágios semelhantes de futuro e de modal deôntico. Para alguns verbos modais aqui estudados, os dois tipos de construção coexistem, preservando, ao que parece, o mesmo sentido do verbo. Vejamos o uso do modal de habilidade *masi* ‘saber’ como auxiliar (exemplo 5.63) e como serial (exemplo 5.64):

(5.63) yi'î **masi'** kasawî me'rã wa'î **wehero**

yi'î **masi-Ø-'**

kasawî me'ra wa'î **wehe-ro**

eu **saber-PRES.VIS-1/2/INAN**

matapi com peixe **pescar-NMLZ.GLOC**

‘Eu sei pescar com matapi.’

(5.64) yi'î wa'á we'e yi'î wa'î **wehé masitisa'**

yi'î wa'á we'e yi'î wa'î **wehé masi-ti-Ø-sa-'**

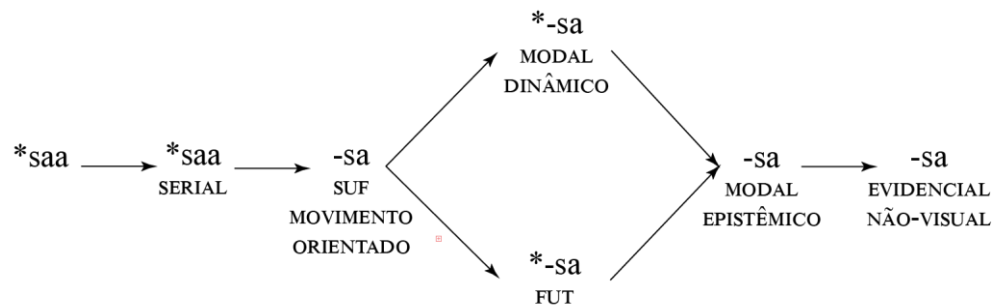
eu ir não eu peixe **pescar saber-NEG-PRES-NVIS-1/2/INAN**

‘Eu não vou, não sei pescar.’

Em 5.63 *masi* é auxiliar para o verbo *wehe* ‘pescar’, neste exemplo nominalizado pelo sufixo *-ro*. Já em 5.64, com *masi* se forma uma construção verbal serializada com o verbo *wehe* também, que desta vez, não está nominalizado. A coexistência desses dois tipos de construção, em que o verbo *masi* preserva o sentido de modal de habilidade, assenta a possibilidade de terem

existido duas construções diferentes com o mesmo sentido deôntico ou de futuro como verbo **saa*. Para além das evidências no Tukano, a origem de construções modais epistêmicas a partir de um futuro ou de um modal dinâmico/deôntico é comum em diferentes línguas (Bybee *et al*, 1994 e Van der Auwera & Plungian, 1998), o que corrobora a nossa hipótese. Temos, dessa forma:

Figura 20 – gramaticalização do modal epistêmico a partir de uma construção hipotética de futuro e modalidade dinâmica



Fonte: elaborado pela autora.

Abordaremos agora a passagem de um modal epistêmico, no qual incluímos o assumido e as construções de incerteza, para o não-visual. Stenzel e Gomez-Imbert (2018) apontam a origem dos evidenciais não-visuais em raízes verbais como ‘ser percebido’ ou ‘parecer’ como a mais provável em línguas Tukano Orientais, o que é corroborado por Aikhenvald (2004) como a origem mais comum de evidenciais não-visuais em línguas ao redor do mundo. No Tukano, vemos isso no verbo *akoro* ‘perceber-se’, o qual é uma estratégia de evidencialidade que parece estar no caminho de gramaticalização para um evidencial ou modal (ver exemplos 5.48 e 5.49). Nossa hipótese da origem do *-sa* como não-visual a partir de um verbo de movimento arcaico, nesse sentido, não segue essa hipótese mais comum de gramaticalização. Como já estabelecemos, o sentido não-visual do *-sa* parece ter emergido de seu sentido modal.

Malone (1988), em seu artigo que explora a origem dos evidenciais no Tuyuka, nota a proximidade entre os evidenciais assumidos e os não-visuais nas línguas da família Tukano. Em primeiro lugar, é notado que, em algumas línguas da família (Tukano, Siriano e Yurutí), o presente assumido é utilizado para codificar informações não-visuais. Malone (1988), diferente de Ramirez (2019 [1997]a), classifica o sufixo *-sa* no Tukano como assumido, no lugar de não-visual, o que o alinha com descrições anteriores, como a de West (1980). A forma interrogativa do presente

assumido no Tuyuka é a mesma utilizada para o não-visual (Malone, 1988). No Desano, assim como Tukano, o presente do não-visual é utilizado como modal epistêmico (Kaye, 1970). Assim, se nossa hipótese estiver correta, existe uma ligação funcional entre o assumido, modais epistêmicos e a evidencialidade não-visual no presente. Além de uma conexão no nível semântico, é bem possível que a proximidade entre o assumido e o não-visual se dê por meio de difusão areal dado que a convergência entre as duas categorias não se restringe ao Tukano. Chacon (2012) levanta esta hipótese para o desenvolvimento do sistema de evidenciais, embora sua análise seja motivada por fatores distintos. O evidencial não-visual, inclusive em suas formas no passado, aparece em construções modais dinâmicas, o que sugere uma remodelização do sufixo e uma conexão entre não apenas o não-visual e a modalidade epistêmica, mas com a categoria de modalidade de forma geral. A hipótese II, em que o não-visual se origina de um verbo de movimento, que se gramaticaliza para um modal para, enfim, tornar-se evidencial corrobora a ideia de que modalidade epistêmica e evidencialidade no Tukano são domínios implicados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, buscamos descrever, analisar e relacionar as categorias de modalidade e evidencialidade no Tukano, sobretudo nos sufixos finitos de tempo, aspecto, modalidade e evidencialidade. Para além de trabalharmos com dados próprios, olhamos a forma como estes sufixos, bem como noções modais e evidenciais foram analisadas ao longo de 60 anos de descrições gramaticais do Tukano. Enquanto, por um lado, podemos argumentar que a ausência de trabalhos tipológicos compreensivos sobre modalidade, e, sobretudo, evidencialidade tenha influenciado a ausência de uma descrição igualmente compreensiva do paradigma, por outro, é inegável que a forma que estes sufixos foram descritos reflete sua complexidade funcional, tanto do ponto de vista sincrônico, quanto do ponto de vista diacrônico.

Vemos esta complexidade na semântica mais saliente de tempo, aspecto, modalidade evidencialidade. A marcação de passado remoto também varia a depender do tipo de acesso à evidência: no acesso direto, o passado remoto é marcado, com o presente sendo o tempo não-marcado e no acesso indireto, o passado remoto é não-marcado. A leitura aspectual também varia a depender do tipo de evidência escolhida: enquanto o visual e o não-visual admitem leituras perfectivas e imperfectivas sem a necessidade de uma construção analítica, embora não tão produtivo, o inferencial possui uma leitura claramente perfeita/resultativa. O reportativo, em geral, admite leituras perfectivas, no entanto, por construção analítica, também permite reportar situações futuras.

Nossos dados também sugerem que o sentido e a frequência de uso destes sufixos são altamente dependentes do contexto discursivo. Em contextos cotidianos, as categorias menos marcadas, o visual e o não-visual, são as mais comuns por motivos discutidos aqui neste trabalho. Contudo, em narrativas de criação, o uso do reportativo e do inferencial são preferidas no lugar de um evidencial direto no que envolve, obviamente, o tipo de evidência a que os narradores em geral têm acesso, as quais não se tratam de evidências diretas, mas também o que pode ser a própria ideologia subjacente ao contexto dos *Kiti*: quando a comparamos com as sentenças retiradas da tradução para o Tukano do Novo Testamento pela Liga Bíblica, vemos que neste, o visual é empregado no lugar do inferencial e do reportativo. Sendo assim, o uso destes sufixos não se trata somente de uma questão de fonte de informação. Outro uso sensível ao contexto discursivo é o do não-visual nos *Hande Hande*, no qual o sufixo possui uma leitura expressiva com que se manifesta que o falante se encontra emocionalmente afetado pelo conteúdo do enunciado ou pelo contexto de

enunciação. Se os dados em nosso *corpus* estiverem corretos, este emprego não é comum em usos cotidianos da língua.

Nesse sentido, de todos os sufixos analisados, o mais complexo desde um ponto de vista semântico é o não-visual, que é sufixado a enunciados de percepção e cognição, mas também, pode apresentar um sentido expressivo de afetação emocional e veicular situações em que o falante não possui controle sobre o acontecimento. Estes sentidos são dependentes não só do contexto, mas de fatores condicionantes como pessoa e polaridade. No entanto, o emprego do não-visual mais produtivo (para além de codificar informações cuja fonte é percepção ou cognição) é o de modal epistêmico. Essa complexidade semântica dependente de fatores condicionantes que extrapolam a mera fonte de informação e se atesta pela análise diversa de sua função ao longo da descrição gramatical Tukano. De todos os exemplares examinados neste trabalho, apenas Ramirez (2019 [1997]a) confere ao sufixo o sentido de evidência não-visual. Em todas as outras descrições, o sentido que sobressai é o de modalidade epistêmica, no presente, e de expressividade emocional, no passado.

Nesta dissertação, demonstramos dois caminhos pelos quais as noções de percepção e cognição de um lado, e de modalidade epistêmica de outro, se entrelaçam. Sincronicamente, esses dois conceitos se aproximam em certos verbos como *gostar*, que guarda sentidos perceptivos, cognitivos e também de julgamento. Diacronicamente, no Tukano, demonstramos a relação entre modalidade e evidencialidade por meio de um processo metafórico de mudança cujo traço definidor é o de distância. Assim, a origem provável do não-visual do presente *-sa* é o verbo de movimento **saa*, que, de distância espacial, passou para distância temporal e, finalmente, passou para distância epistêmica num processo de subjetivização, que, a partir de traços específicos de convergência entre distância epistêmica e percepção, se generalizou o sentido não-visual do sufixo. Vemos, dessa forma como a percepção se aproxima do sentido de modalidade.

Argumentamos também como, por outro lado, noções de modalidade se aproximam de sentidos de percepção e cognição nos modais dinâmicos devido ao padrão de marcação de TAME nestes no Tukano. Os modais desiderativos/de necessidade recebem marcação do não-visual apenas para sujeitos de primeira pessoa em sentenças declarativas, o que os aproxima do padrão de marcação de TAME de verbos emotivos e de sensações como dor, incômodo etc. Já os modais de habilidade são sufixados pelo não-visual apenas quando esses verbos possuem polaridade negativa, do que se depreende o traço [-controle].

Destas observações, tiramos duas conclusões principais: primeira é que os sufixos de TAME possuem caráter emergente e que ainda estão em formação como um paradigma definitivo. Como Malone (1988) estabeleceu para o Tuyuka, no Tukano, as divisões [+direto] e [-direto] parecem ter sido as primeiras a surgir na língua. A segmentação dos sufixos no capítulo quatro bem como o trabalho de Chacon e Michael (2018) sobre a origem das marcações de PNG na família Tukano sugere que o visual/não-marcado, o reportativo e o inferencial possuem a mesma origem na marcação de passado/aspecto perfectivo e que, com o desenvolvimento da língua, divergiram os sentidos de tempo, aspecto, modalidade e evidencialidade que encontramos hoje. Nesse contexto, o não-visual seria a última adição ao paradigma, cujo caráter emergente é o mais saliente.

A segunda é que, embora de um ângulo teórico, evidencialidade e modalidade sejam dois conceitos distintos, no Tukano, estes dois não se manifestam como categorias discretas. Assim, questionamos a rigidez descritiva com que Aikhenvald (2004) determina o conceito de evidenciais uma vez que a função primária dos sufixos aqui, em especial o não-visual no presente, não é tão facilmente definida. Se levarmos em consideração a descrição gramatical anterior a Ramirez (2019 [1997]a), então a função primária do *-sa* é de modal epistêmico e sua semântica evidencial se trata apenas de uma extensão de sentido. Em nosso *corpus*, o uso do *-sa* como modal epistêmico é produtivo. Nossa análise diacrônica, nesse sentido, sugere que é realmente este o caso. Assim, o paradigma de evidencialidade no Tukano apenas seria possível no passado como no quadro 33:

Quadro 47 – paradigma de sufixos finitos de TAME em que o *-sa* é primariamente modal

PRESENTE	PASSADO RECENTE	PASSADO REMOTO
	evidencialidade não-marcada	
		não-visual
		inferencial
		reportativo

Fonte: elaborado pela autora.

Por outro lado, como analisamos no capítulo 4, a segmentação dos sufixos não-visuais do passado recente, os quais não são utilizados para codificar modalidade epistêmica, sugere que primeiro surgiu o sentido não-visual do *-sa*, e que, daí, se generalizou o paradigma. No entanto, parece pouco produtivo definir qual o sentido primário de uma forma de funcionamento e desenvolvimento complexos como *-sa*, o qual, por conveniência decidimos chamar de não-visual.

Como bem coloca Stenzel (2008, p. 439, tradução nossa)⁵¹ em sua análise do Wanano: “[...] declarações categóricas do tipo ‘um ou outro’ – ou que evidenciais são inerentemente modais e expressam significados epistêmicos [...] ou que eles são categorias independentes e são neutros em termos de valores epistêmicos – são impráticos. [...]”. Assim, desde um ponto de vista específico à língua, o empenho em estabelecer modalidade e evidencialidade como categorias discretas ou, então, como parte de uma categoria mais ampla, parece pouco relevante e quiçá até obscureça esforços de demonstrar ligações funcionais e diacrônicas entre sentidos em uma língua. Sendo assim, tendo em vista a análise deste trabalho, é evidente que as categorias de evidencialidade e modalidade são fluídas no Tukano.

⁵¹ “[...] categorical statements of the ‘either-or’ type — either evidentials are inherently modal and express epistemic meanings [...] or they are an independent category and are thus neutrally positioned in terms of epistemic values (de Haan 1999:94; Aikhenvald 2003:1) — are impractical. [...]”

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y. **Evidentiality**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- AIKHENVALD, A. Y. Evidentiality in Tariana. *In*: AIKHENVALD, A. Y. DIXON, R.M.W. (orgs.). **Studies in Evidentiality**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2003, p. 131-164.
- AIKHENVALD, A. Y. The grammar of knowledge: a cross-linguistic view of evidentials and the expression of information source. *In*: AIKHENVALD. (orgs.) **The Grammar of Knowledge: a cross-linguistic typology**. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- BARNES, J. D. Evidentials in the Tuyuka Verb. **International Journal of Linguistics**. [s.l.], v.50, n.2, jul. 1984, p. 255-271.
- BARNES, J. D. Verbos de Movimiento en Proto Tucano. *In*: BARNES, J. D. WHEELER, A. L. WHEELER, M. A. P. **Estudios Comparativos: Proto Tucano**. Bogotá: Editorial Alberto Llerras Camargo, 1992.
- BYBEE, J. PERKINS, R. PAGLIUCA, W. Mood and Modality. *In* BYBEE, J. PERKINS, R. PAGLIUCA, W. *The Evolution of Grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994, p. 176-242
- CHACON, T.C. CAYON, L. Considerações sobre a exogamia linguística no Noroeste Amazônico. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v. 6, n.1/2, , dez. 2013, p. 6-20.
- CHACON, T.C. **Etnografia Balaio**. Brasília, 2007.
- CHACON, T.C. MICHAEL, L. The evolution of subject-verb agreement in Eastern Tukanoan. **Journal of Historical Linguistics**. [s.l.], v. 8, n. 1, jul. 2018, 59-94.
- CHACON, T. **The phonology and morphology of Kubeo**: The documentation, theory, and description of an Amazonian language. (2012). Tese (Doutorado em Linguístico). University of Hawai'i, Manoa, 2012.
- CHACON, T. C. Kubeo: Linguistic and cultural interactions in the Upper Rio Negro. *In*: EPPS, P. STENZEL, K. **Upper Rio Negro: cultural and linguistic interaction in Northwestern Amazonia**. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, Museu Nacional, 2013.
- CHACON, T. **Relatório de primeira viagem a campo**. Brasília, 2006.
- CHERNELA, J. Toward an East Tukano ethnolinguistics: Metadiscursive practices, identity, and sustained linguistic diversity in the Vaupés basin of Brazil and Colombia. *In*: EPPS, P. STENZEL, K. **Upper Rio Negro: cultural and linguistic interaction in Northwestern Amazonia**. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, Museu Nacional, 2013.
- CHAFE, W. Evidentiality in English Conversation and Academic Writing. *In*: Chafe, Wallace.

Nichols, Johanna (eds). *Evidentiality: The Linguistic Coding of Epistemology*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1986.

CHAFE, W. NICHOLS, J. (eds). **Evidentiality**: The Linguistic Coding of Epistemology. Norwood, Nova Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986.

ELAN (Versão 6.9) [Software de computador]. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive, 2023. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acesso em: 12 ago. 2024.

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, B. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

DE HAAN, F. Evidentiality and epistemic modality: setting boundaries. **Southwest Journal of Linguistics**, 1999.

EPPS, P. Areal diffusion and the development of evidentiality: Evidence from Hup. **Studies in Language**, Amsterdã/Filadélfia, v. 29, n.3, p. 617-650, 2005.

EPPS, P. The Vaupés melting pot: Tukanoan influence on Hup. In: AIKHENVALD, A. DIXON, R.M.W. **Grammars in Contact: A Cross-Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 267-289.

EPPS, P. MICHAEL, L. The Areal Linguistics of Amazonia. In: HICKEY, R. **The Cambridge Handbook of Areal Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 934-963.

FELIX, M.C. CHACON, T.C. O lugar da teoria na descrição: a evolução da categoria de evidencialidade nas gramáticas da língua Tukano. **Liames**, Campinas, 2025. No prelo.

FRANCHETTO, B. O trabalho dos linguistas. **Povos Indígenas no Brasil**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2021. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/O_trabalho_dos_linguistas. Acesso em: 23 de jul. 2025.

FRAWLEY, W. Modality and Negation. In: FRAWLEY, W. **Linguistic Semantics**. Nova York/Londres: Routledge, 1992.

GIACONE, A. **Gramática, dicionários e fraseologia da língua Dahceié ou Tucano**. Belém: Imprensa Universitária do Pará, 1965 <http://www.etnolinguistica.org/biblio:giacone-1965-gramatica>.

GIACONE, **Pequena gramática e dicionário da língua Tucana**. Manaus: Missão Salesiana do Rio Negro, 1955.

GIVÓN, T. **Irrealis and the subjunctive**. *Studies in Language*. [s.l.], v. 18 n. 2, 1994, 265-337. DOI 10.1075/sl.18.2.02giv ISSN 0378-4177

GIVÓN, T. Time, Aspect and Modality I: Functional Organization. *In*: GIVÓN, T. **Syntax: An Introduction**. Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GIVÓN, T. Evidentiality and Epistemic Space. **Studies in Language**, [s.l.], v. 6, n.1, 1982, p. 23-49.

JACKSON, J. **The Fish People: Linguistic Exogamy and Tukanoan Identity in Northwest Amazonia**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LIGA BÍBLICA. **O'akihi Yeere Uúkūri Turi: O Novo Testamento na Língua Tukano**, 2004.

LYONS, J. **Semantics**. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MALONE, T. The Origin and Development of Tuyuca Evidentials. **International Journal of American Linguistics**, [s.l.] v. 54, n. 2, Apr., 1988, p. 119-140

FORKER, D. Evidentiality and its relation with other verbal categories. *In*: AIKHENVALD, A. (orgs.) **The Oxford Handbook of Evidentiality**. Oxford: The Oxford Handbooks Online, 2018.

GLOTTOBANK. **Glottobank**, 202?. Homepage. Disponível em: <https://glottobank.org/>. Acesso em: 25 de mar. 2024.

HUGH-JONES, C. **From the Milk River: Spatial and temporal processes in Northwest Amazonia**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA) (202?). Terra Indígena do Balaio. **Terras Indígenas no Brasil**. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3921>>. Acesso em: 14 de jul. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (2024). Quadro Geral dos Povos. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos>. Acesso em: 14 de jul. 2025.

JAKOBSON, R.. Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb. *In*: JAKOBSON, R. **Volume II Word and Language**. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 1971, p. 130-147. <https://doi.org/10.1515/9783110873269.130>

KAYE, J. D. **The Desano Verb: Problems in Semantics, Syntax and Phonology**. Tese (197). Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Columbia, Nova York, 1970.

KOK, P. P. (1921). Ensayo de Gramática Dagseje o Tokano. **Anthropos**, [s.l.] v. 16/17, n. 4/6, p. 838–865. (1921) <http://www.jstor.org/stable/40444312>

MAIA, G. S. **Bahsamori: o tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Yepamahsã (Tukano)**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2018.

PALMER, F.R. **Mood and Modality**, (2.ed) Cambridge: Cambridge University Press, 2001

RAMIREZ, H. **A fala dos ye'pâ-masa. Tomo I: gramática**. Manaus: CEDEM, 2019 [1997]a.

RAMIREZ, H. **A fala dos ye'pâ-masa. Tomo II: dicionário**. Manaus: CEDEM, 2019 [1997]ab

SARMENTO, F. **O médio rio Negro indígena: aspectos históricos, socioculturais e panorama antropológico contemporâneo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2018.

SEKI, L. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. **Impulso**, Piracicaba, v. 12, n. 27, 2000, p. 233-256.

SILVA, A. **Observações Gramaticais da Língua Daxseye ou Tukano**. Iauareté, Amazonas: Centro de Pesquisas Iauareté, 1966.

SORENSEN., A. P. Multilingualism in the Northwest Amazon. **American Anthropologist**. [s.l.], v. 69, n. 6, p. 670-684, 1967.

SORENSEN., A. P. *The Morphology of Tukano*. (1969) Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de Columbia, Nova York, 1969.

STENZEL, K. Gomez-Imbert. Evidentiality in Tukanoan Languages. In: AIKHENVALD, A. (eds.). **The Oxford Handbook of Linguistic Typology**. Oxford: Oxford Handbooks Online, 2018.

STENZEL, C. Evidentials and clause modality in Wanano. **Studies in Language**, Filadélfia, v. 2, n. 32, 2008, p. 405-445.

TRAUGOTT, E. C. From Propositional to Textual and Expressive Meanings: Some Semantic-Pragmatic Aspects of Grammaticalization. In: LEHMANN, W. P. MALKIEL, Y. (Eds.), **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam & Philadelphia: Benjamins 1982, p. 245-271.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. IN DAVIDSE, K. VANDELANOTTE, L. CUYCKENS, H. (Eds.). **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization**. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2010 p. 29-74. <https://doi.org/10.1515/9783110226102.1.29>.

VAN DER AUWERA, J. PLUNGAN, V. A. Modality's Semantic Map. **Linguistic Typology**, [s.l.], v. 2, 1998, p. 79-124. <https://doi.org/10.1515/lity.1998.2.1.79>

WEST, B. Gramatica Popular del Tucano. Bogotá: SIL e Ministério do Governo – República da Colômbia, 1980.

WEST, B. WELCH, B. **Gramatica Pedagogica del Tucano**. Bogotá: Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados, 2004.

WILLET, T. A Cross-Linguistic Survey of The Grammaticization of Evidentiality. **Studies in Language** [s.l] v. 12, n. 1, 1988, 51-97. <https://doi.org/10.1075/sl.12.1.04wil>

APÊNDICE A – FOTOGRAFIAS DE CAMPO

Figura 21: Feira de Produtores Tuyuka em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, jan. 2025



Figura 22: *îrê koo*, vinho de pupunha, na Feira de Produtores Tuyuka, jan. 2025



Figura 23: praia do Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, jan. 2025



Figura 24: *mipî koo*, vinho de açaí, Comunidade do Balaio, jan. 2025



Figura 25: Dona Jacinta yagi, Olavo Sampaio, jan. 2025



Figura 26: biâti, quinhãpira, Comunidade do Balaio, jan. 2025



Figura 27: pimenta sendo seca para fazer juquitaia, Comunidade do Balaio, jan. 2025



Figura 28: farinha de mandioca recém torrada, Comunidade do Balaio, fev. de 2025



Figura 29: açaí recém colhido, Comunidade do Balaio, jan. 2025



Figura 30: Igarapé Iá, Comunidade do Balaio, fev. 2025



Figura 31: Olavo Sampaio na bacia de açaí, jan. 2025



Figura 32: aniversário de 60 anos de Dona Jacinta, fev. 2025



Figura 33: Dona Jacinta em sua casa com sua arara, Olavo Sampaio, jan. 2025



APÊNDICE B – ESTÍMULOS DE CAMPO

Abaixo, as sentenças utilizadas para elicitare conceitos de evidencialidade e modalidade no Tukano.

1. Sua mãe mora em outra comunidade. Você quer falar que ela está lá. Você diz:
 - a. Yi'i pako ape makapi niiamo
 - b. Yi'i pako ape makapi niisamo
 - c. Yi'i pako ape makapi niiaso
 - d. Yi'i pako ape makapi niimo
2. A esposa do seu filho está grávida em São Gabriel da Cachoeira. Você fala:
 - a. Yi'i maki nimo nihi-pako niisamo
 - b. Yi'i maki nimo nihi-pako niiamo
 - c. Yi'i maki nimo nihi-pako niiasõ
 - d. Yi'i maki nimo nihi-pako niigo weemo
 - e. Yi'i maki nimo nihi-pako niigo nihi-pako weeamo
3. Você ouviu falar que sua irmã tá grávida. Você vai contar para sua (seu esposo) esposa, você diz:
4. Sua irmã te fala por telefone que ela está grávida. Você vai contar para sua (seu) esposa (o), você diz:
5. Você vê uma foto da sua irmã grávida no facebook/instagram/Whatsapp e descobre que ela está grávida. Você vai contar para a sua (seu) esposa (o). Você diz:
6. Sua irmã te fala por whatsapp que ela está grávida. Você vai contar para a sua esposa, você diz:
7. Você leu uma notícia online de que o presidente vem para São Gabriel da Cachoeira. Você vai contar para a sua comunidade, você diz:
8. Sua irmã mora em outra comunidade. Você quer falar que ela é sua irmã, você fala:
 - a. Koo yi'i ma'mio niisamo
 - b. Koo yi'i ma'mio niiamo
 - c. Koo yi'i ma'mio niimo
 - d. Koo yi'i ma'mio niiwõ
9. Você chega na roça e vê ela queimada. Você fala:

- a. A roça queimou.
- 10. Você deixa a água fervendo. Quando ela ferve, você diz:
 - a. Á água ferveu
- 11. Inferencial/perfeito/resultativo
 - a. A banana amadureceu.
 - b. A banana apodreceu.
- 12. Futuro/possibilidade epistêmica/inferencial:
 - a. É possível que chova hoje.
 - b. Talvez tenha chovido hoje.
 - c. Choveu hoje (não vi a chuva, mas vi que a grama está molhada).
- 13. Te disseram que passou uma onça lá no Rodrigo Cibeles. Você vai contar para outra pessoa, você diz:
 - a. uma onça passou por aqui.
- 14. Estão fofocando sobre a vizinha. Você vai contar a fofoca de que ela rouba maniva da roça da outra vizinha, você diz:
 - a. A vizinha rouba maniva.
- 15. Você está muito cansada, fala:
 - a. Eu preciso dormir
- 16. Você vê que seu neto está muito cansado, você diz:
 - a. Ele precisa dormir
- 17. Um vizinho seu veio na sua casa, comeu sua comida, e foi embora sem agradecer. Você fala:
 - a. Ele é muito mal-educado!
- 18. Você percebe que está muito suada e precisa tomar banho. Você fala:
- 19. Você chega no banheiro, vê o chão molhado. Você fala:
 - a. Talvez tomaram banho
- 20. (impedimento em relação à habilidade e condições físicas– circunstâncias internas)
 - a. Eu sei tecer tipiti
 - b. Eu não sei tecer tipiti
 - c. Ele sabe tecer tipiti
 - d. Ele não sabe tecer tipiti

- e. Ele sabe pescar com matapi.
- f. Ele consegue pescar com matapi.
- g. Eu sei pescar com matapi.
- h. Eu consigo pescar com matapi.
- i. Ele não consegue fazer beiju.
- j. Eu não consigo fazer beiju.
- k. Eu não sei fazer beiju.
- l. Não consigo levantar esse balaio pesado (não tenho força)
- m. Eu consigo levantar esse balaio pesado (sou forte)
- n. Ele não consegue levantar o balaio pesado (ele é fraco)
- o. Ele consegue levantar o balaio pesado (ele é forte)
- p. Eu consigo levantar esse aturá
- q. Eu consigo pescar esse peixe
- r. Não é possível fazer almoço (não sei cozinhar)
- s. Ontem, eu não consegui ir para roça
- t. Não é possível chegar em São Gabriel (não sei dirigir)
- u. Eu sei ler
- v. Eu não sabia tecer tipiti antes, agora sei
- w. Ele sabia tecer tipiti antes, agora esqueci
- x. Ele não sabia tecer tipiti, agora ele sabe

21. (impedimento do meio – circunstâncias externas)

- a. Dá para tecer tipiti com essa fibra de arumã
- b. Não dá para tecer tipiti com essa fibra de arumã
- c. É possível pescar no rio (tem peixe)
- d. Não é possível pescar no rio (não tem peixe)
- e. É possível fazer almoço (tem comida)
- f. Não é possível fazer almoço
- g. Não dá para fazer beiju (o forno está frio).
- h. Não dá para chegar em São Gabriel (de Manaus) de carro.
- i. Ele não consegue chegar em São Gabriel.
- j. Eu não consigo chegar em São Gabriel (não deu para comprar a passagem).

k. Eu não sei chegar em São Gabriel (não sei o caminho).

l. Dá para pescar com matapi.

22. Certeza (mais certeza vs menos certeza)

- a. Eu tenho certeza de que ela mora lá
- b. Eu tenho quase certeza de que ela mora lá
- c. Talvez ela more lá
- d. Talvez talvez ela more lá
- e. Parece que ela está fazendo beiju
- f. Parece que ele foi para a roça
- g. Parece que eles separaram

23. Necessidade (interna)

- a. Eu preciso comer
- b. Ele precisa comer
- c. Quando eu começo a bocejar, preciso dormir
- d. Quando ele começa a bocejar, precisa dormir
- e. Eu estou com dor, preciso de remédio
- f. Ele está com dor, precisa de remédio
- g. Eu tenho que coçar minha perna, o carapanã me picou
- h. Eu estou com sede, preciso de água
- i. Eu precisei comer mais cedo hoje porque estava com fome
- j. Ele precisou comer mais cedo hoje porque estava com fome
- k. Eu tive que dormir mais cedo

24. Obrigação

- a. Para comer peixe, tem que pescar
- b. Para comer peixe, eu preciso pescar
- c. Eu tenho que ir em São Gabriel
- d. Eu preciso arrumar a casa.
- e. Eu devia ter dormido cedo ontem
- f. Ele devia ter chegado ontem na comunidade

25. Futuro

- a. Ela vai trabalhar: da'ragosamo. Pode ser da'rago weemo/samo?
- b. Eu vou trabalhar. Da'ragoti. Pode ser da'rago wee'/weesa?

26. Incerteza no passado vs inferencial vs assumido no passado

- a. As crianças já dormiram (sei porque é tarde)
- b. Talvez as crianças dormiram
- c. As crianças dormiram (não estão mais na cozinha)
- d. Meu marido foi pescar (sei porque é o horário que ele sai para pescar)
- e. Talvez meu marido foi pescar
- f. Meu marido foi pescar (sei porque os materiais de pesca não estão mais aqui)

27. Evidencia sensorial

- a. Você escuta sua filha Vanessa em casa. Para falar que ela está lá, você diz:

28. Você percebe que a farinha queimou e fala:

- a. Eu não mexi muito a farinha, aí ela queimou

APÊNDICE C- ALGUNS CONCEITOS DA LISTA DO *LEXIBANK* E EXEMPLOS ELICITADOS

Conforme explicitado na seção de metodologia no capítulo 1, elicitamos alguns exemplos ilustrativos de evidencialidade e modalidade com base na lista de conceitos do *Lexibank*. No quadro 35, exibimos alguns exemplos.

Quadro 48: conceitos do Lexibank e exemplos elicitados

CONCEITO	EXEMPLO 1	EXEMPLO 2
INIMIGO	‘Ela é minha inimiga.’	‘Não faz senão você vai virar meu inimigo.’
ILHA	‘Eu gostei da ilha.’	‘No rio, tem muitas ilhas.’
MANDIOCA E MANIVA	‘Eu quero maniva.’	‘Essa maniva é principal, é com ela que a gente vive.’
CHOVER	‘Tira as roupas, está chovendo.’	‘Quando é verão, chove pouco.’
DIVINDADE	‘Vamos respeitar eles, eles são divindades.’	‘Eu acredito em divindades.’
CANA DE AÇÚCAR	‘Eu quero tomar (caldo) de cana.’	‘Não deu para tirar caldo de cana.’
CRIANÇA	‘Eu gosto das crianças.’	‘Eduque bem as crianças.’
PROVAR COMIDA	‘Não dá para provar essa comida.’	‘Deixa eu provar esse vinho de pupunha.’
CHEIRAR	‘Cheirar rapé é muito bom.’	‘Cheire rapé para sentir bem.’
TORNOZELO	‘A arara mordeu meu tornozelo.’	
DOLOROSO	‘A picada da caba é muito dolorosa.’	‘Não suba naquele pé de abiu porque tem caba e sua picada é muito dolorosa.’
VESTIR	‘Vamos passear, vista a roupa.’	‘A roupa ta rasgada, não vista.’
FEDER	‘Isso estragou, tá fedendo.’	‘O peixe estragou ele ta fedendo.’
FEBRE	‘Ele ta com febre.’	‘Ele comeu muito peixe assado e ficou com febre.’
IDADE	‘Eu já vivi tantos anos.’	‘Com essa idade, eu não consigo pescar.’
SECA (TEMPORADA)	‘Lá no balaio está tendo tempo de seca, vou moquear peixe.’	
SALGADO	‘Eu não consigo comer, tá muito salgado.’	
QUEIMANDO	‘A roça está queimando.’	‘A roça queimou.’
ACHAR	‘Eu achei o terçado que eu perdi.’	‘Eu não achei minhas coisas.’

EMBAIXO	‘Pega meu terçado que está embaixo do banco.’	
CÉU (PARAÍSO)	‘Meu filho morreu, agora ele tá no céu.’	
CONVERSAR	‘Não deu para eu conversar com ela.’	
COURO	‘Eu preciso de couro de cutia que eu vou fazer tambor.’	
NÓ	‘Eu não sei desfazer esse nó.’	
GORDURA DE ANIMAL	‘Eu quero gordura de anta que eu vou passar no meu pescoço.’	
AMASSAR	‘Eu vou amassar bem direito, tem que amassar bem direito.’	
CARGA	‘Eu vou levar a carga na canoa.’	‘A carga tá muito pesada.’
ENCHER	‘O rio encheu.’	‘Ela encheu o pote de vinho de açai.’
VERDADEIRO	‘Esse aqui é o rapé verdadeiro.’	‘Fale o verdadeiro Tukano!’
CHEFE DA COMUNIDADE	‘Talvez, talvez o chefe da comunidade venha aqui em casa.’	
PULGA	‘A rede ficou cheia de pulgas.’	‘Não faz carinho no cachorro porque ele tá cheio de pulgas.’
BOLSA	‘Pega meu rapé que tá na bolsa.’	
ATRÁS	‘Ande atrás de mim.’	‘Minha casa é atrás da escola.’
SECAR	‘Seque a roupa!’	‘O rio secou.’
GAMBÁ (MUCURA)	‘Eu vi uma mucura na árvore.’	‘A mucura carrega os filhotes nas costas.’
CUPIM	‘Tão voando os cupins, vai dar piracema.’	‘Faz chá de cupim pra não dar doença.’
RONCAR	‘Ela dormiu e ficou roncando.’	‘Eu não consegui dormir porque ela roncou.’
FERVER	‘Já ferveu.’	‘Não deixa o leite ferver!..’
SUAR	‘Eu cheirei rapé e fiquei suada.’	‘Hoje tá quente e eu fiquei suada.’
SAIR	‘Eu vou sair.’	‘Minha mãe vai sair pra roça.’
RESPONDER	‘Quando minha mãe chamar, eu vou responder.’	‘Quando minha mãe chamar, eu tenho que

		responder, eu tenho que responder.'
POÇO	'Precisa chover porque o poço tá seco.'	'O poço tá vazio, tá seco.'
TOSSIR	'Parece que ele está doente. Está tossindo.'	
FEZES	'Aqui está cheirando a fezes.'	
MENINA	'Eu acho essa menina sabida.'	
AZEDO	'O limão é azedo.'	'O limão tem gosto azedo.'
ESCOLHER	'Tem que saber escolher um marido.'	
TABACO	'Antigamente plantavam muito tabaco.'	'Todo ano planto tabaco.'
ESCORPIÃO	'Tem muito escorpião aqui!'	
PULMÃO	'Ele está com o pulmão cheio de infecção.'	
CORTAR	'Não dá para cortar com essa faca. Está cega.'	
FRANGO	'O frango estragou. Tem que jogar fora.'	'Tenho certeza que o frango estragou! Percebi o cheiro.'
CAVERNA	'A onça está na caverna.'	
ESTRADA	'Terminaram a estrada!'	'Entrei na estrada errada!'
ESTÔMAGO	'Meu estômago tá doendo.'	
AZUL	'O céu é azul.'	
CANSADO	'Eu trabalhei o dia todo. Fiquei cansada.'	
COM SEDE	'Estou com sede.'	'Ela está com sede.'
CÉREBRO	'Meu cérebro está quente. Eu estou com dor de cabeça porque peguei muito sol.'	
QUEBRAR	'O motor da rabeta quebrou.'	
VARRER	'Eu tenho que varrer a casa'	'Você tem que varrer a casa.'
BURACO	'Abriu um buraco na estrada.'	'Não prestei atenção no buraco. Caí dentro dele.'
PLANTAR	'Ja dá para plantar a maniva.'	
PREGUIÇOSO	'Eu to com preguiça!'	'Eu acho ele muito preguiçoso.'
ESPINHO	'Ontem me feri com espinho'	
ENTERRAR	'Depois de enterrar a banana por três dias, ela amadureceu.'	
SOPA	'A sopa ferveu.'	'A sopa está fervida.'
LIMPO	'Eu vou escolher um lugar limpo para ficar.'	'Talvez tenham limpado o chão. Tá limpo.'

APRENDER	‘Eu estou aprendendo Tukano.’	‘Ele aprendeu a fazer vinho de pupunha.’
-----------------	-------------------------------	--

ANEXO A – HANDE HANDE 1

Abaixo, segue a transcrição, a tradução livre e as glosas do *Hande Hande* na página 86 desta dissertação:

Transcrição

1. hande hande niĩkã'samo, hande hande niĩkã'samo
2. mi'ĩre niĩapo', mi'ĩre niĩapo'
3. a'tĩgo pe'e, a'tĩgo pe'e
4. mi'ĩre niĩapo', mi'ĩre niĩapo'
5. ĩsá wiogíakã, ĩsá wiogíakã
6. misâre niĩapo', misâre niĩapo'
7. Dasêgoakã pe'e mi'ĩre niĩsamo, mi'ĩre niĩsamo, hande hande, niĩkã'samo
8. misâakã atĩapi, misâakã ĩ'yã
9. yoaró a'tĩapi misâakã ĩ'yã, po'teríkãhãrãre baa ĩ'yã
10. ĩyarã a'tĩapi misâakã, ĩ'yã, mi'ĩre niĩapo', mi'ĩre niĩapo'
11. hande, hande, hande, hande
12. ĩsâakã i'yã poteríkãhãrãakã i'yã, po'osêhe koori (?), misa, mi'ĩre niĩapo',
13. ĩsâre pehe ĩ'yãya, mi'ĩre, niĩapo', hande hande niĩkã'samo
14. yi'ĩakã pũrikã, i'yã, (?) po'osêhe koori,
15. maso, poterí kooãkã, mi'ĩre niĩsamo handeki hande, mi'ĩre niĩsamo hande hande mi'ĩre niĩsamo
16. yi'ĩ ĩsa po'oriakã ĩ'yã a'tĩ makare ĩ'yã (?)
17. noha paha ĩ'yã noyã marirã niirã weapi (?)
18. mi'ĩre niĩapi mi'ĩre niĩapi, handeki hande, mi'ĩre niĩsamo

Tradução livre

1. *Hande, hande*, ela fala, *hande, hande*, ela fala
2. Para você, ela fala, para você, ela fala
3. Essa aqui, essa aqui...
4. Para você, ela fala, para você, ela fala,
5. nosso chefinho, nosso chefinho
6. Ela fala para vocês, ela fala para vocês.
7. A Tukaninha aqui fala, ela, esposinha de Piratapuya aqui, fala para você, o *hande hande*, ela fala!

8. Vocêszinhos vieram, vocêszinho olham
9. De longe vieram vocêszinhos e olhem, para quem veio das cabeceiras, poxa, olhem!
10. Vocêszinhos que olham, vieram, olhem, ela fala para vocês, ela fala para você
11. *Hande, hande, hande, hande*
12. Nószechos, olha, da cabeceira, olha, fazemos Dabucuri, vocês, para você, fala ela
13. Olhe muito para nós, para você, ela fala o *hande hande*
14. Euzinha, olhem, faço a bebida forte
15. A mulher, elazinha da cabeceira, fala para você o *handeki hande*, para você, ela fala o *hande hande*, ela fala
16. (?)
17. (?)
18. Para você, eu falo, para você, eu falo, o *handeki hande*, ela fala.

Glosas

1. hande hande niĩkã'samo, hande hande niĩkã'samo
 hande hande niĩ-kã'-Ø-sa-mo, hande hande niĩ-kã'-Ø-sa-mo
 hande hande COP-ASS-PRES-NVIS-3FSG, hande hande COP-ASS-PRES-NVIS-3FSG
 '*Hande, hande, ela fala, hande, hande, ela fala.*'

2. mi'ĩre niĩapo', mi'ĩre niĩapo'
 mi'ĩ-re niĩ-a-po', mi'ĩ-re niĩ-a-po'
 você-OBL COP-PREC-REP.3FSG, você-OBL cop-PREC-REP.3FSG
 '*Para você, ela fala, para você, ela fala.*'

3. a'tĩgo pe'e, a'tĩgo pe'e
 a'tĩ-go pe'e, a'tĩ-go pe'e
 DEM-NMLZ.FSG em vez, DEM-NMLZ.FSG em vez
 '*Essa aqui, essa aqui...*'

4. mi'ĩre niĩapo', mi'ĩre niĩapo'
 mi'ĩ-re niĩ-a-po', mi'ĩ-re niĩ-a-po'
 você-OBL COP-PREC-REP.3FSG, você-OBL COP-PREC-REP.3FSG

‘Para você, ela fala, para você, ela fala,’

5. ãsã wiogíakã, ãsã wiogíakã

ãsã	wio-gi-akã,	ãsã	wio-gi-akã
nós.EXCL	chefe-NMLZ.NFSG-DIM,	nós.EXCL	chefe-NMLZ.NFSG-DIM

‘nosso chefinho, nosso chefinho.’

6. misãre niãpo’, misãre niãpo’

misãre	niã-a-po’,	misã-re	niã-a-po’
vocês-OBL	COP-PREC-REP.3FSG,	vocês-OBL	COP-PREC-REP.3FSG

‘Ela fala para vocês, ela fala para vocês.’

7. Dasêgoakã pe'e mi'ire niãsamo, mi'ire niãsamo, hande hande, niĩkã'samo

Dasê-go-akã	pe'e	mi'i-re	niĩ-Ø-sa-mo,
Tukano-NMLZ.FSG-DIM	em vez	vocês-OBL	COP-PRES-NVIS-3FSG

koô	Wa'ĩkĩhi	ni'mo-akã	pe'e	mi'i-re	niĩ-Ø-sa-mo
ela	Piratapuya	esposa-DIM	em vez	você-OBL	COP-PRES-NVIS-3FSG

hande hande, niĩkã'samo
hande hande, niĩ-kã'-Ø-sa-mo
hande hande, COP-ASS-PRES-NVIS-3FSG

‘A Tukaninha aqui fala, ela, esposinha de Piratapuya aqui, fala para você, o *hande hande*, ela fala!’

8. misãakã atĩapi, misãakã i'ya'

misã-akã	atĩ-a-Ø-pi,	misã-akã	i'ya-Ø-'
vocês-DIM	vir-PREC-VIS-1/2/INAN,	vocês-DIM	olhar-PRES.VIS-1/2/INAN

‘Vocêsinhos vieram, vocêsinho olham.’

9. yoaró a'tiapi misãakã i'yaã, po'terikahãrãre baa i'yaã

yoá-ro	a'tĩ-a-Ø-pi	misã-akã	i'ya-a
longo-GLOC	vir-PREC-VIS-1/2/INAN	vocês-DIM	olhar-IMP

po'té-ri-kahã-rã-re baa ã'yâ-a
 cabeceiras-PL.INAN-ORI-NMLZ.PL poxa olhar-IMP
 'De longe vieram vocês-zinhos e olhem, para quem veio das cabeceiras, poxa, olhem!'

10. ã'yarã a'tiapi misâakã, ã'yãa, mi'ïre niîapo,' mi'ïre niîapo'
 ã'ya-rã a'ti-a-Ø-pi misâ-akã, ã'yã-a
 olhar-NMLZ.PL, vir-PREC-VIS-1/2/INAN, vocês-DIM, olhar-IMP
 mi'ï-re niî-a-po,' mi'ï-re niî-a-po'
 você-OBL COP-PREC-REP.3FSG, você-OBL cop-PREC-REP.3FSG
 'Vocês-zinhos que olham, vieram, olhem, ela fala para vocês, ela fala para você'
11. hande, hande, hande, hande
12. ãsâakã i'yâa poteríkahãrãakã i'yãa, po'oséhe koori (?), misa, mi'ïre niîapo',
 ãsâ-akã i'yâ-a poté-ri-kahã-rã-akã i'yã-a
 nôs-INCL-DIM olhar-IMP cabeceira-PL.INAN-ORI-PL-DIM olhar-IMP
 po'ó-sehe koo-ri,
 fazer.Dabucuri-NMLZ.INAN líquido-PL.INAN,
 misa, mi'ï-re niî-a-po' koô
 vocês, você-OBL COP-PREC-REP.3FSG ela
 'Nós-zinhos, olha, da cabeceira, olha, fazemos Dabucuri, vocês, para você, fala ela.'
13. ãsâre pehe ã'yâya, mi'ïre, niîapo', hande hande niîkã'samo
 ãsâ-re pehe ã'yâ-ya, mi'ï-re, niî-a-po'
 nôs-OBL muito olhar-IMP, você-OBL, COP-PREC-REP.3FSG
 hande hande niî-kã'-Ø-sa-mo
 hande hande, COP-ASS-PRES-NVIS-3FSG
 'Olhe muito para nós, para você, ela fala o *hande hande*.'
14. yi'îakã pûrikã, i'yãa, (?) po'oséhe koori,
 yi'îakã pûrikã, i'yã-a, (?) po'ó-sehe koo-ri,

eu-DIM ser forte olhar-IMP fazer dabucuri-NMLZ.INAN líquido-PL.INAN

‘Euzinha, olhem, faça a bebida forte.’

15. maso, poterí kooãkã, mi'îre niîsamo handeki hande, mi'îre niîsamo hande hande mi'îre niîsamo

maso, poté-ri koô-ãkã, mi'î-re
mulher, cabeceira-PL.INAN ela-DIM, você-OBL

niî-∅-sa-mo, handeki hande

COP-PRES-NVIS-3FSG, handeki hande

mi'îre niî-∅-sa-mo, hande hande, mi'î-re niî-∅-sa-mo

você-OBL COP-PRES-NVIS-3FSG, hande hande, você-OBL COP-PRES-NVIS-3FSG

‘A mulher, elazinha da cabeceira, fala para você o *handeki hande*, para você, ela fala o *hande hande*, ela fala.’

16. yi'î isa po'oriakã î'ya a'tí makare î'ya (?)

17. noha paha î'ya noyã marirã niirã weepi (?)

18. mi'îre niîapi mi'îre niîapi, handeki hande, mi'îre niîsamo

mi'î-re niî-a-∅-pi, mi'î-re niî-a-∅-pi,
você-OBL COP-PREC-VIS-1/2/INAN, você-OBL COP-PREC-VIS-1/2/INAN,

handeki hande, mi'î-re niî-∅-sa-mo

handeki hande, você-OBL COP-PRES-NVIS-3FSG

‘Para você, eu canto, para você, eu falo, o *handeki hande*, ela canta.’

ANEXO B – HANDE HANDE 2

Abaixo, seguem a transcrição, tradução livre e glosas na íntegra do *Hande Hande* na página 87 desta dissertação:

Transcrição

1. Yîî nîâpî', yîî nîâpî', wîrâ pakó, nîâpî, î'yâa!
2. Yîî nîâpî, yîî nîâpî...
3. A'tigóakâre, yîî nîâpî
4. Yîî nîâpî: naâ wameó, naâ wameó, yîî nîâpî
5. Wîrâ pakó, yîî nîâpî, yîî nîâpî, yîî nîâpî
6. Naâ me'ra yîî kě'ra a'tore nîâsi baa
7. Yîî pō'ra, yîîre î'yâa, a'tigóakâre, î'yâa: i'tiarã bahuaáma baa!
8. Naâ mẽ'ra yîî kě'ra..tutú pesâgo yîî kě'ra weepî
9. mi'î dooró (?), mi'îre yîî mi'îre yěego'ti
10. Dasegó nîâpî, yîîakã, î'yâa, Wîrâ pakó, yîî nîâsi
11. Yîî nîâpî po'teríkãhago
12. Yîî nîâpî Dasegóakã, yîî nîâpî Ye'parioakã, yîî nîâpî Dasegó, î'yâa!
13. Wîrâ pakó, Wîrâ pakó, tuuni miigo (?) yîî kě'ra nîâpî, a'tî makâre î'yâa, nîâsamo a'tîgo

Tradução livre

1. Eu sou, eu sou, mãe de Desano, eu sou, olhem!
2. Eu sou, eu sou...
3. Para essazinha, eu falo.
4. Eu sou: tia deles, tia deles, eu sou
5. Mãe de Desano, eu sou, eu sou, eu sou
6. Com eles eu também estou aqui!
7. Meus filhos, olhem para mim, para essazinha, olhem: três nasceram!
8. Com eles eu também estou me fortalecendo.
9. (?), eu vou fazer brincadeira.
10. Eu sou Tukano, euzinha, olhem, mãe de Desano, eu sou.
11. Eu sou das cabeceiras.
12. Eu sou Tukaninhas, eu sou a Ye'pariozinha, eu sou Tukana, olhem!

13. Mãe de Desano, mãe de Desano, (?), eu também estou aqui, olhe para esta comunidade, ela fala!

Glosas

1. Yîî nîâpî', yîî nîâpî', wîrâ pakó, nîâpî, î'yâa!
Yîî nî-a-Ø-pî', yîî nî-a-Ø-pî',
eu COP-PREC-VIS-1/2/INAN, eu COP-PREC-VIS-1/2/INAN,
wîrâ pakó, nî-a-Ø-pî, î'yâ-a
Desano mãe, COP-PREC-VIS-1/2/INAN, olhar-IMP
'Eu sou, eu sou, mãe de Desano, eu sou, olhem!'

2. Yîî nîâpî, yîî nîâpî...
Yîî nî-a-Ø-pî, yîî nî-a-Ø-pî
eu COP-PREC-VIS-1/2/INAN, eu COP-PREC-VIS-1/2/INAN
'Eu sou, eu sou...'

3. A'tigóakâre, yîî nîâpî
A'tí-go-akâ-re, yîî nî-a-Ø-pî
DEM-NMLZ.FSG-DIM-OBL eu COP-PREC-VIS-1/2/INAN
'Para essazinha, eu falo.'

4. Yîî nîâpî: naâ wameó, naâ wameó, yîî nîâpî
Yîî nî-a-Ø-pî: naâ wameó,
Eu COP-PREC-VIS-1/2/INAN, eles tia,
naâ wameó, yîî nî-a-Ø-pî
eles tia, eu COP-PREC-VIS-1/2/INAN
'Eu sou: tia deles, tia deles, eu sou'

5. Wîrâ pakó, yîî nîâpî, yîî nîâpî, yîî nîâpî
Wîrâ pakó, yîî nî-a-Ø-pî,
Desana mãe eu COP-PREC-VIS-1/2/INAN,
yîî nî-a-Ø-pî, yîî nî-a-Ø-pî

eu COP-PREC-VIS-1/2/INAN eu COP-PREC-VIS-1/2/INAN

‘Mãe de Desano, eu sou, eu sou, eu sou.’

6. Naa me'ra yi'i kě'ra a'tore niĩasi baa

Naa me'ra yi'i kě'ra a'to-re niĩ-a-si baa

Eles com eu também aqui-OBL COP-PREC-NVIS.1/2/INAN poxa

‘Com eles eu também estou aqui!’

7. Yiĩ pō'ra, yiĩre i'yâa, a'tigóakāre, i'yâa: i'tiarã bahuáama baa!

Yiĩ pō'ra, yiĩ-re i'yâ-a, a'tí-go-akā-re, i'yâ-a

Eu filhos EU-OBL, olhar-IMP, DEM-FSG-DIM-OBL, olhar-IMP

i'tia-rã bahuá-a-Ø-ma baa!

três-PL nascer-PREC-VIS-3PL POXA

‘Meus filhos, olhem para mim, para essazinha, olhem: três nasceram!’

8. Naã mẽ'ra yi'ĩ kě'ra tutú pesâgo yi'ĩ kě'ra weeapi

Naã mẽ'ra yi'ĩ kě'ra..

eles com eu também

tutú pesâ-go yi'ĩ kě'ra wee-a-Ø-pi

fortalecer colocar-NMLZ.FSG eu também fazer-PREC-VIS-1/2/INAN

‘Com eles eu também estou me fortalecendo.’

9. mi'ĩ dooró (?), mi'ĩre yi'ĩ mi'ĩre yẽego‘ti

mi'ĩ dooró (?), mi'ĩ-re yi'ĩ mi'ĩ-re yẽe-go-‘ti

(?) você-OBL eu você-OBL fazer brincadeira-NMLZ.FSG-CTP

‘(?), eu vou fazer brincadeira.’

10. Dasegó niĩapi, yi'ĩakã, i'yâa, Wĩrâ pakó, yi'ĩ niĩasi

Dasé-go niĩ-a-Ø-pi, yi'ĩ-akã, i'yâ-a,

Tukano-FSG COP-PREC-VIS-1/2/INAN, eu-DIM, olhar-IMP,

Wĩrâ pakó, yi'ĩ niĩ-a-si

Desano mãe, eu COP-PREC-NVIS.1/2/INAN
'Eu sou Tukano, euzinha, olhem, mãe de Desano, eu sou.'

11. Yi'i niîapî po'teríkâhago

Yiñ	niñ-a-Ø-pi	po'té-ri-kâha-go
eu	COP-PREC-VIS-1/2/INAN	cabeceira-PL.INAN-ORI-FSG
'Eu sou das cabeceiras.'		

12. Yiî niîapi Dasegoakã, yiî niîapi Ye'parioakã, yiî niîapi Dasegó, ã'yâa!

Yi'ĩ	niĩ-a-Ø-pĩ		Dasé-go-akã,
eu	COP-PREC-VIS-1/2/INAN		Tukano-FSG-DIM
yi'ĩ	niĩ-a-Ø-pĩ		Ye'pario-akã
eu	COP-PREC-VIS-1/2/INAN		Ye'pario-DIM
yi'ĩ	niĩ-a-Ø-pĩ		Dasegó,
			ĩ'yâ-a!
eu	COP-PREC-VIS-1/2/INAN	Tukano-FSG-DIM,	olhar-IMP
'Eu sou Tukaninhas, eu sou a Ye'pariozinha, eu sou Tukana, olhem!'			

13. Wĩrâ pakó, Wĩrâ pakó, tuuni miigo (?) yĩĩ kě'ra niĩapi, a'tĩ makâre ã'yâa, niĩsamo a'tĩgo

Wĩrâ	pakó,	Wĩrâ	pakó,	tuuni miigo (?)
Desano	mãe,	Desano	mãe,	(?)
yiĩ kě'ra	niĩ-a-Ø-pi			
eu também	COP-PREC-VIS-1//2/INAN			
a'tî	makâ-re	ĩ'yâ-a,	niĩ-Ø-sa-mo	a'tî-go
DEM	comunidade-OBL	olhar-IMP	COP-PRES-NVIS-3FSG	DEM-FSG

‘Mãe de Desano, mãe de Desano, (?), eu também estou aqui, olhe para esta comunidade, ela fala.’